

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO

RACKEL HAGEN DE OLIVEIRA

**A GÊNESE DA TEORIA LACANIANA DO ESTÁGIO DO
ESPELHO: OS MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO.**

JUIZ DE FORA

2017

RACKEL HAGEN DE OLIVEIRA

**A GÊNESE DA TEORIA LACANIANA DO ESTÁGIO DO
ESPELHO: OS MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO.**

Dissertação apresentada ao Departamento de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos pré-requisitos para a obtenção do título de Mestre em psicologia. Área de concentração: História e Filosofia da Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Richard Theisen Simanke.

JUIZ DE FORA

2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Oliveira, Rackel Hagen.

A gênese da teoria lacaniana do Estágio do Espelho: os materiais para construção. / Rackel Hagen Oliveira. -- 2017.

92f.

Orientador: Richard Theisen Simanke

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em Psicologia, 2017.

1. Estágio do espelho. 2. Psicologia. 3. Psicanálise. 4. História. I. Simanke, Richard Theisen, orient. II. Título.

RACKEL HAGEN DE OLIVEIRA

**A GÊNESE DA TEORIA LACANIANA DO ESTÁGIO DO ESPELHO: OS
MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO.**

Dissertação apresentada ao Departamento de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos pré-requisitos para a obtenção do título de Mestre em psicologia. Área de concentração: História e Filosofia da Psicologia.

Aprovada em 17 de fevereiro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Richard Theisen Simanke
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Wilson Camilo Chaves
Universidade Federal de São João Del Rey

Profa. Dra. Cristia Rosineiri Gonçalves Lopes Correa
Universidade Federal de Juiz de Fora

RESUMO

Esta pesquisa propõe investigar as principais referências teóricas utilizadas por Jacques Lacan para a construção da teoria do estágio do espelho e visa especificar o papel desempenhado por cada uma delas nessa construção. O intuito é contextualizar os principais conceitos relevantes ao tema a partir das suas fontes primárias e analisar a arquitetura conceitual interna dos trabalhos elegidos – tendo em vista as produções do autor publicadas no final da década de 1930 até meados dos anos 1950. Com a finalidade de recapitular essa trajetória, este trabalho visa traçar a gênese teórica de alguns conceitos fundamentais que marcaram o pensamento lacaniano no início de sua obra e resgatar as origens dos principais alicerces a partir dos quais Lacan constrói a teoria do estágio do espelho. Dentro desse quadro, aborda-se as principais referências da psicologia infantil do desenvolvimento, presentes nas obras de Charlotte Bühler, James Mark Baldwin e, sobretudo, Henri Wallon. Em seguida, recupera os experimentos da psicologia comparada, nos estudos de Louis Bolk e Wolfgang Köhler. Por fim, a partir das evidências apresentadas, trata-se de situar, precisamente, as principais perspectivas que Lacan aborda e adere em seu objeto de estudo, evidenciando as diferenças de concepções adotadas, quando estas forem relevantes ou importantes para a compreensão da teoria.

Palavras-chave: estágio do espelho; psicologia; história; Lacan.

ABSTRACT

This research proposes to investigate the main theoretical references used by Jacques Lacan for the construction of the theory of the stage of the mirror and aims to specify the role played by each of them in this construction. The aim is to contextualize the main concepts relevant to the theme from their primary sources and to analyze the internal conceptual architecture of the chosen works - in view of the author's productions published in the late 1930s until the mid 1950s. To recapitulate this trajectory, this work aims to trace the theoretical genesis of some fundamental concepts that marked the Lacanian thought at the beginning of its work and to rescue the origins of the main foundations from which Lacan constructs the theory of the stage of the mirror. Within this framework, the main references of developmental child psychology are presented in the works of Charlotte Bühler, James Mark Baldwin and, above all, Henri Wallon. Then retrieves the experiments of comparative psychology in the studies of Louis Bolk and Wolfgang Köhler. Finally, from the evidence presented, it is a question of precisely situating the main perspectives that Lacan approaches and adheres to in his object of study, highlighting the differences of conceptions adopted, when these are relevant or important to the understanding of the theory.

Keywords: mirror stage; psychology; history; Lacan.

SUMÁRIO

Introdução	5
Capítulo 1 – O Estágio do Espelho. Dados Históricos e Apresentação Geral da Teoria	10
O Complexo do Desmame.....	20
O Complexo de Intrusão.....	23
A Imagem Especular.....	25
O Transativismo.....	30
Capítulo 2 – As Teorias do Desenvolvimento Infantil	35
Henri Wallon.....	39
Charlotte Bühler.....	54
James Marck Baldwin.....	61
Capítulo 3 – A Psicologia Comparada	71
Lodewijk Bolk.....	77
Wolfgang Köhler.....	81
Conclusão	85
Referências	88

INTRODUÇÃO

A ideia de uma relação dupla, incluindo o conflito em seu núcleo, é uma característica constante nos modos como Jacques Lacan formula a experiência humana ao longo de sua carreira. É a partir de uma luta entre atitudes opostas e de uma ambivalência geradora de composições dialéticas mentais que Lacan conceitua o advento do sujeito. Mas, ainda que ideias fundamentais subjazem ao escopo teórico lacaniano, tais proposições não estão isentas de possíveis mudanças conceituais e descritivas quando é colocado em questão os modos que Lacan emprega para articular o seu pensamento ao longo do tempo.

Tal constatação indica como emergente a necessidade de um acompanhamento histórico para a compreensão do percurso e dos próprios conceitos lacanianos. Isso é o que nos aponta, por exemplo, Vladimir Saflate (2009), ao defender que as modificações da teoria lacaniana são entendidas de modo claro a partir da noção de desenvolvimento do pensamento de Lacan desde seu início. E nesse sentido, é necessária a leitura de sua obra desde o começo, pois, a partir da compreensão do desenvolvimento cronológico de sua experiência é que se poderá compreender o processo de formação de seus conceitos e problemas.

Nada melhor do que seguir o desenvolvimento cronológico de sua experiência intelectual a fim de determinar o processo de formação de seus conceitos e problemas. Embora sua obra vá modificando paulatinamente o campo de interlocuções, as estratégias de problematização e o estilo de sua escrita, é inegável o esforço lacaniano em integrar desenvolvimentos recentes de seu pensamento a elaborações mais antigas. Esse é um ponto importante, porque a recorrência de certas questões é o que dá unidade a uma verdadeira experiência intelectual. Nesse sentido, devemos sempre nos perguntar: quais são as questões fundamentais que animam a trajetória lacaniana? (SAFLATE, 2009, p. 11-12).

Um dos modos de organizar a periodização da obra de Lacan é através de seus desenvolvimentos teóricos, ou seja, um recorte na conjuntura de suas produções. A partir desse modelo, três etapas se destacam: 1) de 1936 a 1953, quando foi desenvolvida a tópica do imaginário centrado na teoria do Estágio do Espelho; 2) de 1953 a 1964, momento em que Lacan desenvolve tópica do simbólico, quando formula a tese do inconsciente estruturado como linguagem; 3) de 1964 a 1980, período em que a ênfase esteve centrada na tópica do Real. Passa-se, então, a uma transformação do sentido originário de simbólico e imaginário (PETER, 2012).

Essa divisão cronológica indica que para cada período destacado acima há um Lacan distinto, ou seja, sustenta a existência de um primeiro Lacan, um segundo Lacan e um terceiro Lacan. Com efeito, esses esquemas intercalados de organização do percurso da obra lacaniana confirmam a intercorrência de seu pensamento. E como não é diferente, cabe aqui reafirmar que o estágio do espelho, tema desta pesquisa, está inserido neste longo processo teórico de Lacan.

Desse modo, torna-se possível constatar que, para a realização desse projeto, Lacan intercala em suas teses referências de variados autores, pensamentos e estilos teóricos. Nota-se em Lacan uma ampla apropriação de outros campos do saber, influências às suas produções teóricas, como pode ser notado em diversas referências encontradas em seus textos – cujas fontes são ora explícitas, ora implícitas. Referências, inclusive, indispensáveis para a concatenação de ideias relacionadas ao modelo do estágio do espelho e para a história inicial da trajetória lacaniana, que segundo Ogilvie (1991), estão inscritas no período de 1936-1949. Para fins dessa pesquisa, o objeto de estudo será delimitado aos anos citados acima, sem se esquecer, porém, que a teoria continuou em elaboração anos após essa data. Ou seja, o estágio do espelho ganhou novas compreensões ao longo da obra de Lacan. Sobre isso, Philippe Julien (1993) observa que o estágio do espelho está inscrito numa longa série no percurso lacaniano, que não é uniforme, mas sobre a qual pode-se inferir uma periodicidade:

De 1938 a 1952, em cada artigo publicado, Lacan expõe a especificidade do modo imaginário. Não é o ilusório, mas um objeto psíquico, com sua própria causalidade, não redutível ao orgânico. 2) De 1953 a 1960, Lacan, ao descrever o efeito do simbólico sobre o imaginário, modifica a apresentação do estágio do espelho em seus artigos e seminários, para relativizá-los enquanto submetido à ordem simbólica. Ele a formaliza com a escrita do esquema ótico. 3) Porém, de 1961 a 1980, ele dá ao estágio do espelho uma outra escrita, a topológica, com a introdução do olhar como objeto a, em lugar do Outro (JULIEN, 1993, p. 26).

Nota-se, portanto, que ao longo da obra lacaniana, as formulações teóricas acerca do estágio do espelho perpassam uma série de significativas modificações temáticas, sendo que, tal questão pode ser considerada como efeito das influências de pesquisas de outros autores. Estas contribuições, de partida, denotam a multiplicidade teórica da qual Lacan se cercou para construir tal noção temática, mas de maneira um tanto quanto atípica – talvez não para o modo específico lacaniano –, obscureceu algumas das suas referências primárias. A partir desse conjunto de fatores, torna-se relevante investigar e mapear os campos temáticos nos quais a

teoria do estágio do espelho está inserida, uma vez que, as produções subsequentes a respeito do tema, podem facilmente incorrer em reformulações e inflexões, ocasionando, por vezes, uma distorção e/ou sistematização da teoria.

Nesse sentido, convém lembrar, a grande influência que o termo estágio do espelho recebe na literatura psicanalítica e o uso, por vezes, delimitado do assunto. Isso é identificado, por exemplo, no modo utilizado por pesquisas em estudos psicanalíticos dos mais variados temas, em destaque: a tópica do imaginário, o tema da imagem do corpo, os fenômenos corporais, a dialética da constituição subjetiva, entre outros. Por se tratar de um termo amplamente conhecido e estudado pela comunidade psicanalítica – especialmente as de orientação lacaniana –, existe uma tendência de correlacioná-lo, de maneira unívoca, ao único trabalho publicado que faz menção direta ao tema, intitulado de *O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica*, publicado em 1949.

Considerado o último e mais conclusivo no que se refere às concepções do estágio do espelho, é frequente o delimitar a este texto como referência básica – e, às vezes, única – de qualquer temática conceitual relacionada ao assunto. Porém, como aponta Simanke (2002), de maneira geral, no texto de 1949 é possível identificar algumas questões afins a textos anteriores, no entanto, as tentativas de resposta passam por caminhos e referências extremamente diferentes. Simanke (2002) também marca a passagem das articulações estabelecidas na tese de doutoramento para uma teoria consolidada sobre o imaginário, entre os anos de 1936 e 1949, cujo ápice para o acabamento da teoria é a data de apresentação e publicação do texto de 1949, e, portanto, uma teoria refletida por diversos espelhos não planos, da psiquiatria, perpassada pela psicologia, sociologia, antes de findar numa teoria psicanalítica.

Pode-se deduzir que, tais dificuldades parecem efeito da própria leitura dada ao texto de 49, enquanto tentativa de compreendê-lo, pois, de fato, a escrita truncada de Lacan e as inúmeras fontes explícitas e implícitas com as quais o autor procura dialogar estão compiladas em apenas oito páginas. Trata-se de um texto apresentado numa comunicação realizada no XVI Congresso Internacional de Psicanálise, em Zurique, Suíça, no dia 17 de julho do mesmo ano já referido. Este artigo foi publicado em dois momentos distintos: em outubro-dezembro de 1949, publicado na *Revue Française de Psychanalyse*, n.4, e em 1966, publicado novamente, desta vez numa compilação de textos de Lacan reunidos sob o título de “Escritos” (1966). Ainda que o texto de 1949 tenha sido incluído na obra em 1966, existem rumores que tal fato somente

se deu após inúmeras revisões textuais do próprio Lacan em conjunto com o editor Jacques-Alain Miller.

Assim, a respeito desse período mais tardio, Simanke (2002) assinala que, as formulações teóricas lacanianas já apresentam traços nítidos da guinada estrutural que estaria por vir – principal perspectiva adotada por Lacan a partir do início dos anos cinquenta¹ –, em contraste com o tom “psicológico” que caracterizou as abordagens anteriores. Sendo assim, um dos pontos decisivos que demarcam tal mudança no ensino de Lacan, corresponde ao aparecimento de outras vertentes epistemológicas, como por exemplo, a Linguística de Ferdinand de Saussure, o Estruturalismo francês, principalmente, de Claude Lévi-Strauss, estando ainda, sob o signo de um retorno a Freud. No entanto, em detrimento das concepções psicológicas dos primeiros anos, a pretensão de Lacan consistirá menos no levantamento da obra de Freud e mais na construção teórica compatível com as características da ciência concreta. Pois, somente a partir de 1953, a psicanálise não se apresentaria como mais uma possível influência entre tantas outras nas proposições lacanianas, tornado-se ela a própria a questão fundamental de seu pensamento.

Apesar da elaboração teórica do estágio do espelho se encontrar originalmente nos antecedentes lacanianos, ainda existe uma tendência em conceber que as principais indicações de inclusão para a concepção do tema ocorreram desde o início dos anos 50 até o final dos anos 80, tempo em que o autor realizou os seus chamados seminários² – hoje convertidos em livros – em importantes instituições de ensino da França. No entanto, Jalley (2009) comenta que, desde 1950, na França, as relações entre a psicologia e a psicanálise se apresentavam, em muitos casos, com um aspecto conflituoso, nos quais estariam implicadas disputas de opiniões, conflitos de interesses e paixões grupais, cujo clima se revela pouco favorável ao surgimento de uma autêntica pesquisa histórica das ideias científicas. Essa reviravolta dos anos cinquenta foi progressivamente acentuada e ampliada, sendo o próprio Lacan um dos agentes responsáveis pela sua ocorrência. A autora assinala que, como consequência disso, atualmente na tradição

¹ Em 1950, Lacan começa o retorno aos textos de Freud, baseando-se, ao mesmo tempo, na filosofia heideggeriana, nos trabalhos da linguística saussuriana e nos de Lévi-Strauss. Da primeira, adotou um questionamento infinito sobre o estatuto da verdade, do ser e de seu desenvolvimento; da linguística, extraiu sua concepção de significante e de um inconsciente organizado como uma linguagem; do pensamento de Lévi-Strauss deduziu a noção de simbólico, que utilizou em uma tópica (simbólico, imaginário, real), assim como uma releitura universalista da interdição do incesto e do complexo de Édipo (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 448).

² Os seminários consistiram em momentos nos quais Lacan falava a um público de alunos e seguidores. Começaram oficialmente em 1951 e tiveram continuidade até o ano de 1980. As falas do psicanalista eram gravadas por seus alunos e posteriormente transcritas pelos mesmos. A partir de 1973, passam a ser redigidas versões de transcrição em coautoria com Jacques-Alain Miller.

psicanalítica é frequente o interesse pela obra de Lacan estar voltado, principalmente, para os aspectos doutrinários que lhes dizem respeito, o que, por vezes, estaria ligado à própria prática clínica. Mas apesar disso, na realidade, Lacan teria demonstrado o interesse pelo pensamento psicanalítico a partir do final da década de trinta, e paralelamente, neste mesmo período, se apropriou do que de melhor havia na psicologia infantil. Essa influência pode ser considerada uma referência exemplar para elaboração do estágio do espelho, apesar do empenho de Lacan tê-la considerado apenas indiretamente. Por essa razão – além dos notáveis empréstimos feitos por outras teorias – foram esses os selecionados como objeto das análises que esta pesquisa pretende conduzir.

Diante dessas considerações, torna-se relevante realizar uma investigação detalhada desse quadro em torno das teorias de diversos pensadores da época, em diferentes áreas conceituais da psicologia, que de alguma maneira influenciaram a teoria do estágio do espelho. Assim, retomar suas produções antecedentes, geralmente mais extensas e detalhadas, talvez seja uma boa maneira de identificar as nuances e meandros da teoria, já que o estágio do espelho comporta uma multiplicidade temática que necessita ser investigada, a fim de abrir as possibilidades de leitura, para que essa concepção seja compreendida na sua própria extensão teórica. De tal modo que, torna-se descontextualizado atribuir a teoria do estágio do espelho somente ao constructo teórico essencialmente delimitado por uma teoria do imaginário, donde se enlaça também as concepções de “corpo” e “eu”. Dessa forma, torna-se justificável a análise da investigação teórica de outros estudiosos contemporâneos e, precisamente, das principais perspectivas que Lacan aborda e adere em seu objeto de estudo, evidenciando, de passagem, as diferenças de concepções adotadas, quando estas forem relevantes ou importantes para a compreensão da teoria.

A partir dessa diretriz, o presente trabalho se ocupa em investigar as principais referências teóricas utilizadas por Jacques Lacan para a construção da teoria do estágio do espelho e busca especificar o papel desempenhado por cada uma delas nessa construção. Portanto, para delinear as principais questões que orientam as investigações dessa pesquisa, convém apresentar algumas estratégias fundamentais utilizadas por Lacan, que se apresentam como imprescindíveis para construção e compreensão da temática central do estágio do espelho, dado que elas reaparecem sistematicamente em suas exposições. Com a finalidade de recapitular essa trajetória, esse trabalho tem como intenção traçar a gênese teórica de alguns conceitos fundamentais que marcaram o pensamento lacaniano no início de sua obra e resgatar as origens dos principais alicerces a partir dos quais Lacan constrói a teoria do estágio do

espelho. O intuito é contextualizar os principais conceitos relevantes ao tema a partir das suas fontes primárias, para então analisar a arquitetura conceitual interna dos trabalhos elegidos – tendo em vista as produções do autor publicadas no final da década de 30 até meados dos anos 1950.

A dissertação será desenvolvida por meio de uma análise minuciosa da obra de Lacan a partir dos principais artigos que fazem menção direta ao tema, a saber: *Algumas reflexões sobre o ego*, de 1936; *Os complexos familiares na formação do indivíduo*, de 1938; *Formulações sobre a causalidade psíquica*, de 1946; *A agressividade em Psicanálise*, de 1948 e *O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica*, de 1949. Utiliza-se como método a análise bibliográfica dos principais autores influentes na construção da teoria de Lacan. São eles: Henri Wallon (1879 – 1962), Wolfgang Köhler (1887-1967), James Mark Baldwin (1861-1934), Charlotte Bühler (1893-1974) e Louis Bolk (1866-1930).

CAPÍTULO 1

O Estágio do Espelho: Dados Históricos e Apresentação Geral da Teoria.

A sistematização das principais formulações teóricas acerca da teoria do estágio do espelho ocorreu durante o período aproximadamente delimitado entre 1936 e o início da década de 1950. A primeira apresentação sobre o tema foi realizada por Lacan numa reunião da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP), em 16 de junho de 1936, sob o título de *The Looking-Glass Phase*. Lacan não entregou ou publicou qualquer material desta apresentação a SPP. Dessa ocasião, consta-se que a psicanalista francesa Françoise Dolto (1908-1988) anotou em tópicos algumas questões levantadas naquele momento. Estas anotações foram publicadas sob o título de “Notas de Françoise Dolto na S.P.P., de 16 de junho de 1936”, no *International Journal of Psychoanalysis*, em 1937.

A historiadora Elisabeth Roudinesco (1994), recuperou a palestra perdida nos arquivos de Françoise Dolto e indicou que esta corrobora com a afirmação de que a discussão do estágio do espelho, realizada em 1938 (*A Família*), reitera as principais ideias do seu trabalho inédito. As notas de Dolto sobre a palestra em Paris poderiam ser usadas para preencher o espaço em branco sob o título *The Looking Glass Phase*. Os registros destas notas estão divididos em nove partes: 1) o sujeito e o eu; 2) o sujeito, o eu e o corpo próprio; 3) a expressividade da forma humana; 4) a libido da forma humana; 5) a imagem do duplo e a

imagem especular; 6) libido ou desmame e instinto de morte, destruição do objeto vital e o narcisismo; 7) seu elo com o simbolismo fundamental no conhecimento humano; 8) o objeto encontrado no Édipo; 9) valores dos sintomas narcísicos: os gêmeos (ROUDINESCO, 1994, p. 33-34). Apesar desta referência publicada, Jane Gallop (1992) questiona sua veracidade, pois de fato esta primeira apresentação encontra-se não publicada sob a rubrica de Lacan. Os motivos da ausência de material não foram revelados ou discutidos, de tal modo que a autora questiona, “Por onde começar? Quando se trata de ler Lacan ou mesmo sobre as fontes do estágio do espelho, dado que este tema é a tese do primeiro trabalho de Lacan apresentado num congresso de Psicanálise. (1992, p77-78).

Boni Junior (2010) faz uma análise a respeito do título em inglês apresentado na SSP e busca compreender a pretensão de Lacan na escolha de tal cabeçalho. Para o autor, o termo *The Looking-Glass Phase* pode ser traduzido de diversas maneiras para o português, entretanto, uma das conjugações possíveis implica numa fase cuja função do olhar se dá através da superfície do vidro ao refletir uma imagem. Assim, o termo usado na língua inglesa pode se referir ao modelo do espelho na época vitoriana, quando o homem utilizava o vidro como material para ver nuances do próprio reflexo. A palavra correlata para o modelo seria *mirroir*, que também pode ser empregada como verbo, com o qual se exprime a ideia de igualdade e cópia. Boni também considera que, em 1936, os dois termos poderiam ser empregados por Lacan, o que o leva a considerar tanto a escolha da expressão *looking-glass*, quanto a ideia subjacente a ela, ou seja, a escolha de Lacan perpassa a concepção de uma superfície refletora que permite tanto o reflexo da imagem quanto a presença da cena por detrás da superfície.

Dois meses após a apresentação na SSP, a temática é retomada por Lacan sob o título *O estágio do espelho. Teoria de um momento estruturante e genético da constituição da realidade, concebido em relação com a experiência e a doutrina psicanalítica*, no Congresso *International Psychoanalytical Association (IPA)*, em Marienbad. (ROUDINESCO, 1994, p. 484). Na ocasião, Lacan comparecia pela primeira vez a um evento da IPA, mas logo no início de sua fala, o presidente da mesa, Ernest Jones, o interrompeu e deu por encerrada a comunicação. Segundo Roudinesco (1994), nesta época, Lacan mantinha-se em posição tangencial na comunidade psicanalítica e pouco influente nas instituições de estudos. Especula-se que essa interrupção possivelmente ocorreu em virtude do anonimato do autor e da própria extensão da apresentação e problemática em torno do tema exposto por ele.

Ao que consta, a apresentação de Marienbad é a releitura do que fora apresentado na reunião de junho na SPP – *The Looking-Glass Phase* –, embora haja um segundo título para o

trabalho. Com efeito, é no congresso em Marienbad (1936) que Lacan afirma introduzir o tema do estágio do espelho: “a concepção do estágio do espelho que introduzi em nosso último congresso, há treze anos, não me pareceu indigna, por ter-se tornado mais ou menos de uso comum no grupo francês, de ser novamente trazida à atenção de vocês” (LACAN, 1998, p. 96). Ainda que Lacan marque o impacto do tema do espelho na comunidade psicanalítica, ele não entregou qualquer material para os anais de Marienbad. (Roudinesco, 1988; 1994),

Ainda neste período, há outro artigo que faz menção ao tema do espelho, intitulado de *Para-além do princípio de realidade*, de 1936, publicado pouco depois daquele de Marienbad, que evidencia os questionamentos a conduzir as investigações de Lacan. "Através das imagens, objetos de interesse, como se constitui essa realidade em que se concilia universalmente o conhecimento do homem? Através das identificações típicas do sujeito, como se constitui o *eu*, onde é que ele se reconhece?" (LACAN, 1936, p. 95). No entanto, tais questões levantadas somente serão esclarecidas no decorrer de sua obra, mas cuja resposta já possui uma direção neste mesmo texto. Conceitos como *imagem*, *complexo* e *identificação* começam a delinear o caminho traçado por Lacan e desdobrado em publicações posteriores. Sobre o texto *Para além do princípio da realidade*, Roudinesco (2008), comenta que é possível vislumbrar aí a melhor definição da noção do estágio do espelho até 1938. Trata-se do registro de uma explanação feita por Lacan no *International Journal of Psychoanalysis*, datada de 1937. Consta no texto o comentário:

Trata-se dessa representação narcísica que tentei expor no congresso internacional ao falar do 'estágio do espelho'. Essa representação explica a unidade do corpo humano; por que essa unidade deve afirmar-se? Precisamente porque o homem sente de maneira mais penosa a ameaça desse despedaçamento. É nos seis primeiros meses de prematuração biológica que vem fixar-se a angústia (LACAN apud ROUDINESCO, 2008, p. 159).

Já neste período, Lacan busca condições para discutir a organização psíquica em torno da necessidade do ser humano se desenvolver a partir da relação com o outro, em virtude de uma ausência específica, encontrada na esfera biológica. Tal questão será retomada ao longo de toda a teoria do estágio do espelho. Sobre esse texto, Arantes (1992) também indica:

A fase do espelho já está presente no enunciado de nosso autor: uma constituição por identificação, na qual o papel determinante cabe à forma ou imagem. É uma imagem de tal modo concebida que fica eliminado qualquer confronto exterior a um sujeito que parece de fato reagir a si mesmo. Vem daí a dependência do sujeito: ele se expõe [...] como quem se 'abre' à

transcendência por uma desigualdade interna – por uma deficiência íntima ele institui a instância que irá apanhá-lo (ARANTES, 1992. pp. 66-67).

Seguindo esse percurso inicial, Roudinesco (1988) informa que em 1937 o psicólogo Henri Wallon propõe à Lacan que desenvolva um texto sobre a experiência do espelho, a fim de compor um número especial da *Encyclopédie française*, com o título *A família*. Esse texto foi publicado em 1938, e posteriormente, incluído na obra “Outros Escritos”, com o título *Os Complexos Familiares na Formação do Indivíduo*.

Em 1949, Lacan retoma o tema do estágio do espelho, após uma década sem publicação. Neste retorno, o autor faz uma leitura de sua teoria a respeito do estágio do espelho como formador da função do eu, a partir da experiência psicanalítica. Diferentemente do ocorrido em 1936, entrega o material para os anais do congresso e publica na *Revue Française de Psychanalyse*. Pela ausência de material das primeiras apresentações e ainda a referência indireta entre *Estágio do Espelho* e *Complexos Familiares*, costuma-se exclusivamente vincular a teoria do estágio do espelho ao texto de 1949. Entretanto, esta posição deve ser reconsiderada, visto que em 1948, em *Formulações sobre a causalidade psíquica*, Lacan anuncia mais uma vez que é possível encontrar o essencial de sua comunicação de 1936 no artigo sobre a família, publicado em 1938.

A fim de situar esse passo inicial teórico de Lacan, Bertrand Ogilvie (1991) aponta que essa história é atravessada pelos resquícios do doutoramento em medicina que Lacan concluiu em 1932, quando suas interrogações se atrelavam mais à postura de médico e psiquiatra francês de formação tradicional que à psicanálise, o que representaria em uma espécie de legado da tese de doutorado para com as investigações teóricas posteriores: “[...] terminada sua tese, podemos supor que Lacan empreende o cumprimento do programa que traçou para si: elucidar este obscuro narcisismo primário, precisar sua articulação com a situação social que o circunda” (p. 101).

Percebe-se com essa história que a questão do narcisismo se torna um tema recorrente nos antecedentes lacanianos. Contudo, para as conceituações sobre o estágio do espelho, há a necessidade de acompanhar a ampliação que Lacan faz a temática da constituição do eu a partir da identificação com uma imagem, sendo que sua articulação apresenta uma série de outros elementos relevantes de serem considerados.

Para o autor, a primeira abordagem descritiva do estágio do espelho se apresenta como uma gênese do sujeito psicológico. É possível perceber entre a tese de doutorado de Lacan – *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade* (1932) – e o texto acerca dos

complexos familiares (1938) uma continuidade direta, que se traduz em termos das respostas que o segundo trabalho procura dar às questões herdadas do primeiro. Questões que se configuram em torno de duas diretrizes: a formalização de uma ciência psicológica às alturas de uma abordagem concreta acerca da realidade humana e a resposta ao processo de constituição do sujeito, a saber, a gênese do eu e a dependência do sujeito, que remete ao papel do meio social. De fato, neste percurso inicial, o contexto social tem uma função crucial para a determinação do sujeito, uma vez que, Lacan delineia o crescimento contínuo da criança dentro de uma configuração realista de relações familiares, um modo descritivo cuja filiação genérica é uma realidade psicológica.

Retomando o texto de 1938, Ogilvie (1991) indica que os propósitos de Lacan, parecem aderir, ainda que muito sutilmente, à concepção descontinuísta da relação entre o sujeito e o seu meio ambiente, uma vez que, nesse momento, a reflexão lacaniana perpassa um complexo de elementos fisiológicos e psicológicos, onde se destaca a formação do indivíduo como instância no “eu”, originalmente inserido num sistema de comportamentos. Trata-se de conceber um lugar de realce para explicação da influência do meio – concepção que se prolonga desde a tese³ –, lugar agora ocupado pela família, dentro da qual Lacan procura instituir o surgimento do sujeito psicológico, construído a partir das vicissitudes identificatórias envolvendo os personagens interiores do grupo familiar.

Para especificar o pensamento lacaniano a respeito do processo da identificação, enquanto uma operação psíquica, Simanke (2002) assinala que os termos defendidos por Lacan para o projeto da psicologia serão desenvolvidos em torno das identificações cruciais entre os membros do grupo familiar. Essas promovem no sujeito o estabelecimento de relações psíquicas típicas, que constituem um modo particular de governar suas relações posteriores. Por essa via, a hereditariedade social fornece a tese que Lacan pretende estabelecer, uma vez que ela atende aos fatores constitucionais da gênese e do determinismo esperados para a subjetividade. Pois este é o lugar que a instituição familiar vem ocupar, estabelecendo “[...] desse modo, entre as gerações, uma continuidade psíquica, cuja causalidade é da ordem do mental” (LACAN, 2003, p. 40).

³ “Uma escola de biologia de importância capital elaborou em seu pleno valor essa noção de meio próprio a um ser vivo dado; o meio, definido, por essa doutrina, parece de tal modo ligado à organização específica do indivíduo que, de certa forma, faz parte dele. Vê-se que, em nossa concepção, aqui concordante com a de Aristóteles, o meio humano, no sentido que lhe dá Uexkull, seria por excelência o meio social humano” (LACAN, 1987/1932, p. 345, grifos do autor).

Desse modo, a família é uma tentativa de colocar em ação esse empreendimento teórico que envolve uma determinada situação social e uma dinâmica de identificação com os personagens do drama familiar. Esta situação externa atrelada a uma vivência psíquica é o modo pelo qual Lacan define o complexo. Um conjunto de reações, tanto físicas quanto emocionais, que reproduz uma determinada realidade. Esta reprodução ocorre de duas maneiras: primeiro, na sua forma, o surgimento de um complexo reflete um momento específico do desenvolvimento psíquico; segundo, na sua atividade, uma realidade que foi inscrita poderá ser repetida sempre que um evento exigir uma manifestação psíquica ou uma resposta do sujeito. Trata-se, então, do complexo que organiza o desenvolvimento psíquico e que, quando solicitado, ressurgir a partir da reorganização do precipitado de outros conflitos vividos. Isso quer dizer que um novo acontecimento depende da retomada de vivências anteriores. Sendo assim, por ser esse o modo de organização de um complexo – de inscrever uma vivência e de ressurgir como fundo para a possibilidade de compreensão de um novo vivido –, é possível pensá-lo como um momento intermediário entre o social e o psíquico e, portanto, dependente da cultura local, da família e das constituições das relações sociais de um sujeito.

Todavia, essa formalização que Lacan dá para o conceito de complexo recusa a noção de complexo em Freud⁴, pois a reordena a partir de uma psicologia que atribui às relações sociais a possibilidade de uma vida psíquica. Lacan visa eleger uma noção que dê conta do fenômeno psicológico na relação do sujeito com o complexo, produzido pela realidade familiar. Essa noção é designada pelo nome de *imago* e refere-se ao processo psicológico que um sujeito vive através do complexo, uma imagem submetida à subjetividade. A imago pode ser descrita como uma imagem unida aos afetos que se manifestam no complexo e, a partir da posição subjetiva em que o sujeito se identifica, passa a interpretar a realidade em que está inserida. A imago responde por uma instância psicológica e o inconsciente só pode ser considerado na obra de Lacan – neste momento – como falta de consciência, um conceito meramente descritivo e

⁴ O complexo é definido por Freud como um evento inconsciente, intrapsíquico, constituído por fantasias que partiam de uma fonte constitucional ou endógena. Os complexos de Édipo e de Castração nas suas manifestações não são dirigidos pela consciência, mas através das pulsões, noções designadas por Freud com uma fonte endógena. No momento em que Lacan se encontrava, sua leitura do conceito de pulsão (*Trieb*) se fazia de acordo com a tradução inglesa da obra de Freud, a saber, como instinto, remetendo esta noção a um biologismo que Lacan recusava, visto que seu percurso até aqui era formalizar uma teoria que revelasse a questão da constituição do sujeito pelo social em detrimento da natureza. A obra sobre a família tem este intuito: trazer para cultura aquilo que em Freud, segundo Lacan, era biológico. “Lacan repudiará mais uma vez (como fizera na Tese) o substancialismo da metapsicologia freudiana em nome de uma concepção ‘relativista’ dos fatos psíquicos, como ressalta no privilégio que concederá à noção de complexo” (ARANTES, 2003. Pág. 45).

não como um campo psíquico que causa o sujeito humano. Para o termo *imago*, Lacan o descreve como elemento fundamental e paradoxal do complexo, ao tratá-lo por “representação inconsciente”, como Freud anteriormente definiu (LACAN, 2003, p. 35). Ou seja: “complexos, *imagos*, sentimentos e crenças serão estudados em sua relação com a família e em sua função do desenvolvimento psíquico que organizam desde a criança na família até o adulto que a reproduz” (LACAN, 2003, p. 30).

Em síntese, Lacan procura sustentar a organização e os princípios reguladores do funcionamento psíquico, a partir da relação entre *complexo* e *imago* – ambas as noções se encontram no cerne da formação do indivíduo –, cuja interface exerce a determinação social sobre a esfera subjetiva. Esses princípios ocupam, nesse momento do pensamento lacaniano, um lugar de destaque, uma vez que “complexos e *imagos* revolucionaram a psicologia e especialmente a da família, que se revelou como o lugar de eleição dos complexos mais estáveis e mais típicos: a família tornou-se o objeto de uma análise concreta” (LACAN, 2003, p. 18).

Assim, Lacan (2003) apresenta a família na sua função de geradora física e psíquica e tenta, através de uma perspectiva psicológica, formalizar uma teoria sustentada por conceitos que pudessem responder sobre o surgimento do sujeito psicológico. Tudo isso cercado pela tentativa de produzir uma ciência sob a ótica dos métodos da psicologia concreta, isto é, como objeto de observação e análise. Entretanto, o motor maior que impulsiona o sujeito à identificação com uma série de imagens é, demarca, a insuficiência vital que constitui exclusivamente a vida humana, já que o indivíduo humano ao nascer carece de uma determinação biológica eficaz. A este respeito, na introdução do texto sobre “*A família*”, Lacan incita a função desse aspecto, enquanto fundamental para a teoria:

Esse resultado não é o fato contingente de uma etapa redutível da teoria; é preciso reconhecer nele, traduzido em termos psicológicos, mas conforme ao princípio preliminarmente colocado, esse caráter essencial do objeto estudado: seu condicionamento por fatores culturais, à custa dos fatores naturais (LACAN, 2003, p. 15).

Simanke (2002) demarca que, em suma, o que Lacan pretende efetuar, se traduz num esforço para dar lugar à noção de *imago*, expresso entre um aspecto vital e ao mesmo tempo social, na medida que este padece de um vazio orgânico originário, que explicaria a prevalência compensatória imaginária do homem e, dessa forma, permitiria conceber a psicologia como ciência concreta ao eleger este imaginário como objeto. Pois, segundo Lacan, “[...] seja como for, não se deve hesitar em reconhecer, nos primeiros meses de vida, uma deficiência biológica

positiva e em considerar o homem como um animal de nascimento prematuro” (LACAN, 2003, p. 24).

Lacan utiliza a noção da prematuração do homem no momento de seu nascimento, da biologia, em especial dos trabalhos embriológicos de Lodewijk Bolk. O homem nasce num estado ainda *fetalizado*, com grande atraso no desenvolvimento de uma série de funções e órgãos, inclusive a ausência de mielina no sistema piramidal – aspecto frequentemente citado por Lacan –, que fundamenta a falta de coordenação motora do bebê.

Dessa forma, o ponto de apelo biológico para um modo propriamente humano de desenvolvimento, representa uma defasagem fundamental, uma vez que, essa debilidade fisiológica primitiva é manifestada como anterior ao surgimento do eu, e acarreta uma incapacidade nativa peculiar às funções de relação. Sobre isso, Jalley (2009) assinala que a originalidade do trabalho teórico apresentado por Lacan no artigo sobre *A família* está relacionada com a prevalência maior ao tema da prematuração propriamente dito, visto que, esse conceito possui uma importância central no seu pensamento, pois todas as outras noções mencionadas estão subordinadas a ele.

Nesse sentido, Lacan especifica que nos primeiros meses de vida, o corpo humano vivencia uma experiência de total impotência biológica e assinala que, tal insuficiência orgânica, característica exclusiva do filhote humano, evidencia os sinais de um ser prematuro no que diz respeito tanto aos aspectos fisiológicos, neurológicos e humorais durante o período dos meses neonatais, demonstrando uma insuficiência adaptativa e nutritiva em relação às condições do ambiente devido ao rompimento do equilíbrio parasitário da vida intrauterina. Por meio dessa discórdia primordial, Lacan considera que o fato de nascer prematuro não permite ao homem o estabelecimento de relações fisiológicas suficientes com o meio.

Todavia, a teoria da prematuração permite Lacan apontar que o eu, o outro e o objeto não são originários do sujeito, dado que a consciência não tem a capacidade de organizar o caos orgânico originário, pois lhe escapa quase toda a vida do organismo. Assim, falta principalmente ao recém-nascido o esquema mental de unidade do corpo próprio que lhe permite operar distinções entre interno e externo, já que “[...] as sensações extero-, próprio- e interoceptivas ainda não estão, após o décimo segundo mês, suficientemente coordenadas para que seja concluído o reconhecimento do corpo próprio, nem correlativamente a noção do que lhe é exterior” (2003, p. 21). A vetorização da organização de uma imagem do corpo próprio não se realiza de modo imediato, tampouco é feita uma junção com a imagem pré-definida do eu no psiquismo. Lacan (2003) afirma que, inicialmente, não há imagem do eu. Desta forma, a

definição de imago conota diretamente uma formação de traço psíquico do sujeito em sua relação com o mundo, numa ordem de representação inconsciente, que nada se relaciona com o conhecimento definitivo do adulto (p. 37).

A imago e o complexo são noções próximas; relacionam-se ambas com o mesmo domínio, as relações da criança com o seu meio familiar e social. Mas o complexo designa o efeito sobre o sujeito da situação interpessoal no seu conjunto; a imago designa uma sobrevivência imaginária deste ou daquele participante da situação. Define-se muitas vezes a imago como “representação inconsciente”; mas deve-se ver nela, em vez de uma imagem, um esquema imaginário adquirido, um clichê estático através do qual o sujeito visa o outro. A imago pode, portanto, objetivar-se tanto em sentimentos e comportamentos como em imagens (LAPLANCHE; PONTALIS, 2000, p. 235).

Assim, a própria formação da imagem ocorre da apreensão de sua relação com os outros, e da introjeção destes como traços psíquicos que compõem imagos. Simanke (2002) comenta que a promoção do conceito de imagem, seria sustentada por Lacan em virtude de a essência do fato psíquico adquirir o seu significado através da imagem somente enquanto uma forma, o que implica que seus elementos não adquirem sentido senão a partir da totalidade que ela constitui, e é somente enquanto totalidade que ela pode desempenhar essa função de informação. Trata-se, assim, de um conceito capaz de responder questões ainda pendentes na conclusão da Tese, bem como, afastar o conceito de imagem – reduzida à função de ilusão – dos termos em que a psicologia tradicional a abordava. Para que esses propósitos se cumpram e produzam algo semelhante à psicologia científica, Lacan irá delimitar o campo específico da explicação psicológica às relações sociais e às condutas efetivas, enquanto estas manifestarem em irrupções de afetos, ou seja, somente serão psíquicas na medida em que alcançarem sua expressão numa imagem, ou, em outras palavras, a incorporação de certas imagens fundamentais, denominado de imagos, que permitirão o advir do sujeito psicológico, cuja forma mínima será o eu ou à personalidade.

Simanke (2002) assinala que, para a posição científica da psicologia, Lacan postula como necessário uma teoria do imaginário, partindo dos conceitos freudianos de narcisismo e identificação, corrigidos por um projeto epistemológico bastante complexo. Segundo Jalley (2009), a contribuição do par prematuração-imaturidade implica um dos pontos de partida das elaborações lacanianas acerca do estágio do espelho. Pois é bem essa linha específica de pensamento que Lacan pretende conceber, na medida em que suas concepções se associam às ideias relativas ao laço do vazio orgânico e ao desamparo enquanto originários da espécie

humana e, simultaneamente, conferem a emergência do eu, como princípio do modo da relação imaginária.

Eis, portanto, alguns dos principais alicerces teóricos a que Lacan recorre para construir uma teoria que pudesse dar conta do dilema fundamental da especificidade do indivíduo humano – na medida em que este comporta uma falha biológica – e que, ao mesmo tempo, enuncia uma nova psicologia de reformulação do conceito freudiano de narcisismo – no caso, o estágio do espelho. Contudo, suas premissas iniciais se apresentam numa perspectiva ainda distante da psicanálise e, de acordo com Simanke (2002), percorrem duas estratégias metodológicas distintas:

Numa estratégia de substituição, que propõe alternativas para os conceitos freudianos mais inclinados ao biologismo, e uma estratégia de ressignificação, que dá novas acepções aos termos empregados por Freud, a partir de uma fundamentação extra psicanalítica (SIMANKE, 2002, p. 160-161).

Para Jalley (2009), é plausível pensar que o empreendimento teórico de Lacan em 1938 foi motivado, em grande parte, pela constatação das dificuldades teóricas no pensamento freudiano a respeito do conceito de identificação primária. A própria concepção geral do texto exprime isso de maneira clara, já que a descrição do complexo de Édipo é subsequente aos complexos do desmame e de intrusão, sendo estes descritos como mobilizadores das formas mais arcaicas do laço social. Diferentemente de Freud, que coloca o complexo de Édipo como central na sua obra, é no complexo de intrusão que Lacan o organiza com excepcional importância e aponta, claramente, que o estágio do espelho é proposto por ele como um novo modelo, cuja função é remediar as incertezas que marcam a doutrina freudiana das formas primitivas da identificação com o laço social:

A identificação afetiva é uma função psíquica cuja originalidade a psicanálise estabeleceu, especialmente no complexo de Édipo [...]. Mas o emprego desse termo, na etapa que estamos estudando, é mal definido na doutrina: foi isso que tentamos suprir com uma teoria da identificação cujo momento genético designamos pela denominação de estágio do espelho (LACAN, 2003, p. 30-31).

As premissas iniciais lacanianas sobre as considerações imaginárias de identificação se organizam de maneira sequencial em três principais complexos – desmame, intrusão e Édipo. O complexo de intrusão é uma referência teórica relevante, pois é nele que aparece pela primeira

vez o conceito de estágio do espelho, centrado na imago do rival fraterno, a qual surge precedida genericamente por um estrato mais arcaico – o complexo do desmame.

O COMPLEXO DO DESMAME

Convém ressaltar que o modo como Lacan (2003) apresenta o *complexo do desmame* é caracterizado por uma nítida distinção dos seus pensamentos ulteriores, ainda que traga interessantes contribuições. Inicialmente, ele aponta que o complexo do desmame é considerado como o mais primitivo do desenvolvimento psíquico, sendo o fundador dos sentimentos mais arcaicos e mais estáveis que unem o indivíduo à família. Representado pela forma primordial da imago materna, surge de modo parasitário a fixação da relação de amamentação no psiquismo, devido, principalmente, às exigências das necessidades dos primeiros meses de vida do humano. Postula-o de modo radicalmente diferente dos instintos – pois é dominado por fatores culturais –, ainda que deles se aproxime por meio de duas características: apresenta-se em toda espécie humana, sendo genérico; e, pela lactação, representa no psiquismo uma função biológica. Mas é a relação cultural que condiciona o desmame no homem, enquanto nos animais o instinto materno para de agir quando o fim da amamentação é completado, devido sua regulação fisiológica. Sobre isso, complementa: “[...] ela surge aí como dominante, mesmo se o limitarmos ao ciclo da ablactação propriamente dita, ao qual corresponde, entretanto, o período fisiológico da glândula comum na classe dos mamíferos” (LACAN, 2003, p. 19).

Em seguida, seguindo por essa via, Lacan (2003) aponta que o desmame é frequentemente um trauma psíquico e deixa no psiquismo humano a marca da relação biológica que ele interrompe. Essa primeira tensão vital é acompanhada por uma crise do psiquismo que conduz a aceitação ou não do desmame, cuja resolução se faz numa intenção mental bastante elementar, uma vez que não pode ser atribuída a um eu, devido ao seu estado ainda rudimentar. Desse modo, a aceitação ou a recusa não pode ser considerada uma escolha, pois não há ainda um eu para que haja uma afirmação ou negação, e não há contradição, ao passo que polos coexistentes e contrários determinam atitudes ambivalentes. Essa ambivalência se resolverá na continuidade do processo dialético, sofrendo destinos diversos.

Através da recusa do desmame, o complexo se funda no psiquismo de modo positivo, pois tende a restabelecer a imago da relação de amamentação. O conteúdo dessa imago é dado pelas sensações precoces, mas só adquire forma quando há uma organização mental posterior.

Esta etapa é anterior ao advento da forma do objeto, logo estes conteúdos não podem ser representados na consciência, mas surgem como possíveis moldes das experiências psíquicas posteriores. Paralelamente a esse processo psíquico, Lacan (2003) demarca que o estudo do comportamento da primeira infância permite afirmar que, após décimo segundo mês de vida do bebê, as sensações exteroceptivas, proprioceptivas e interoceptivas ainda não estão suficientemente coordenadas para que ocorra o reconhecimento do corpo próprio, como também, a ideia de que o outro é externo. No entanto, algumas sensações exteroceptivas são isoladas como unidades de percepção no início da vida psíquica. São elementos de objetos que correspondem aos primeiros interesses afetivos, caso, por exemplo, das reações manifestadas pelas crianças diante do rosto humano, antes mesmo que as coordenações motoras dos olhos estejam concluídas. A respeito disso, treze anos depois, no texto *Alguma reflexão sobre o Ego*, Lacan (1951) reafirma: “esta falta de coordenação sensorial e motora não impede ao lactante de ficar fascinado pelo rosto humano, quase tão depressa quanto quando abre seus olhos à luz do dia” (p. 16).

Lacan (2003) observa que precocemente a criança percebe a presença da função materna, sendo que a substituição dessa poderá causar danos futuros. A criança apegada ao seio adquire uma satisfação que surge como sinal da máxima plenitude com que pode se satisfazer o desejo humano. As sensações proprioceptivas da sucção e da preensão constituem a base da ambivalência do vivenciado: o ser que absorve é todo absorvido, e o complexo arcaico encontra correspondência no abraço materno. Neste momento, Lacan faz questão de diferenciar seu raciocínio de Freud e conseqüentemente da psicanálise como um todo.

Não falaremos aqui, com Freud, de autoerotismo, uma vez que o eu não está constituído, nem de narcisismo, uma vez que não há uma imagem do eu; muito menos de erotismo oral, uma vez que a nostalgia do seio nutriente, sobre a qual se equivocou a escola psicanalítica, não depende do complexo de desmame, senão através de seu remanejamento pelo complexo de Édipo (LACAN, 2003, p. 22).

Segundo Lacan (2003), a relação com a realidade em que se baseia a imago materna é de “canibalismo”, canibalismo fusional, inefável, simultaneamente ativo e passivo, sobrevivendo nos jogos e palavras simbólicas que, no mais evoluído amor, recordam “o desejo de larva”. Essa base não pode ser desligada do caos das sensações interoceptivas de que emerge. A angústia, cujo protótipo surge na asfixia do nascimento, o frio ligado à nudez dos tegumentos, e o “mal-estar labiríntico” para o qual corresponde a satisfação de ser embalado (o acalanto), organizam nesta tríade o tom penoso da vida orgânica, que domina os seis primeiros

meses de vida humana, sendo que todos estes mal-estares possuem a mesma causa: uma “adaptação” insuficiente à ruptura das condições de ambiente e alimento da vida parasitária intrauterina.

Através dos dados da fisiologia, Lacan concebe que o fato da realidade anatômica da não-mielinização dos centros nervosos superiores do recém-nascido (mielinização = formação da bainha mielínica dos nervos durante os primeiros tempos de vida) faz com que seja impossível promover o nascimento na condição de um trauma psíquico, como alguns psicanalistas afirmam. Os traços que corroboram com essa afirmação são atribuídos, por Lacan, ao atraso na dentição e na marcha, como também na maioria dos aparelhos e funções, determinando na criança uma impotência vital que perdura além dos dois primeiros anos. Refere-se a um caráter de exceção em relação aos animais, sendo o homem, então, um animal de nascimento prematuro.

Uma das possibilidades de resolução do complexo seria realizado através da maternidade, ocasionado pelo aleitamento materno, no abraço e na contemplação da criança, no qual a mãe recebe e satisfaz o mais primitivo de todos os desejos, sendo dessa forma que a imago do seio materno domina toda a vida humana. E a tolerância da dor do parto pode ser compreendida como uma compensação representativa do primeiro dos fenômenos afetivos a surgir: “a angústia que nasce com a vida”. Lacan afirma:

Somente a imago que imprime nas profundezas do psiquismo o desmame congênito do homem é capaz de explicar a potência, a riqueza e a duração do sentimento materno. A realização dessa imago na consciência assegura à mulher uma satisfação psíquica privilegiada, enquanto seus efeitos na conduta da mãe poupam a criança do abandono que lhe seria fatal (LACAN, 2003, p. 24).

Compreende-se então que, para Lacan, o complexo de desmame corresponde ao momento mais precoce do ser humano, no qual o desamparo pode levá-lo a morte e, por isso, reafirmando os cuidados do outro no aspecto mais fundamental, a amamentação torna-se o lugar primeiro de saciamento de necessidade. O complexo do desmame marca no indivíduo a privação da saciação da necessidade e o conjunto primitivo de inscrição de traços no psiquismo, ainda que eles sejam, neste momento, insuficientes para coordenar o que lhe é externo ou delimitado pelo corpo próprio, em virtude da prematuração biológica.

Opondo o complexo ao instinto, não negamos ao complexo todo e qualquer fundamento biológico e, definindo-o por certas relações e ideias, nós o ligamos, contudo, à sua base material. Esta base é a função que ele assegura

no grupo social; e esse fundamento biológico pode ser visto na dependência vital do indivíduo em relação ao grupo. Ao passo que o instinto tem um suporte orgânico e não é nada mais do que a regulação deste numa função vital, o complexo só ocasionalmente tem uma relação orgânica, ou seja, quando ele supre uma insuficiência vital pela regulação de uma social (LACAN, 2003, p. 25).

Aponta ainda que a imago materna é de difícil sublimação, mas deve ser sublimada para que novas relações se introduzam junto ao grupo social, e se isto não ocorrer, o que é salutar na origem se torna fator de morte. A tendência à morte é vivida pelo homem como objeto de um apetite. Neste ponto, Lacan novamente distingue sua concepção de Freud e descreve que este relaciona o instinto de morte ao preceito biológico. Lacan diz que a tendência para a morte, que especifica o psiquismo humano, se explica pela razão de o complexo – unidade funcional do psiquismo – não corresponder a funções vitais, mas a insuficiência congênita dessas funções.

O complexo de desmame tem sua abordagem pormenorizada somente no texto sobre a família (LACAN, 2003), não tendo exposições ou desenvolvimentos posteriores nos antecedentes lacanianos. Contudo, o estado primeiro do ser humano, o desamparo, continua sendo para Lacan o ponto de articulação que torna possível pensar o desenvolvimento de outros complexos. Assim, essa construção, permite a conjugação com diversas ideias da teoria do estágio do espelho de 1949, principalmente, a prematuração biológica e a unificação do corpo próprio, que incluem uma fragmentação original. A teoria que Lacan propõe cruza a concepção da prematuração biológica do homem e a abertura psíquica de uma auto afecção do sujeito diante desta falta constitutiva. Desse modo, a síntese do corpo próprio necessita da suposição de uma etapa de fragmentação da unidade do corpo, em virtude da experiência de descoberta dos próprios membros em lactantes, que, aliás, Wallon descreve como sendo uma aquisição pioneira na psicologia do desenvolvimento.

O COMPLEXO DE INTRUSÃO

Seguindo a referência cronológica, Lacan (2003) postula, na sequência do desmame, o complexo da intrusão, que corresponde correlativamente à introdução do estágio do espelho, representada, por exemplo, pela experiência que a criança realiza quando se reconhece entre irmãos ou semelhantes. As condições dessa experiência são variáveis conforme as culturas, a extensão do grupo familiar e o lugar que o acaso confere ao sujeito na ordem de nascimento: a de abastado ou a de usurpador.

Lacan (2003) o situa em crianças entre seis meses e dois anos, confrontados aos pares e sem terceiros, nessa parceria surge reações de rivalidade, como adaptações de posturas e gestos, ocorrendo conformidade em sua alternância, como provocações e respostas, onde se esboça o reconhecimento de um rival, de um “outro” como objeto. Essa reação, que pode parecer precoce, é determinada por uma condição dominante, um limite que não pode ser ultrapassado na distância etária entre os sujeitos – distância de dois meses e meio no primeiro ano do período considerado – e permanece estrito ao se ampliar. As reações mais frequentes são as da exibição, da sedução e do despotismo. Contudo, o que se observa não é um conflito entre dois indivíduos, mas um conflito entre duas atitudes, ao mesmo tempo opostas e complementares, numa relação ainda muito rudimentar, em que “se realiza um paradoxo: cada parceiro confunde a parte do outro com a sua própria e se identifica com ela [...], mas, antes que eu afirme sua identidade, ele se confunde com essa imagem que o forma, mas o aliena primordialmente” (LACAN, 2003, p. 36). Os passos deste momento podem ser sintetizados em torno desta passagem:

A percepção da atividade de outrem, com efeito, não basta para romper o isolamento do sujeito. Enquanto a imagem do semelhante desempenha apenas seu papel primário, limitado à função de expressividade, ela desencadeia no sujeito emoções e posturas similares, ao menos na medida em que isso lhe é permitido pela estrutura atual de seus aparelhos. Mas, enquanto sofre essa sugestão emocional ou motora, o sujeito não se distingue da imagem de si. Mais ainda: na discordância característica dessa fase, a imagem só faz acrescentar a intromissão temporária de uma tendência estrangeira. Chamemo-la de intrusão narcísica: a unidade que ela introduz nas tendências contribuirá, no entanto, para a formação do eu (LACAN, 1938/2003, p. 49).

Essa intrusão primordial permite compreender que a percepção do semelhante como unidade mental está ligada a um nível de agressividade que se sustenta na identificação com o outro, enquanto objeto da violência. O complexo de intrusão tem como ponto central a identificação afetiva como pré-condição ao ciúme pelo reconhecimento da presença do outro semelhante. Neste momento, o ciúme não é compreendido como rivalidade vital, mas como consequência de uma identificação mental. O outro, o irmão, o rival – tomado como objeto – ocupa um lugar que outrora era seu: o lugar ao peito materno. Esse outro será alvo da agressividade do desmamado que, por isso mesmo, identificou-se e confundiu-se com ele. Já que “[...] a imagem do irmão não desmamado só atrai uma agressão especial porque repete, no sujeito, a imago da situação materna e, com ela o desejo de morte. Esse fenômeno é secundário à identificação” (LACAN, 2003, p. 32).

No entanto, Simanke (2002) observa que o problema que Lacan visaria equacionar é justamente a gênese simultânea do eu e do objeto, ao passo que a agressividade seria o signo da constituição de um “eu” que se dá numa relação originariamente conflitiva com o “outro”. Nesse processo Lacan visualiza a relação fraterna como sendo a relação essencial com o outro, que se apresenta, ao mesmo tempo, como secundária à identificação com o irmão, pois coloca sentimentos e condutas na dependência da imago, cuja formação os precede e condiciona. Assim, “[...] cremos poder designar na imago o objeto próprio da psicologia, ” sendo sua “[...] forma definível, no complexo espaço-temporal imaginário, que tem por função realizar a identificação resolutiva de uma fase psíquica, ou, em outras palavras, uma metamorfose das relações do indivíduo com seu semelhante” (LACAN, 1998, p. 189).

A IMAGEM ESPECULAR

Nesse sentido, o estágio do espelho equivale a um modelo primitivo, o protótipo de qualquer relação com o outro e consigo mesmo. No artigo *A família*, Lacan acentua o seu caráter fusional e, ao mesmo tempo, alienante, desde os primeiros comportamentos especulares, passando pela identificação com a imagem do outro, do semelhante, que, a princípio, seria um fenômeno anterior à identificação da pessoa própria. Desse modo, Lacan (2003) persiste no fato de que nesta época a identificação pessoal ainda vacila. Tal inacabamento é explicável, numa fase em que o reconhecimento do corpo próprio é um processo ainda em desenvolvimento, como também não sugere que o reconhecimento do outro preceda, na experiência especular, a identificação de si mesmo. De fato, o caráter imaginário da imago do duplo comporta uma inconsistência do outro, tanto quanto do eu, o que permite afirmar que, a identificação com a imagem alheia é mais precoce do que a da própria imagem. Lacan (1998) especifica que, “[...] o ponto essencial, o primeiro efeito que aparece da imago no ser humano é um efeito de alienação do sujeito. É no outro que o sujeito se identifica e até se experimenta a princípio” (p. 182).

Tal dialética se encontra no cerne da experiência que a criança realiza, desde cedo, diante de sua imagem no espelho. Assim, Lacan acentua que a vigência desse estágio ocorre simultaneamente com a fase específica do desenvolvimento infantil situada entre o sexto e o vigésimo quarto mês de vida da criança.

A respeito da deficiência biológica que advém em função desse atraso do desenvolvimento, que a maturação precoce da percepção visual adquire seu

valor de antecipação funcional. Daí resulta, por um lado, a acentuada prevalência da organização visual no reconhecimento muito precoce, como vimos, da forma humana (LACAN, 1998, p. 187).

Portanto, em meio à série de inacabamentos, uma determinada função se destaca: a maturação precoce do sentido da visão para constituir os primeiros reconhecimentos, arcaicos, em especial com relação à figura humana. Com efeito, faz reforçar o caráter imaginário excepcional ao desenvolvimento do psiquismo humano, visto que o interesse psíquico está voltado para algum rejuntamento do corpo próprio, “[...] tendência pela qual o sujeito restaura a unidade perdida de si mesmo, toma lugar desde a origem, no centro da consciência [...]”, determinada pela predominância das funções visuais que “[...] a procura de sua unidade afetiva promove no sujeito as formas em que ele representa sua identidade, a forma mais intuitiva é dada, nessa fase, pela *imagem especular*” (LACAN, 2003, p. 35). Tal momento, corresponde a uma etapa de identificação objetiva, demonstrado nesta passagem:

Há aí uma primeira captação pela imagem, onde se esboça o primeiro momento da dialética das identificações. Ele está ligado a um fenômeno de Gestalt, à percepção muito precoce, na criança, da forma humana, forma esta que, como sabemos fixa seu interesse desde os primeiros meses e mesmo, no que tange ao rosto humano, desde o décimo dia de vida (LACAN, 1998, p. 115).

Percebe-se, por aí, que o estágio do espelho equivale ao esforço, dentro dessa teoria, de especificar o processo do desenvolvimento do indivíduo humano por meio da experiência especular, introduzida pela percepção muito precoce da forma corporal humana de uma imagem totalizada, que o precipita, a despeito da sensação de si, no plano mental, a conquista de uma unidade funcional. Essa imagem externa, – em que Lacan relança a noção de Gestalt – é percebida como uma forma delimitada pelos aspectos da exterioridade, no qual engendra o domínio do seu corpo.

A identificação com a “Gestalt” especular, ou, de maneira mais geral, com a forma humana, não institui exclusivamente o eu, pois, para Lacan, a construção do “eu”, do “outro” e da “realidade” formam um único e mesmo processo, cuja característica do reconhecimento pelo sujeito de sua imagem no espelho, revela de maneira demonstrativa as tendências que constituem a realidade. Devido sua excepcional significação, o sujeito só percebe a unidade do seu corpo, em relação ao plano do espelho, sob a forma de um objeto, do qual está separado: imagem, então, de um outro corpo, o que faz acentuar a gênese imaginária e alienante, traduzido pelo reflexo dessa relação. O eu, nessa perspectiva, “[...] se constitui em alguma coisa

radicalmente outra: a forma antecipada daquilo que ele não é, mas que não há outra possibilidade de não crer senão que é” (OGILVIE, 1991, p. 112). Percebe-se então que o que Ogilvie descreve como uma “forma antecipada” é devido a Gestalt especular, que reflete no bebê uma condição (tanto orgânica, quanto mental) que ele ainda não possui.

Dessa maneira, Lacan (1998) distingue que o fenômeno perceptivo, desencadeia uma série de manifestações, traduzidas num comportamento especular tipicamente humano diante do espelho, dado que, mesmo após a descoberta de ser esta apenas um reflexo, constata-se um permanente interesse pela imagem. Em vários textos, Lacan os descreve com tais características: “intuição iluminativa”, “revelação súbita do comportamento adaptado”, “esbanjamento e mímica jubilatória”, entre outros, sempre chamando a atenção para a constatação do que acontece no mundo animal. O objetivo é dar conta desses traços distintos da experiência infantil humana no espelho, ou seja, o papel do imaginário na dinâmica subjetiva. Em 1948, Lacan observa que:

Mas o que demonstra o fenômeno de reconhecimento que implica a subjetividade são os sinais de jubilação triunfante e o ludismo de discernimento que caracterizam, desde o sexto mês, o encontro com sua imagem no espelho pela criança. Essa conduta contrasta vivamente com a indiferença manifestada pelos animais que percebem essa imagem, como o chimpanzé, por exemplo, quando eles têm a experiência de sua inutilidade objetual, e ganha ainda mais destaque por se produzir numa idade em que a criança ainda apresenta, quanto ao nível de sua inteligência instrumental, um atraso em relação ao chimpanzé, com quem só se iguala aos onze meses (LACAN, 1998, p. 115).

Em 1949, Lacan retoma essa identificação e caracteriza o estágio do espelho, pelo viés da psicologia comparada. Com efeito, o filhote do homem padece de um certo atraso no amadurecimento no que se refere à inteligência em relação com o filhote do chimpanzé. Tal importância é demonstrada pela observação típica: em uma determinada idade, por volta dos seis aos dezoito meses, o bebê humano ainda não tem a inteligência instrumental de um chimpanzé, mas já consegue, contudo, reconhecer a sua imagem refletida no espelho. Enquanto o chimpanzé, ao reconhecer que a imagem do espelho não é verdadeiramente outro, senão apenas um embuste, perde o interesse por ela, a criança ao contrário, mostra um interesse vívido. Para esta, ao ver refletida sua imagem, surge uma sucessão de movimentos que ela passa a experimentar com seu meio, acompanhado de um grande interesse por essa imagem que a captura.

A sensação de júbilo, seguido de um grande interesse por uma imagem refletida na qual o sujeito é capturado, colabora para o momento inaugural da formação do eu e funciona para revelar o papel imaginário da gênese da subjetividade humana. Assim, o reflexo do espelho antecipa a criança, numa correção de postura e, ao mesmo tempo, visa regular o corpo através da imagem refletida, momento marcado pela angústia da fragmentação, assumindo essa forma ideal, total e unificada, além de invertida, de seu corpo próprio. A expressão jubilosa diante do espelho seria então a consequência compensatória de superação da vivência prematura pela via da imagem especular: “sua alegria é devida ao triunfo imaginário em antecipar o grau de coordenação muscular que ele ainda não alcançou” (LACAN, 1951, p.4). Esse caráter antecipatório da imagem primordial, é resultante da própria forma gestaltista da imagem:

Para um sujeito, assumir uma imagem seria, pois, ao mesmo tempo, assumir um princípio geral de organização do campo do visível, assim como um princípio geral de apreensão global e de desenvolvimento. (...) lembremos que as imagens do corpo funcionariam como imagens-tipo que regulam o desenvolvimento dos indivíduos por meio de um processo de formação que é conformação à espécie (SAFATLE, 2005, p. 78).

O argumento se estabelece em torno da formação da imago do corpo próprio, pensada de modo correspondente, a partir da relação em espelho com uma imagem outra, ou seja, de um outro, já explicitamente evidenciado pela aquisição psíquica da imago do outro, como resultado do complexo de intrusão, pelo qual perpassa o estágio do espelho. Essa forma matriz das identificações e do desenvolvimento corporal tem por função resolver a realidade corporal, cuja maturação antecipa o sujeito para a “forma total do corpo” dada pela Gestalt do espelho. Assim, enquanto forma perceptiva, “[...] lhe aparece num relevo de estatura que a congela e numa simetria que a inverte, em oposição à turbulência de movimentos com que ele experimenta anima-la” (LACAN, 1998, p. 98).

A função compensatória da experiência especular, pensada aí como uma condição essencial ao sujeito, demonstra o empenho de Lacan de valer-se de pesquisas realizadas por estudiosos da psicologia comparada sobre a incidência da imagem refletida em diferentes espécies de animais, e acrescenta, no âmbito de uma espécie de etologia humana que Lacan espera resolver, de forma concreta e científica, o problema da constituição do sujeito. Para tanto, as elaborações lacanianas são demarcadas por um contínuo interesse pelos dados experimentais da psicologia comparada, da qual recupera dois trabalhos da etologia animal referentes à maturação corpórea.

Lacan (1998) encontra uma prova desse caráter indutor da imagem em relação ao comportamento através da apropriação de certas considerações sobre a biologia animal. Segundo ele, há uma correlação entre comportamento animal e comportamento humano no que se refere à imagem. Biólogos como Leonard Harrison Matthews e Rémy Chauvin demonstraram que, no reino animal, a simples presença de imagens acarreta modificações anatômicas e fisiológicas profundas.

Trata-se de dois processos de identificação, um homeomórfico e outro heteromórfico. Quanto ao primeiro, Lacan refere-se a dois fatos: uma pomba tem suas gônadas desenvolvidas após visualizar qualquer outro indivíduo de sua espécie, ou até mesmo a sua própria imagem refletida; algo análogo ocorre com a larva do gafanhoto, que pode desenvolver-se para uma forma gregária ou solitária, sendo que a imagem semelhante de uma dessas formas (ou até mesmo outro objeto que tenha forma e movimentos similares) irá determinar o seu modo de vida adulto. Apesar de considerar o gafanhoto-peregrino de Remy Chauvin, Lacan (1998) faz uma crítica ao seu estudo por não vincular as noções da Gestalt ao experimento.

No segundo processo de identificação – heteromórfico –, Lacan (1998) destaca a teoria do mimetismo de Roger Caillois: pensar o mimetismo enquanto simples resultado do processo evolutivo de adaptação seria dar à natureza um meio de desenvolvimento um tanto quanto miserável. Pois há nos organismos uma capacidade de fascinação quanto ao espaço e suas formas, já que o indivíduo sofre uma série de determinações a partir de sua relação com o meio ambiente. E é de Caillois que Lacan fará o gancho para a etologia de Von Uexkühl: existe uma relação bastante singular entre cada organismo (*Innenwelt*) e seu meio ambiente (*Umwelt*). Como não poderia ser diferente, o meio ambiente humano, seu *Umwelt*, não diz respeito a um ambiente físico, mas sim ao meio social.

Basta lembrarmos os lampejos que sobre ele fez luzir o pensamento (jovem, então, e em recente rompimento com o exílio sociológico em que fora formado) de um Roger Caillois quando, através do termo psicastenía lendária, subsumiu o mimetismo morfológico a uma obsessão do espaço em seu efeito desrealizante (LACAN, 1998, p. 99).

Como consequência dessa relação com seu *Umwelt*, será a produção do meio social que marcará o processo de conhecimento da forma humana. “Lacan lembra que pensar o corpo é desvelar um modo de percepção e de ação que corta o contínuo da existência para configurar um meio ambiente vivido. Essa configuração é conformação à imagem” (SAFATLE, 2005, p. 83). Pois, na experiência do espelho, a criança reconhece o próprio corpo a partir da forma

corpórea: a síntese psíquica que unifica o corpo se faz através do reconhecimento da forma humana enquanto tal.

TRANSITIVISMO

No entanto, ainda falta, para completar a teoria, aquilo que pudesse dar conta do segundo polo do conflito que aí se estabelece. Assim, Lacan propõe o estágio do espelho, no sentido da função da imagem em estabelecer a relação do organismo com sua realidade, sendo especialmente demonstrado pelo transitivismo infantil. Comportamento que ocorre na criança dos seis meses aos quase três anos, relativo ao ciúme e a agressividade, tanto em seu aspecto passivo quanto ativo, na medida em que haja, anteriormente, um elo identificatório com o outro. Neste momento, Lacan evoca o conceito de transitivismo, descrito pelos trabalhos de Charlotte Buhler.

Esse momento em que se conclui o estágio do espelho inaugura, pela identificação com a imago do semelhante e pelo drama do ciúme primordial (tão bem ressaltado pela escola de Charlotte Buhler nos fenômenos de transitivismo infantil), a dialética que desde então liga o [eu] a situações socialmente elaboradas (LACAN, 1998, p. 101).

Charlotte Buhler é referida por Lacan em outros dois textos contemporâneos a 1949: *Formulações sobre a causalidade psíquica* (1946/1998, p. 181) e *A agressividade em psicanálise* (1948/1998, p. 114). Sobre o mesmo conceito de transitivismo, em 1948, Lacan diz:

O primeiro plano mostra-nos que a experiência de si próprio na criança de tenra idade, na medida em que ela se refere a seu semelhante, desenvolve-se a partir de uma situação vivida como indiferenciada. Assim por volta dos oito meses de idade, nos confrontos entre crianças – que, convém notar, para serem fecundos, quase que só permitem dois meses e meio de distância etária – vemos os gestos de ações fictícias com que o sujeito acompanha o esforço imperfeito do gesto do outro, confundindo sua aplicação distinta: as sincronias da captação especular, mais notáveis ainda por se anteciparem à completa coordenação dos aparelhos motores que elas empregam (LACAN, 1998, p. 114-115).

Percebe-se que Lacan relaciona o transitivismo a captação pela imagem do outro, que opera através da identificação, na medida que a criança reproduz uma série de reações e condutas que vão da imponência à ostentação, e descreve: “Assim, a criança pode participar, num transe completo, do tombo do seu colega, ou igualmente lhe imputar, sem que se trate de

uma mentira, ter recebido dele o golpe que lhe aplicou” (LACAN, 1998, p. 182). Segundo Jalley (2009, p. 47), Lacan utiliza-se da noção de transitivismo "como o descritor principal da organização psíquica própria do estágio do espelho, uma categoria genérica que funciona sob a forma de *leitmotiv* essencial, como um tipo de organização nodal". A respeito disso, Lacan descreve que, no momento especular, a criança apresenta na presença de seu semelhante um comportamento pleno de reações emocionais e testemunhos articulados de um transitivismo normal. A criança que bate diz ter sido batida, aquele que vê cair, chora.

É nessa captação pela imago da forma humana, [...] que domina, entre os seis meses e os dois anos e meio, toda a dialética do comportamento da criança na presença de seu semelhante. Durante todo esse período, registram-se as reações emocionais e os testemunhos articulados de um transitivismo normal. A criança que bate diz que bateram nela, a que vê cair, chora (LACAN, 1998, p. 116).

A propósito do transitivismo, Lacan observa as manifestações da agressividade e postula que elas devem ser compreendidas sob a referência do corpo, num aspecto de coordenação mais ampla. Nesse sentido é que Lacan situa Henri Wallon, pois segundo ele a agressividade está subordinada “[...] as funções de posturas tônicas e de tensão vegetativa a uma relatividade social cuja prevalência Wallon sublinhou consideravelmente na constituição das emoções humanas” (1998, p. 115). Outro trabalho que o psicanalista também evoca é de James M. Baldwin. Após descrever a reação da criança diante da imagem do espelho, Lacan afirma que este evento pode ser produzido, “[...] como sabemos desde Baldwin, a partir da idade de seis meses, [...]” (1949/1998, p. 94). Em seguida, afirma que a repetição do espetáculo cativante do bebê humano frente ao espelho, deteve sua atenção, no qual descreve que esse acontecimento produz uma atividade de azáfama jubilatória, desencadeando uma postura de sustentação, mais ou menos inclinada, fixando-o ao aspecto instantâneo da imagem. Desta forma, a agressividade aponta a tendência correlativa a um modo de identificação narcísica e estabelece-se como um conceito imanente ao sujeito humano.

Nesse sentido, cabe notar que a teoria do estágio do espelho surge como o modelo para explicar a origem da agressividade. Pois para Lacan, o complexo de intrusão é apontado como o complexo central na constituição do sujeito e tem como temática de base o encontro rival vivido pelo sujeito na relação com o outro. É o caráter de transitivismo que conduz o comportamento da criança na presença do outro. Sobre isso, Simanke assinala que:

Lacan situa no âmbito do complexo de intrusão, onde o ciúme dos irmãos é descrito como o “protótipo de todos sentimentos sociais” [...]. Por isso mesmo, a *imago do outro*, principal aquisição psíquica desse complexo, forma-se desde o início, sob o signo da agressividade. Como o paradigma especular serve justamente para mostrar que o primeiro passo da formação do sujeito é a identificação com o outro que resulta nessa imago, a agressividade é pensada aí como uma condição inerente ao sujeito (SIMANKE, 2002, p. 312).

Sendo assim, Lacan (1998) apresenta sua noção de agressividade como uma intenção entrelaçada, quando o sujeito se identifica a uma imagem. Esse acontecimento permite afirmar a imanência da agressividade na constituição humana e também geratriz de uma subjetividade para o sujeito. E conclui: “resta-me a tarefa de provar perante os senhores se é possível formar dela [a agressividade] um conceito tal que ela possa aspirar a um uso científico” (p. 104). Entretanto, o acesso a uma imagem de si mesmo não é sem consequências. Lacan sublinha que “essa forma se cristalizará, com efeito na tensão conflitiva interna ao sujeito [...]” (p. 116), e, desde então, o caráter agressivo vai permear as relações sociais, pois o sujeito vê no outro uma imagem ideal, narcísica, de si mesmo, que ele atribui como sua própria imagem.

Com o conceito de agressividade, Lacan (1998) retoma também o papel do masoquismo na teoria freudiana, onde este postula a chamada “pulsão⁵ de morte”. Termo que, neste momento, foi recusado por Lacan, que ofereceu outra explicação para os fenômenos atrelados ao conceito. Como visto anteriormente, no transcorrer do complexo de desmame, a agressividade se mostra como uma dada intenção de agressão ligada à imagem de desmembramento corporal.

Assim, toda a intenção agressiva se acha ligada intimamente às fantasias de despedaçamento – como a castração, enquanto emasculação; desmembramento e desagregação; devoração do próprio corpo – e, em suma, elas se concentram sobre a imago do corpo despedaçado. Isso fica especialmente demonstrado, segundo Lacan, ao se verificar como a agressividade tem um papel importante nas psicoses, em especial nas paranoias. Os delírios paranoicos se desenvolvem a partir de uma estagnação desses primeiros momentos das condutas sociais, uma vez que, o eu encontra-se confundido com o outro, numa estereotípia que se repete incessantemente – as fantasias agressivas do sujeito retornam para ele na figura de um outro especular que o persegue. No momento de captação em que o eu se identifica com o outro, a

⁵ Freud afirma que o termo pulsão é “o representante psíquico de uma fonte de estímulos endossomáticos, continuamente a fluir (...), um conceito que se acha na fronteira entre o mental e o psíquico” (FREUD, 1915/2004, p. 134). Em torno do termo pulsão, em 1920, Freud volta a afirmar no texto “Além do Princípio do Prazer” que se tratava do elemento mais importante e o mais obscuro da pesquisa psicológica.

criança desconhece o que vem dela e o que vem do outro. Ela desconhece radicalmente a sua participação naquilo de que se queixa. É o que leva Lacan a introduzir o termo “conhecimento paranoico” (LACAN, 1946/1998, p. 181; 1948/1998, p. 114; 1949/1998, p. 99), para designar essa forma de desconhecimento que está no fundamento da formação do *eu*.

Há nisso uma espécie de encruzilhada estrutural onde devemos acomodar nosso pensamento, para compreender a natureza da agressividade no homem e sua relação com o formalismo de seu eu e de seus objetos. Essa relação erótica, em que o indivíduo humano se fixa numa imagem que o aliena em si mesmo, eis aí a energia e a forma donde se origina a organização passional que ele irá chamar de seu eu (LACAN, 1998, p. 116).

Esse acontecimento, afirma Lacan, é revelador tanto de um dinamismo libidinal quanto de uma estrutura ontológica do mundo humano relacionado, por ele, ao “conhecimento paranoico” (LACAN, 1998, p. 79). A estrutura ontológica do mundo humano, ou melhor, o momento em que nasce o eu e o mundo pela apreensão de uma imagem vinda de fora, é o que respalda as compreensões das manifestações nas crenças delirantes no fenômeno paranoico, ou ainda, este é o solo que permite o acontecimento do fenômeno paranoico. Para Lacan, a crença delirante nas formações alucinatórias da psicose é semelhante à criança quando atribui uma verdade às imagens que formam seu mundo e seu eu em um mesmo golpe. É nesse momento fundamental da constituição do eu – momento em que a criança é capturada por uma imagem que lhe é externa e alienada – que Lacan busca articular seu modo de compreender a loucura. E para tanto, Lacan designa a doença mental a partir da sua abordagem de loucura e de como esta se relaciona com a constituição do eu. Apresenta a crença como um evento que não pode ser separado do fenômeno da alucinação e do delírio.

A explicação que Lacan (1998) desenvolve sobre o fenômeno da loucura está na raiz da formação do eu, a partir da relação entre desconhecimento e crença. O sujeito delirante – aquele que crê no seu delírio, pois ele realmente vê, ouve e vive todos os eventos desses fenômenos – não reconhece que tais eventos são criações suas. Mas, há, no entanto, uma antinomia que envolve o desconhecimento. Este supõe um reconhecimento, uma vez que a loucura é um fenômeno que evidencia o desconhecido. Por isso, Lacan indica que, o rei que se crê rei não é diferente do louco pobre que se crê rei, ambos estão no “coração da dialética do ser” (LACAN, 1998, p. 173). O fato que caracteriza a loucura – o desconhecimento – se aplica aos momentos em que ocorre concomitante ao desenvolvimento do ser humano. O desconhecimento não é próprio do fenômeno que caracteriza a crença na loucura, mas ao eu em geral. A maneira como o homem se denomina como eu é resultado de identificações a uma imagem vinda de fora do

sujeito que faz com que acredite que esta imagem é ele. Sendo assim, a loucura não é um acidente que ocorre por um mau funcionamento de aparelhos e órgãos que constituem um organismo débil, ela é da mesma forma que o eu: resultado das identificações que um sujeito realiza.

Assim, Lacan concebe o estágio do espelho numa tentativa de descrever o poder desse modo imaginário e, para tanto, faz um percurso que pretende reencontrar de onde vêm tais identificações e “apreender a modalidade de forma e de ação que fixa as determinações desse drama (...) identificável com o conceito de imago” (p. 177). Simanke sintetiza que:

Se a loucura é imanente à realidade humana, é porque esta identificação imediata, primária, que está na sua origem, é um momento logicamente necessário na edificação do sujeito e, portanto, os alicerces da subjetividade estão enraizados num solo tipicamente paranoico de identificações perfeitamente constitutivas, das quais o estágio do espelho busca fornecer o modelo (SIMANKE, 2002, p. 239).

A explicação que Lacan oferece é que a loucura é um modo de expressão, do que acontece quando o ser humano passa a se reconhecer como um eu. Pois, a criança desamparada – por depender de outros para existir – é tomada de júbilo por uma imagem que a capta e, então, essa criança se agarra àquela imagem como sendo ela mesma. É o que Lacan (1998) chama de identificação: “a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (p. 97). Assim, a noção de identificação permite compreender o estágio do espelho como o momento em que a criança faz a assunção de uma imagem para si. A identificação a uma imagem vem ficar no lugar do que antes era ocupado por uma verdadeira privação. O eu aparece, em sua forma primeira, para tomar o lugar da incapacidade de sobrevivência de que é provido o corpo humano. Nas palavras de Lacan:

O que chamei de assunção triunfante da imagem, com a mímica jubilatória que a acompanha, a complacência lúdica no controle da identificação especular, após o mais breve balizamento experimental da inexistência da imagem atrás do espelho, contrastando com os fenômenos opostos no macaco, pareceu-me manifestar um desses fatos de captação identificatória pela imago que eu estava procurando isolar. Ele se relacionava da maneira mais direta com a imagem do ser humano que eu já encontrara na organização mais arcaica do conhecimento humano (LACAN, 1998, p. 187).

De uma condição negativa, a captação imaginária funda-se como um efeito compensatório e disso resulta a primeira forma do eu. Essa *forma antecipada* do qual o sujeito se engendra e que lhe é vinda de fora, faz o eu humano crer (semelhante ao fenômeno da crença

delirante) na identificação da imagem com o seu próprio ser. Dessa forma, a partir dos movimentos revelados pelo êxtase vivido, numa miragem da maturação de sua potência, ocorre a antecipação da forma total de um corpo e, ao mesmo tempo, se destaca a condição de prematuração da espécie humana. Trata-se de descrever o poder que uma Gestalt tem sobre um organismo, a capacidade de constituição e, além disso, a de reforço da premissa do imaginário.

CAPÍTULO 2

As Teorias do Desenvolvimento Infantil

A primeira parte deste trabalho concentrou em mapear cronologicamente no pensamento lacaniano as formulações teóricas do estágio do espelho, desde o final da década de 1930 até o início dos anos 1950. Neste período, foi possível perceber que o campo temático no qual este conceito está inserido deve ser, de partida, definido pela sua multiplicidade. Diante deste cenário, pode-se acompanhar que há outras referências lacanianas ao estágio do espelho, para além daquelas advindas da psicanálise freudiana, e que se apresentam como imprescindíveis para construção e compreensão histórica do tema. Nesse intuito, a fim de situar os principais indicadores teóricos relacionados a esse contexto, este item apresentará os subsídios teóricos utilizados por Lacan, desde o desenvolvimento de suas teses, demarcando uma composição influenciada por diversos estilos.

Dentre essas influências estão, por exemplo, alguns estudos realizados por autores que publicaram seus trabalhos na área da psicologia infantil, acerca, principalmente, de teorias psicológicas do desenvolvimento da primeira infância. Dentre os principais autores citados por Lacan, com menção direta a teoria do estágio do espelho, é possível identificar os trabalhos de Henri Wallon, Charlotte Buhler e James Mark Baldwin. O interesse desses pesquisadores nos processos de reconhecimento cognitivo e comportamental na primeira infância e sua influência ao pensamento lacaniano, em meados do século XX, serão acompanhadas na sequência.

Segundo Ogilvie (1991), a primeira abordagem descritiva apresentada por Lacan a respeito do estágio do espelho se apresenta como uma gênese do sujeito psicológico, que, em todo caso, é compreendida e utilizada numa tradição que se inicia com Wallon, em 1931, e que Lacan não pode ignorar, já que esse é um dos primeiros estudos sistemáticos a tratar da experiência reacional infantil diante da imagem no espelho.

De imediato, destaca-se que uma das principais influências acerca da teoria do estágio do espelho aparece na nomeação dada ao título, visto que, na primeira apresentação sobre o tema, em 1936, Lacan expõe seu trabalho sob o título de *The Looking-Glass Phase*. Segundo Roudinesco (1994), tal expressão teria sido cunhada por Lacan, em 1936, para designar um momento psíquico e ontológico da evolução humana, situado entre os primeiros seis e dezoito meses de vida, durante o qual a criança antecipa o domínio sobre sua unidade corporal através de uma identificação com a imagem do semelhante e da percepção de sua própria imagem no espelho. A autora atribui ser surpreendente que o termo *Stade du miroir*, que aparece no artigo de Henri Wallon anos antes, em 1931, – *Como se desenvolve a noção do corpo próprio na criança* – tenha sido negligenciado por Lacan. Além disso, o nome de Wallon não é mencionado nem no artigo de Lacan em 1949, nem na bibliografia da Enciclopédia francesa, escrita em 1938. De fato, há apenas uma referência a Wallon, mas não no contexto do espelho. Roudinesco (1994) ainda assinala que provavelmente Lacan se inspirou em dois livros de Wallon para fazer referência em 1936, a saber: *A criança turbulenta*, de 1925 e *As origens do caráter infantil*, de 1934.

Em 1931, Henri Wallon emprega como aporte científico para denominar seus estudos como “O teste do espelho”, dos quais observa a experiência pela qual a criança, colocada diante de um espelho, passa progressivamente a distinguir seu próprio corpo da imagem refletida deste. No dia 16 de junho de 1936, Lacan havia revisto a terminologia de Wallon e mudou o teste do espelho para o estágio do espelho - isto é, a mistura de dois conceitos, "posição" no sentido kleiniano e "estágio" no sentido freudiano (ROUDINESCO, 1994, p. 29).

Roudinesco (1994) ainda aponta o esforço de Lacan “para apagar o nome do psicólogo e se apresentar como o único introdutor do termo” (p. 156). Assim, apesar de estar cronologicamente situado antes de Lacan e de haver indícios de que o psicanalista conhecia as ideias do pesquisador, Wallon é praticamente ausente nos textos com aproximados interesses investigativos acerca do mesmo tema. Em destaque, ele não é mencionado no *Estágio do espelho*, de 1949, nem em *Algumas reflexões sobre o ego*. Wallon é mencionado apenas em 1948 – *A agressividade em Psicanálise* – mas não naquilo que tange a questões relativas à imagem especular. No comentário de Lacan, a série de manifestações corporais desencadeadas em virtude da agressividade devem ser compreendidas numa ordem de coordenação mais ampla: “a que subordinará as funções de posturas tônicas e de tensão vegetativa a uma relatividade social cuja prevalência Wallon sublinhou consideravelmente na constituição expressiva das emoções humanas. ” (LACAN, 1998, p115). De fato, no texto *A criança*

turbulenta de 1925, Wallon trabalhou extensivamente os fundamentos da emoção e sua expressividade no corpo enquanto modo de organização da gênese do psiquismo. No entanto, além da falta de referência, esta não seria a única contribuição da teoria walloniana.

Outro autor que observa a ausência de referência a respeito de Wallon é Mikkel Borch-Jacobsen. Em seu livro *Lacan: O Mestre Absoluto*, ele diz que "a descrição de Lacan do estágio do espelho está longe de ser verdadeiramente original" (1991, p. 47). Os créditos deveriam ser para Wallon, como sua verdadeira origem. O estágio do espelho já tinha sido dado numa apresentação detalhada em 1931-32 pelo psicólogo Henri Wallon, que contou com os trabalhos anteriores de Darwin, William Preyer, e Charlotte Bühler. Sobre a falta de reconhecimento de Wallon como uma fonte importante da teoria do estágio do espelho, Borch-Jacobsen comenta que:

Não podemos deixar de ser atingido por um silêncio obstinado de Lacan a respeito desta dívida importante [para Wallon]. O artigo sobre os complexos da família [...] não faz qualquer menção de Wallon. Da mesma forma, no texto titulado '*The Mirror Stage*', Lacan não diz uma palavra sobre Wallon [...] e ele atribui a Baldwin uma periodização aproximada que de fato pertence a Darwin. Wallon extensivamente cita Darwin; Lacan não. Via a falsa referência a Baldwin, ele pula Wallon (BORCH-JACOBSEN, 1991, p. 248).

Barzilai (2004) também considera que Lacan se interessou por Wallon por volta de 1930, quando leu a monografia deste sobre os estudos de Charlotte Buhler, Charles Darwin, Paul Guillaume, Elsa Kuhler e William Preyer. Os textos de Wallon apareceram primeiro no *Jornal de Psicologia*, antes de ser impresso sob o título de "*As origens do caráter na criança*", em 1931. E há indícios do contato entre os dois, quando Wallon, encarregado do volume VIII da *Enciclopédia Francesa*, encomendou um artigo a Lacan, na época intitulado *A Família*.

A respeito dos outros autores citados, Billig (2006) ressalta que esses já haviam realizados estudos sobre a capacidades de bebês reconhecerem sua própria imagem dos seis meses em diante, dos quais cita os estudos observacionais de: William Preyer (1889); Darwin, que gravou o comportamento de um dos seus filhos diante do espelho; Sully (1895), em *Studies of Childhood*; Paul Guillaume (1925), na obra *L'imitation chez l'enfant*, onde discute sobre o fenômeno de imitação e está incluído uma seção do reconhecimento do espelho, mas principalmente, como já foi citado, Henri Wallon. A esse respeito, Borch-Jacobsen (1991) concorda com os autores citados por Billig (2006), e ainda qualifica ironicamente como "espetacular" o fato de Lacan atribuir para si, como o inventor da fase do espelho, uma vez que, Wallon, em 1931, já havia discutido e chegado às conclusões um tanto quanto semelhantes. De

acréscimo, os dois autores citam Elsa Köhler e Charlotte Bühler como referências importantes. No entanto, ambas, por sua vez, aparecem em vários momentos nos registros lacanianos, mas especialmente Bühler ao tratar do transitivismo infantil. De fato, Lacan utiliza tal noção como o principal descritor da organização psíquica própria do estágio do espelho, do qual se destaca e irradia outros tipos de mecanismos específicos, cuja série apresentada seria: exibição, despotismo, mimetismo, imponência, ciúme e simpatia. Sobre esse conjunto de comportamentos, Jalley (2009) aponta que, todos eles parecem ser interpretados por Lacan como um mecanismo fundamental de projeção, que por sinal, se reúnem ao tema integrador de um “conhecimento paranoico”, ideia que também estaria em ressonância com a sua Tese de 1932 – *A psicose paranoia e suas relações com a personalidade*.

Jalley (2009) ainda comenta que a descrição walloniana, conforme uma psicologia do desenvolvimento da personalidade integra afetividade e inteligência, arquitetadas teoricamente em cinco estágios. Destes cinco, os três primeiros podem ser correlacionados ao tempo determinado na teoria do estágio do espelho de Lacan: impulsivo (0 a 3 meses); emocional (3 meses a 1 ano) e sensório-motor (1 ano a 18 meses). Assim, em síntese, as considerações sobre a perspectiva walloniana que estariam correlacionadas ao modelo laciano, concentram-se nas ideias de supor que as partes do corpo se integram em unidade quando a criança percebe a imagem e a relaciona consigo, como um objeto de referência para as inscrições psíquicas do sujeito em torno de sua unidade. Esta constatação se dá pela prova do espelho, como um teste para a comprovação do desenvolvimento cognitivo, nível de consciência que a criança dispõe a respeito da realidade de si, enquanto forma de reconhecimento do corpo unificado no espaço, e, portanto, representa a gênese da fórmula teórica do estágio do espelho. Contudo, a autora afirma que tal influência não se restringe somente aos dados notáveis referentes à imagem do espelho, mas, mais comumente, de ingredientes básicos dos quais formaram o pensamento laciano sob a categoria do imaginário, cujo conteúdo – de maneira curiosa – não consta da bibliografia dada por Lacan, principalmente, no que se refere ao vínculo com Wallon.

Tais questões evidenciam com efeito, as influências teóricas e pesquisas de outros autores, nas quais Lacan aproveitou para empreender seu projeto. Mas de maneira um tanto quanto atípica – talvez não para o modo específico laciano – obscureceu suas referências primárias, principalmente, sobre os primeiros sinais de atividade psíquica do sujeito humano pela via do reconhecimento de si na imagem, dos quais recuperou alguns estudos da psicologia do desenvolvimento infantil para sustentar sua argumentação. Diante disso, um recurso importante para a teoria de Lacan no início de sua teoria, foi a partir do aporte teórico

apresentado por Henri Wallon, sendo pertinente e justificável começar pela sua obra. Portanto, afim de situar esse contexto, segue-se uma breve bibliografia do autor, em vista de analisar seus principais conceitos e que de certa maneira, se entrelaçam com a concepção lacaniana em torno da teoria do estágio do espelho.

A descrição detalhada das observações realizadas por Wallon dos textos citados anteriormente, permitirão expor e concluir que suas acepções possuem conexões temáticas essenciais ao modelo do estágio do espelho de Lacan. Isso pode ser visto, sobretudo, a partir de certos tipos de comportamento observáveis na criança no período da experiência especular e do desenvolvimento da gênese perceptiva do corpo próprio.

HENRI WALLON

Segundo H el ene Gratiot-Alphand ery (2010), o psic ologo Henri Paul Hyacinthe Wallon se configura como um dos principais nomes da psicologia infantil na França, contribuindo com testes originais, com os quais buscou identificar questões relativas   vida ps iquica no curso do desenvolvimento da criança e procurou reconhecer a importância das primeiras experiências vivenciadas na primeira infância como base da intera o dos fatores orgânicos e ambientais. Além disso, dedicou-se a tudo que lhe parecia poder ampliar o campo da psicologia e suas aplica es em outros domínios. Este foi o caso de suas investiga es no campo da educa o infantil e pela sua utilidade na prática pedagógica – bastante excepcional para a época. O reflexo dessas contribui es na obra de Wallon ofereceram, sob múltiplas formas, os principais subsídios para aprofundar a reflexão sobre o papel do desenvolvimento psicológico infantil e suas implica es na investiga o educacional. A esse respeito, Galvão apresenta uma síntese:

Para Wallon, o estudo da criança não   um mero instrumento para a compreensão do psiquismo humano, mas também uma maneira de contribuir para a educa o. Mais do que um estado provisório, considerava a infância como uma idade única e fecunda, cujo atendimento   tarefa da educa o. A preocupa o pedagógica   presença forte na psicologia de Wallon, tanto nos escritos em que trata de questões mais propriamente psicológicas - que constituem a maioria - como naqueles em que discute assuntos específicos da pedagogia. (GALVÃO, 1998, p.11)

No entanto, antes de chegar   psicologia, a carreira intelectual de Wallon se inicia na filosofia em 1902 e após um ano de docência, decide começar seus estudos na medicina. Durante alguns anos, dedica-se   psiquiatria em diferentes serviços hospitalares, especializa-se em psiquiatria infantil e demonstra interesse pelas anomalias motoras e mentais em crianças, sobre as quais se dedica, de 1908 a 1914. No final desse período, foi requisitado para atuar

como médico no exército francês na I Guerra Mundial. O contato com lesões cerebrais de combatentes fez com que revisse posições neurológicas que havia desenvolvido no trabalho com crianças deficientes. (Galvão, 1998)

Em 1925, foi nomeado diretor do primeiro laboratório de psicobiologia da criança na Escola Prática de Altos Estudos (Paris). Neste mesmo ano, defende sua tese de doutorado no qual consagra seu primeiro livro, sob o título de *A Criança Turbulenta: estudo sobre os retardamentos e as anomalias do desenvolvimento motor e mental*. Até 1931, atuou como médico em instituições psiquiátricas, onde se dedicou as crianças com deficiências neurológicas e distúrbios de comportamento. Esse seu trabalho leva-o a um interesse cada vez maior pela psicologia da criança, tendo sido o responsável, no período de 1920 a 1937, por conferências sobre a psicologia da criança, em várias instituições de ensino superior. (Gratiot-Alphandéry, 2010)

A obra *A criança turbulenta* de 1925 foi o marco fundamental e inicial do autor na área da Psicologia. Nela, Wallon observa e analisa detalhadamente 214 crianças entre dois e três anos com sérios distúrbios psicológicos como: instabilidade, perversidade e delinquência. As crianças observadas no estudo eram atendidas em um posto psiquiátrico no subúrbio de Paris. Na primeira parte do livro, ele descreve os estágios de desenvolvimento psicomotor: emotivo, sensitivo-motor e projetivo. Na segunda parte, são descritas as síndromes psicomotoras: debilidade motora, assinergia motora e mental, hipertonia, automatismo emotivo-motor e insuficiência frontal. (Gratiot-Alphandéry, 2010)

Na primeira parte do livro, ele descreve os estágios de desenvolvimento psicomotor: emotivo, sensitivo-motor e projetivo. Na segunda parte, são descritas as síndromes psicomotoras: debilidade motora, assinergia motora e mental, hipertonia, automatismo emotivo-motor e insuficiência frontal. Wallon mostra que para se conhecer a natureza das funções e suas relações, não basta uma análise neurológica. Mas, a referida análise pode dar referências sobre o desenvolvimento maturacional psicológico que organiza e estrutura as funções orgânicas ao longo da vida. Esse aparato biológico, em estruturação contínua e constante integração com o meio que o estimula, dá condições para a evolução individual dentro do coletivo. A influência do meio modifica-se à medida que se desenvolve o psiquismo, possibilitando respostas cada vez mais diferenciadas e específicas para as mais diversas situações. Por essas razões, as insuficiências psicomotoras não podem ser isoladas do conjunto e o que se observa não é resultante apenas das deficiências em si, mas também, das reações das

áreas que não apresentam esse déficit. Esse tema foi retomado pelo autor no livro *A vida mental* em 1938. (Gratiot-Alphandéry, 2010).

As minuciosas observações realizadas por Henri Wallon forneceram material para elaboração de uma concepção psicobiológica do desenvolvimento, que atentava para os múltiplos aspectos que estavam envolvidos nos quadros psicomotores apresentados pelas crianças, a saber, fatores orgânicos, fatores ligados ao meio ambiente, meio familiar, cultural, etc. A partir dessas observações ele pôde perceber as conexões e interdependências entre as diversas regiões do sistema nervoso, bem como apreender fases de desenvolvimento que ocorrem em todas as crianças, mas que nas crianças com disfunções psicomotoras tornam-se mais facilmente detectáveis, devido à menor velocidade nas transformações que ocorrem durante o desenvolvimento e pelas regressões e fixações que podem ser notadas. (Gratiot-Alphandéry, 2010).

Nesse sentido, Wallon propõe as quatro primeiras fases ou estágios do desenvolvimento infantil: impulsivo, emotivo, sensitivo-motor, Projetivo. Deve se entender fases ou etapas de desenvolvimento na teoria walloniana como a alternância observada entre os momentos em que a criança dispense ou acumula energia, baseado na observação das atividades (ações/comportamentos) da criança. As quatro primeiras fases de desenvolvimento infantil, acima citadas, foram detalhadas no livro *Origens do caráter da criança* (1934) e em artigos publicados pela Revista *Enfance*, passando então, a ser consideradas como dois estágios de desenvolvimento: Impulsivo-emocional e Sensório-motor e projetivo. Estes estágios formam, para Wallon, um sistema integrado com atividades preponderantes e alternantes, sendo respectivamente, atividade reflexa e de relação, no primeiro, e atividade de investigação e exploração, vividas pela criança na intrínseca relação estabelecida com os meios a que pertence, principalmente, humano, sociocultural, no segundo. (Gratiot-Alphandéry, 2010).

Em síntese, no que concerne as suas produções teóricas na área da psicologia, Wallon buscou localizar, descrever e apontar no orgânico, os aspectos observáveis do desenvolvimento da criança, estabelecendo a relação entre este desenvolvimento e o nível de consciência psíquica. Essas questões foram posteriormente transpostas de maneira mais completa em outros livros: *As origens do caráter da criança* (1934); *A vida mental* (1938); *A evolução psicológica da criança* (1941); *Do ato ao pensamento* (1942) e *As origens do pensamento na criança* (1945).

No que tange ao tema desta pesquisa, destaca-se um artigo publicado em 1931, intitulado: *Como se desenvolve na criança a noção do corpo próprio*. Este texto foi reeditado

no livro *As origens do caráter da criança* em 1934⁶, onde aparece com o título *Consciência e individualização do corpo próprio*, compondo a segunda parte da obra. Esse livro pode ser dividido em três partes. O primeiro é dedicado ao estudo das emoções na infância, sendo considerado as emoções a partir da interação com o meio social. A segunda parte aprofunda o tema da interação, mostrando como a consciência emerge progressivamente, como consequência da noção do corpo próprio. A última parte considera os prelúdios da consciência do eu, sendo que a experiência do espelho possibilita o reconhecimento da imagem especular enquanto uma pré-condição para o surgimento de uma autoconsciência. Assim, para que haja um *eu*, deve haver uma imagem que o compõe. O *eu* seria então, principalmente a consciência em reconhecer a imagem total do corpo ou, pelo menos, o quadro mais completo possível do corpo formando a imagem especular. Esta é a experiência fundamental da necessidade de auto reconhecimento por si só para o surgimento da consciência individualizada.

Portanto, o contexto geral da tese defendida por Wallon (1971) acerca do processo de individualização, consiste na experiência de reconhecimento por parte da criança em integrar as partes do corpo próprio, “numa noção suficientemente coerente e unificada de seu ser físico” (p. 179). Com efeito, as concepções apresentadas pelo autor para demonstrar essa experiência perceptiva do corpo próprio serão analisadas especificamente no capítulo IV sob o título: *O corpo próprio e sua imagem exteroceptiva*. Logo de início o autor destaca o tema tratado:

A maneira de reagir da criança, ao ver sua imagem refletida no espelho, constitui a contraprova a indicar, com perfeita nitidez, os graus por que ela passa antes de chegar a reduzir, numa intuição de conjunto, todos os elementos relacionados com sua personalidade física. [...]. Trata-se de saber como a criança se torna capaz de reconhecer como seu o aspecto exteroceptivo, traduzido pelo espelho da maneira mais completa e evidente. O problema comporta aparentemente dois tempos simples: perceber a imagem e relacioná-la a si própria. Na realidade as etapas são bem mais complexas. Põem em evidencia mecanismos e condições que a análise da consciência por si mesmo não permitiria suspeitar. (WALLON, 1971, p.188).

Assim, Wallon (1971) correlaciona o nível de consciência da criança acerca da sua realidade ao grau de reconhecimento do corpo próprio. Neste texto, o autor analisa aspectos cognitivos associados à experiência especular, buscando identificar se houve ali a unificação de um “eu”. Mas uma unificação que seria um processo natural, um tipo de comportamento humano carente de estímulo, no qual a criança se dirige ao conhecimento objetivo da realidade. Sobre isso, Roudinesco (1993) afirma que Wallon aderira à ideia darwiniana segundo a qual a

⁶ A referência citada foi retirada da tradução em português de 1971.

transformação de um indivíduo passa pelos desfiladeiros de uma dialética natural. No quadro desta transformação, que para a criança consiste em resolver seus conflitos, a experiência dita do espelho é um rito de passagem que ocorre a partir dos seis meses de vida. Ela permite à criança reconhecer-se e unificar seu eu no espaço. Nesse sentido, Wallon (1971) assinala que essa experiência só adquire sentido dentro de uma sucessão temporal que corresponde correlativamente aos estágios que ocorrem no desenvolvimento da criança:

Torna-se necessário esperar o sexto mês para que, à imagem refletida no espelho venham se associar outras reações diferentes das manifestações puramente mímicas e afetivas. Frequentemente de início, isto só ocorre sob o impacto de uma circunstância exterior. O filho de Darwin sorri diante de sua imagem e da de seu pai, por ele avistadas no espelho. Sem embargo ao ouvi-lo falar, às suas costas, vira-se, surpreendido (WALLON, 1971, p. 192).

De fato, Wallon (1971) dá grande importância à evolução das reações da criança diante de sua imagem no espelho enquanto índice da individualização do corpo próprio, processo essencial na conquista da consciência de si na infância. Assim, a organização da consciência corporal não se limita à aquisição de um senso coordenado acerca dos órgãos e da sua atividade. Ela exige a distinção progressiva entre aquilo que deve ser atribuído ao mundo exterior e aquilo que deve ser atribuído ao corpo próprio. Esse processo corresponde à integração e maturação, no plano da vida psíquica, da atividade simbólica, caracterizada pela capacidade de evocar, além das impressões sensíveis momentâneas, sistemas de representação do mundo e do próprio corpo. Antes disso, contudo, é preciso que ocorra o desenvolvimento de um sistema coeso e sinérgico entre as sensibilidades interoceptivas, proprioceptivas e exteroceptivas.

A noção do próprio corpo não se constitui como um compartimento estanque. Para cada uma de suas etapas, depende dos processos gerais da psicogênese: constitui um caso particular. Antecede, porém, às outras épocas de sua formação, pois nenhuma como ela se acha mais imediatamente na confluência das necessidades interoceptivas e das relações com o mundo exterior, nem é mais indispensável aos progressos ulteriores da consciência. Cede o primeiro plano logo que, por sua parte tornou possível outras elaborações (WALLON, 1971, p. 202-3).

No início da vida, estes diferentes domínios funcionais encontram-se dissociados, afirma o autor. O domínio interoceptivo, relacionado à sensibilidade visceral, e o domínio proprioceptivo, referente às sensações ligadas ao equilíbrio e à motricidade, desenvolvem-se mais precocemente. As funções exteroceptivas, que se referem à sensibilidade às excitações de origem externa, são mais tardias e, inicialmente, provocam efeitos que não pertencem à vida da

relação com o mundo exterior, mas apenas ao próprio organismo. Em outras palavras, Wallon (1971) atribui a concepção de exteroceptividade às reações da criança diante da relação direta com o ambiente e com as suas fontes de excitação. Isso mostra como o recém-nascido estaria imerso numa sensibilidade predominantemente interoceptiva, estando sua relação com o meio quase que numa reciprocidade, em que as suas reações ditas primárias moldariam suas condutas de acordo com as circunstâncias. Suas respostas aos estímulos exteriores não exprimiriam seu comportamento global ainda, já que seria preciso as reações secundárias, em que já haveria transformações e elaborações de estruturas que prevaleceriam às circunstâncias para destacar suas motivações íntimas. Por isso Wallon (1971) diz de um sincretismo no qual não haveria uma distinção entre as relações do *eu* e do mundo ou qualquer dissociação de subjetivo e objetivo.

Nesse sentido, a regulação mais estável e sinérgica entre esses três domínios pode ser vislumbrada, segundo Wallon (1971), em torno do fim do terceiro mês de vida. Este fato é atrelado ao processo de mielinização das fibras nervosas, cujo curso se estende ao longo do primeiro ano de vida da criança. Com efeito, trata-se de um processo de maturação progressiva dos centros nervosos ligados ao equilíbrio e às sinergias funcionais. Essa sinergia corporal orienta-se progressivamente para o meio exterior, motivando e se beneficiando, ao mesmo tempo, de uma integração crescente entre elementos posturais, motores, sensoriais e psíquicos.

Atento à maturação neurofisiológica da motricidade, Wallon (1971) destaca a articulação entre os diferentes tipos de expressividade motora e seu lugar no desenvolvimento. Esclarece que o ato motor quase sempre está dirigido ao outro, seja como solicitação ou manifestação, impregnadas de emotividade, até mesmo nos movimentos involuntários, como na mímica ou ainda nos automatismos. Tais questões também foram referidas no texto *A evolução psicológica da criança*, em 1941⁷. No entanto, as emoções são as condutas afetivas mais exploradas por Wallon, por serem aquelas que se referem à possibilidade de exteriorização da afetividade. Assim, os aspectos emocionais e afetivos estão relacionados às condições de bem-estar e de desconforto que inicialmente se vinculam às características fisiológicas e que, pouco a pouco, se desvinculam ou tornam-se menos dependentes do aspecto orgânico.

As emoções consistem essencialmente em sistemas de atitudes que, para cada uma, correspondem a certo tipo de situação. Atitudes e situação correspondente se implicam mutuamente, constituindo uma maneira global de reagir que é de tipo arcaico e frequente na criança. Uma totalização indivisa opera-se então entre as disposições psíquicas, todas orientadas no mesmo

⁷ A referência citada foi retirada da tradução em português de 1955.

sentido, e os incidentes exteriores. Disso resulta que, com frequência, é a emoção que dá o tom ao real. (WALLON, 1955, p. 121).

Os acontecimentos exteriores possibilitam o desencadeamento da emoção, no tocante a qualquer orientação contrária, seja de interesse ou impressão, caracterizando um certo sincretismo. De qualquer forma, a emoção pode suscitar reflexos imediatos, que se opõem à lógica ou à evidência, de modo a constituir complexos afetivos irreduzíveis ao raciocínio. Todavia a emoção, “também fornece às reações uma rapidez e sobretudo uma totalidade que convém aos estágios da evolução psíquica e às circunstâncias da vida em que a deliberação está interdita”. (WALLON, 1995, p.140). Compete às emoções, por sua orientação de gênese do psiquismo, realizar os vínculos que antecipam a intencionalidade e o discernimento:

Entre as atitudes emocionais dos sujeitos que se encontram num mesmo campo de percepção e de ação, institui-se muito primitivamente uma espécie de consonância, de acordo ou de oposição. O contato estabelece-se pelo mimetismo ou contraste afetivos. É por essa via que se instaura uma primeira forma concreta e pragmática de compreensão, ou melhor, de participacionismo mútuo. O contágio das emoções é um fato comprovado frequentemente. Depende do poder expressivo delas, no qual se basearam as primeiras cooperações de tipo gregário, e que incessantes permutas e, sem dúvida, ritos coletivos transformaram de meios naturais em mímica mais ou menos convencional. (WALLON, 1995, p. 141)

Dessa forma, o caráter de contágio das emoções, demonstra o poder que a emoção tem de agregar os indivíduos inclusive induzindo a mímicas e formas de organização dos grupos sociais. As atitudes emocionais são capazes de direcionar “os automatismos que o desenvolvimento espontâneo das estruturas nervosas mantém em potência e, por seu intermédio, as reações de ordem íntima e fundamental. Assim, se mistura o social com o orgânico” (WALLON, 1995, p. 141). Como exemplo, sobre o contágio das emoções aos aspectos sociais, Wallon destaca o sorriso cuja indução acontece por outro sorriso, uma vez que nessa circunstância a sensibilidade da criança se estende ao meio social. A criança reproduz os traços que percebe no ambiente, e de certa forma ainda não é capaz de distinguir-se desses traços:

Este desdobramento, que é também uma alienação de si em outrem, implica uma segunda fase inversa, em que o sujeito se tornará senhor de si opondo-se a outrem. Começa então a evolução da personalidade. À emoção compete unir os indivíduos entre si através das suas reações mais orgânicas e mais íntimas, devendo esta confusão ter como consequência as oposições e os

desdobramentos de que poderão surgir gradualmente as estruturas da consciência. (WALLON, 1955, p. 142- 143)

A emoção está, portanto, na base estrutural da consciência, embora venha a diferenciar-se dela cada vez mais na evolução da personalidade. O domínio funcional da afetividade, por conseguinte, contém diferentes manifestações afetivas, embora Wallon tenha se dedicado a detalhar as emoções. E assim como os outros domínios funcionais, a afetividade não nasce completa e tampouco se mantém sem modificações. À medida que evolui, a afetividade expressa relação com o tempo, pois se desenrola em processos que possuem antes e depois, continuidade e desenvolvimento.

Neste momento então, é ainda uma consciência muito primária e sincrética, ou seja, indiferenciada de forma precisa dos elementos e objetos. Pelo desenvolvimento da sensibilidade social, Wallon (1971) observa que, em seus primórdios, a criança manifesta alguns tipos de comportamentos exclusivos cujas determinações estariam ligadas pela situação. Sendo necessário conceber uma sequência de sua evolução. Para um exame mais detalhado que aborda os diferentes aspectos dessa sensibilidade social, Wallon traz como exemplo os estudos de Charlotte Bühler e comenta:

As atitudes recíprocas das crianças deram lugar a um estudo deveras interessante de Ch. Bühler (obra citada). No consultório para lactantes, enquanto as mães aguardavam o atendimento, ela pegava as crianças e as colocava duas a duas, face a face, observando cada um dos seus gestos. Dessa maneira, recolheu numerosos exemplos, de grande utilidade. A própria psicóloga constatou não dependerem as reações de cada criança somente da idade, isto é, de suas aptidões brutas, mas serem também determinadas pelas do seu companheiro, ou seja, resultarem de uma relação em cada uma parecia perder a autonomia e receber seu papel da estrutura ou situação da qual participava (WALLON, 1971, p. 167).

Assim, igualmente relevante e indissociável desse processo, a interação com o outro será responsável pelo desencadeamento das funções cognitivas e motoras na criança. Essa atividade expressiva, possibilitada pela atividade motora, regula, modula e produz estados emocionais. Entretanto, as atitudes de duas crianças colocadas de lado a lado estão subordinadas a diferença de idade em elas se encontram. Wallon (1971) segue conforme os exemplos de Bühler e observa o caso de uma criança mais velha não demonstrar interesse pela mais jovem, mesmo que fosse para exercer sobre ela seu despotismo ou rivalidade. Desse modo, é necessária uma certa equiparação de ambas as idades, cuja diferença não deve ultrapassar a dois meses e meio, onde poderá se produzir reações recíprocas a condições bem determinadas. O autor ainda

defende que essas reações organizadas, provocam alterações na mímica facial, na postura, na forma como os gestos são executados e que se exercem como reguladas pelo sistema nervoso central, situado na região subcortical.

Dentre outras atividades que expressam essa relação, pode-se citar também a imitação, pois “a imitação se realiza somente no tempo e por uma sucessão de atos na qual deve reproduzir-se a sucessão percebida” (WALLON, 1971, p. 152). O ato de imitar, é uma importante atividade motora e ao mesmo tempo de representação, de tal modo que sinaliza a articulação entre a utilização de objetos ou a idealização de espaços. Além disso, ao imitar, a criança explora o espaço e concomitantemente organiza a consciência acerca do meio. Isto porque “o apetite investigativo que conduz toda criança normal incita-a a realizar transferências, durante as quais se depreende a fórmula do ato” (WALLON, 1995, p. 141). É também notável na criança a atração precoce e forte que sente pelas pessoas que a rodeiam:

Disso decorre, no limiar de sua vida psíquica, uma espécie de consonância prática com o outro. Inicialmente impensada, essa consonância poderá se tornar mais deliberada à medida que os progressos de sua atividade lhe derem meios de se distinguir e de se opor. Então, o pertencimento dará lugar à individualização, e o simples conformismo à imitação. Os primeiros objetivos, perseguidos por si mesmos, que regem de fora a atividade da criança são os modelos que ela imita. (WALLON, 1995, p. 142)

Na perspectiva de Wallon (1995) a característica da imitação diz respeito ao fato de o ato ser induzido por um modelo exterior. Porém não é qualquer reprodução de uma impressão sensorial de origem exterior que merece ser colocada no mesmo plano que a imitação. De tal modo que, não pode haver imitação na ausência da percepção, ou seja, da subordinação dos elementos sensoriais a um conjunto, pois a imitação procura não apenas reproduzir, mas também reconstituir o conjunto:

O que poderia provocar um engano é que entre seus procedimentos está o da cópia literal. Mas a reprodução de cada traço sucessivamente supõe uma intuição latente do modelo global, isto é, sua apercepção e sua compreensão prévias, sem o que apenas produz resultados incoerentes. Por mais mecânica que ela seja na aplicação, corresponde a um nível já complexo da imitação. Pressupõe a capacidade de seguir uma instrução, uma técnica e a habilidade sempre alerta de comparar, isto é, de se desdobrar na ação operações que somente uma etapa avançada da evolução psíquica torna possíveis. (WALLON, 1995, p. 144).

Quando imita espontaneamente, a criança não possui uma imagem abstrata do modelo, e como ainda não sabe opor-se, começa por se unir a ele por meio da intuição. Desse modo, a

criança imita pessoas significativas ou que exercem atração sobre ela, ou imita acontecimentos pelos quais se sentiu encantada ou cativada: “Na raiz de suas imitações há amor, admiração e também rivalidade [...]. De fonte afetiva no início, a imitação também encontra em sua adesão ao modelo seus primeiros meios de percebê-lo assimilando-se a ele” (WALLON, 1995, p. 144)

Portanto, de início, os objetos que estão à volta da criança são para ela a oportunidade de realizar diversos movimentos. Posteriormente é que ocorre a exploração do próprio objeto, de maneira que o interesse tende a ser invertido: “por um aparente paradoxo, parece ir do abstrato para o concreto; na verdade, vai do mais subjetivo ao menos subjetivo” (WALLON, 1995, p. 147). A partir de então, são as qualidades de um só e mesmo objeto que a criança é impelida a reconhecer, buscando, portanto, sua unidade, que constitui a unidade dos traços continuamente percebidos no objeto.

Wallon (1971) observa, então, que o desenvolvimento da consciência se relaciona ao desenvolvimento da personalidade total da criança, que, por sua vez, está ligada às condições de sua existência, ao meio, de forma que seu estudo inclui também a sociologia. Tratando especificamente dos estudos na psicologia, Wallon (1971) reitera que “a psicologia se alimentaria apenas de abstração e de simples verbalismo se não encontrasse campos de aplicação para os seus princípios, campos de controle, campos de observação”. (pág.197). Sobre isso, Galvão sintetiza:

Não obstante o recurso a outras áreas de conhecimento, Wallon utilizou-se largamente de pesquisas realizadas no campo da psicologia da criança, pesquisas pioneiras feitas por autores como Stem, Preyer, C. Buhler e Guillaume. Aproveitou o material descritivo oferecido por esses autores, composto, em sua maior parte, de minuciosas observações longitudinais (uma mesma criança acompanhada em várias idades). Discute as interpretações dadas pelos autores das observações e busca explicações capazes de integrar as diversidades dos dados em que se baseia, contextualizando-os num referencial explicativo próprio. (GALVÃO, 1995, p.34-35).

Wallon (1971) conclui que o erro de grande parte da psicologia é supor que a individualidade é um dado primário ou original, quando até mesmo a própria imagem corporal deve ser construída em um longo processo. De tal modo que a capacidade da criança em reconhecer a noção do corpo próprio está entrelaçada ao desenvolvimento da consciência, que por sua vez, conduz a formação de uma imagem corporal. No entanto, inicialmente, não há uma diferenciação precisa do mundo externo, a realidade da sensibilidade interoceptiva seria experienciado primeiramente. Contudo poder-se dizer que precocemente há uma certa oposição entre o que é expelível e o que não o é, como exemplo: as fezes, a urina e o próprio ato de ejetar

tais “partes” suas daria à criança um contato prazeroso e também curioso, como um dos primeiros contatos com o mundo exterior. A respiração, a alimentação e a sucção seriam outras funções que se especializam nesta relação. Já na sensibilidade proprioceptiva a criança desenvolveria suas funções motoras e suas espacialidades equilibrativas. Caminhar, por exemplo, seria um passo importante para a formação desta equilibração.

Todavia, o aspecto fundamental assinalado por Wallon (1971) está em compreender como a criança se desenvolve até uma estabilidade unitária em suas ações, ou seja, que lhe permita um sustentáculo do sentimento de seu corpo próprio como algo coordenado e unitário. Isto mostra que a noção de seu corpo próprio não se dá por um resultado de combinações automáticas entre as sensibilidades, mas está correlacionada às suas sensibilidades num estado crescente: “longe de a consciência subjetiva ser originalmente coerente, todas as relações da criança a alguma etapa testemunham que ela se descobre por fragmentos” (p. 101-102).

O início das atividades exteroceptivas minimamente coordenadas possibilitam as primeiras reações da criança face ao seu próprio corpo. Wallon (1971) observa que, entre o terceiro e o sexto mês de vida, é comum deparar-se com a surpresa da criança frente à aparição de seus membros em seu campo perceptivo. Durante o esforço para pegar um objeto qualquer, é possível que ela pare uma das mãos diante dos olhos e a fixe prolongadamente, atendo-se especialmente à agitação dos dedos. No curso de movimentos aleatórios, pode ainda ocorrer que a criança pegue uma mão com a outra, a mão tocada parecendo lhe surpreender mais, pois, apesar de inerte, apresenta-se como sede de sensações. Assim, neste período ainda não existe, por parte da criança, uma intuição do corpo próprio em seu conjunto. Mas assinala que “Ao cabo do sexto mês, inicia-se um período marcado sobretudo pelos progressos da atividade instrumental e da aptidão antecipadora em face da percepção das coisas” (p. 176). No decorrer dos seis meses seguintes, são esperados importantes avanços na formação de uma personalidade física unitária.

Nesse sentido, o reconhecimento da imagem exteroceptiva do corpo próprio por parte da criança é considerado uma importante etapa desse processo. Com efeito, a experiência da criança diante do espelho é qualificada por Wallon como contraprova das dificuldades que ela enfrenta antes de reduzir numa intuição de conjunto tudo aquilo que se relaciona à sua personalidade física. Portanto, a tarefa que a criança tem diante de si é reconhecer seu aspecto exteroceptivo como seu, e ainda mais, ela deve reconhecer o real na imagem, sendo capaz, contudo, de distinguir as coisas da sua representação. Wallon (1971) mostra que o desenvolvimento dessa atividade se dá ao longo dos primeiros anos de vida infantil, ainda não

encontra paralelo entre os animais e propõe quatro experimentos: a de um pato, um gato, dois cães e os macacos. No caso dos símios superiores, como os chimpanzés, estes têm o ímpeto de, diante do reflexo, verificar a parte posterior do espelho. A frustração os deixam irritados e eles passam a evitar a imagem. Para o autor, o comportamento dos símios demonstra um ato verdadeiro de conhecimento, num nível mais elevado ao comparado com a reação da criança frente ao espelho.

A reação dos símios superiores na presença de um espelho é de um nível muito mais elevado. Eles instantaneamente passam a mão por trás, manifestam sua raiva por não ter encontrado nada para agarrar e, portanto, recusam-se a vê-lo. Parece que há um verdadeiro ato de conhecimento. [...]. Segundo Köhler, os chimpanzés já seriam capazes de se reconhecerem num retrato. Trata-se de um estágio que a criança não atinge de golpe (WALLON, 1971, p. 142).

Desse modo, a criança não é sensível à sua imagem nos primeiros dias após o nascimento. É necessária uma certa maturação dos órgãos para coordenar sinergeticamente o seu equilíbrio (função postural). Assim, ela começaria por uma indiferença frente à sua imagem, fixando-a, sem nenhum interesse na sua fisionomia. Após algumas semanas, ela passa a se olhar como se sua imagem fosse a de um estranho (na décima sétima semana) e demonstra interesse pela sua fisionomia e nas representações dela, depois de alguns dias. Wallon (1971) diz que a criança passará a sorrir à imagem sem associá-la a si, mas não será ainda capaz de compreender que uma imagem reflete uma pessoa. Para tanto, deverá ter a capacidade de associar a imagem à pessoa.

Logo, até o terceiro mês de vida, a criança se mostra insensível à imagem especular. Entre o terceiro e o sexto mês, observam-se manifestações afetivas intermitentes de interesse pelo reflexo. A partir do sexto mês, as imagens refletidas no espelho iniciam reações mais ricas. Pois a criança começa a desenvolver a capacidade de identificação, justaposição e associação, dando-a liberdade para se voltar da imagem à pessoa refletida. Contudo, ela ainda trata a imagem como uma realidade independente da pessoa, pois tal identificação pressupõe uma relação de subordinação, ou uma capacidade de representar as coisas “num plano superior”, ordenando as imagens refletidas ao seu redor. Wallon (1971) entende este processo como uma duplicação: não haveria uma redução do outro à sua imagem. Um último passo seria a capacidade de representar as coisas, ou de sair de sua existência imediata para se poder imaginar, ou se tomar como um “corpo total.

Wallon (1971) dá o exemplo de um menino, ainda em fase de desenvolvimento intermediária, que sorri para sua própria e a imagem de seu pai diante do espelho, mas

demonstra surpresa ao ouvir a voz de seu pai por detrás dele. A criança ainda não compreendeu a ligação entre o reflexo e a presença real do pai. Na análise de Wallon, a dificuldade parece residir num realismo espacial que impede a criança de vincular a figura real com o virtual. A criança surpreende-se diante de uma espécie de duplicação espacial, que, num momento seguinte, deverá ser reduzida, ainda que precariamente, à identidade entre a imagem e o objeto. Malgrado a diferença de fontes espaciais, a criança começaria a se dar conta da correspondência mútua entre certos grupos de impressões. De acordo com Wallon (1971), a verificação dessa relação revela um “ato de conhecimento” (p. 224) original, na medida em que implica a realização de novas formas de identificação e de integração mentais. As relações entre o objeto e a imagem, entre o corpo vivo e seu duplo visual, não são, todavia, apreendidas subitamente. Observam-se intermitências no comportamento da criança diante do espelho. Ora ela tenta agarrar sua imagem com as mãos e se espanta com a solidez do vidro. Noutra momento, ela examina a parte posterior do espelho, atribuindo realidade independente tanto à imagem quanto ao modelo. Noutra ocasião, se chamada por seu nome, pode ocorrer que ela olhe diretamente para o espelho. Wallon (1971) refere-se a este realismo espacial como um estágio de simples justaposição. O trabalho que a criança deve realizar em seguida, ainda que a título de prelúdio da atividade simbólica, é o esvaziamento da existência da imagem especular do corpo próprio. Isso implica que, gradualmente, a noção do corpo próprio adquira uma dimensão espacial-objetiva. O autor comenta:

Entre a experiência imediata e a representação das coisas é preciso necessariamente que intervenha uma dissociação, que destaca as qualidades e a existência pertencentes ao próprio objeto das impressões e das ações em que ele se encontra inicialmente implicado, atribuindo a ele, entre outros caracteres essenciais, aquele da exterioridade. Não há representação possível senão a este preço. Aquela do corpo próprio, na medida em que existe, deve necessariamente responder a esta condição. Ela apenas pode formar-se exteriorizando-se (WALLON, 1971, p. 227-228).

Ao experimentar, sistematicamente, a diferença de sensibilidade existente entre as diversas partes do seu corpo e os objetos, a criança distingue o que pertence ao mundo exterior (espaço objetivo) e o que é de seu próprio corpo (espaço subjetivo). Mas para que se consolide a apropriação do eu, que consiste numa consciência corporal, é preciso que o corpo próprio (cinestésico) seja integrado ao corpo visual (das representações). Dessa forma que o reconhecimento da imagem especular é, pois, uma das ocasiões para que a criança entre pouco a pouco no mundo das coisas perceptíveis. Ela chegará a se conceber como um corpo entre outros corpos, como “um ser entre os seres”, concebendo imagens de si mesma análogas às que

podem se formar exteriormente. A unificação de seu *eu* no espaço, contudo, pressupõe que a criança conceba a impossibilidade do agenciamento da percepção por parte do seu *eu* exteroceptivo, ou seja, por parte da sua imagem, afirma Wallon (1971):

Para que consiga de maneira satisfatória unir seu próprio eu no espaço, será preciso situar o eu exteroceptivo de modo a tornar a percepção essencialmente realizável. Pois tão logo a veja, sua imagem deixa de coincidir no espaço com seu próprio corpo e deve considerá-la sem realidade; e logo que supõe a realidade seu aspecto exteroceptivo, ela o deve encarar como inacessível a seus próprios sentidos. Necessidade dupla: admissão de imagens com aparência de realidade; afirmação de imagens que se furtam a percepção (WALLON, 1971, p.222)

Assim, a dupla operação que a criança deve realizar: aceitar que há imagens que apenas possuem a aparência de coisas reais e afirmar a realidade de imagens que escapam a uma apreciação perceptiva total, como no caso do corpo próprio. Quer dizer, o modo como a criança reage diante de um espelho parece comprovar que sua imagem dá a si uma noção mais exata de seu corpo. Entretanto, é certo que tal percepção não se dá num golpe e está sujeita a uma evolução constante para se ter uma intuição de conjunto de sua unidade corporal: deverá se imaginar como unidade, já que não pode ver todas as suas faces ao mesmo tempo. Em outros termos, escreve Wallon (1971) trata-se de compreender que há “imagens sensíveis, mas não reais; [e] imagens reais mas subtraídas ao conhecimento sensorial”. Conclui-se então que, em torno do primeiro ano de vida, a criança já é capaz de demonstrar ter sido introduzida no campo dessa atividade simbólica. É o caso de uma menina que serve de exemplo a Wallon: ao passar diante de um espelho, ela prontamente leva sua mão ao chapéu de palha que lhe cobre a cabeça, e não à imagem especular. O autor comenta a situação da seguinte maneira:

A imagem no espelho inexistente por si mesma; é um sistema de referências, apto a orientar os gestos para particularidades do próprio corpo das quais fornece indicações. Ao se esvaziar de existência, torna-se puramente simbólica. Assim vem a ser pelo fato de agora poder ser considerada como exterior ao sistema de imagens com o qual a criança identifica seu corpo e seu eu (WALLON, 1971, p. 199).

Nesse sentido, a criança vai aos poucos diferenciando seu corpo da imagem que observa no espelho. Diferenciação que se daria face a uma compreensão simbólica por parte da criança, ao demonstrar uma compreensão acerca da reciprocidade entre modelo e imagem. Dessa forma, começa a reconhecer o espaço imaginário de uma unidade corpórea e termina com a compreensão de que o corpo próprio é passível de considerações de tipo espacial-objetivas.

Pois, é essencial o reconhecimento de valores espaciais, ou, mais precisamente, a coordenação do que foi percebido como dois corpos em dois locais distintos. Assim, o ponto de viragem está na compreensão simbólica do espaço imaginário em que sua unidade era forjada. Wallon (1971) descreve em seções separadas as relações especulares das crianças com os outros e com os seus próprios corpos; e também discute as diferentes operações mentais envolvidos na percepção da realidade a partir das imagens de outros órgãos e da autoimagem.

As observações detalhadas de Wallon estabeleceram claramente um paradigma conceptual para a compreensão de Lacan do estágio do espelho. Em particular, o texto de Wallon sobre as origens do carácter da criança se torna um ponto de partida para as produções lacanianas. Parte decisivamente - e esta partida é indiscutivelmente o núcleo de sua produção teórica - em dois pontos: o estágio do espelho e a identidade da imagem especular. As descrições sobre a conquista da criança de uma imagem unificada do corpo e uma compreensão preliminar da representação, são algumas das concepções de Wallon ressonantes em Lacan. Ambos afirmam que a forma corporal, a unidade da imagem especular ou a *gestalt* são indispensáveis ao processo de maturação. E é o espelho que, nessas ideias, “aparece como elemento mediador, fazendo a intercessão entre a imagem corporal parcial e fragmentada do início da vida da criança” (WALLON, 1971, p. 230). De tal modo que, a criança humana, cuja visão direta se limita a uma imagem corporal parcial (apenas certos fragmentos e nunca se junta), adere a uma imagem coerente do corpo total através da mediação do espelho. Tal dialética permite a unificação do *eu* no espaço e ao mesmo tempo, implica numa subordinação cognitiva dos dados da experiência imediata à pura representação. “A experiência espelho é, portanto, também o “prelúdio para a atividade simbólica”, permitindo uma transição de percepções sensoriais parciais, ao que Wallon chama de “função simbólica” (BARZILAI, 2004, s/n)

Outra ideia especificada que ressoa entre os dois autores está na abordagem sobre a relação diante de um outro, quando em questão está, por exemplo, a presença de uma pessoa junto à criança refletida no espelho. Segundo Wallon, o corpo refletido do sujeito não precisa ser o único a ativar a integração mental do modelo e da imagem. Outros corpos podem ter o mesmo propósito. Como é o caso demonstrado pela reação do menino na presença do pai.

Outro ponto em comum ao texto de Wallon, está sobre o comportamento da criança no espelho que exemplifica as diferenças nas capacidades mentais entre as espécies animais, bem como entre as crianças, em vários estágios de desenvolvimento. Da mesma forma, Lacan contrasta o comportamento da criança e do chimpanzé em seu texto de 1949: “A criança, em uma época em que é por um tempo, por mais curta que seja, ultrapassada pelo chimpanzé em

inteligência instrumental, pode, no entanto, reconhecer como tal sua própria imagem num espelho " (p. 98). A vantagem motora do animal é compensada pela inteligência humana primitiva. Como Wallon, Lacan também menciona os experimentos de Elsa Köhler e outros psicólogos que publicaram suas observações na década de 1930.

CHARLOTTE BÜHLER

Ao contrário de Wallon, Charlotte Bühler (1893 - 1974) é citada por Lacan no texto de 1949. A psicóloga alemã, nascida em Berlim é uma das referências mais utilizadas na psicologia do desenvolvimento infantil. Suas investigações, principalmente as realizadas a partir da década de 1920, tinham como proposta analisar a interação dos bebês, o comportamento social das crianças, a partir do que ela chamou de componente negativo – a agressividade e a destruição – e componente positivo – a sexualidade. Bühler foi quem descreveu os fenômenos do transitivismo usados por Lacan para trabalhar o estágio do espelho.

Assim, em 1946 no texto *Formulações sobre a causalidade psíquica*, Lacan faz questão de ressaltar que: “Charlotte Buhler, com efeito, para citar apenas ela, observando o comportamento da criança com seu companheiro de brincadeiras, reconheceu esse transitivismo sob a forma cativante de uma verdadeira captação pela imagem do outro.” (1998, p. 181). No texto de 1949, Lacan também descreve que “Esse momento em que se conclui o estágio do espelho inaugura, pela identificação com a imago do semelhante e pelo drama do ciúme primordial (tão bem ressaltado pela escola de Charlotte Buhler nos fenômenos de transitivismo infantil)” (1949, p. 101). Buhler é referida por Lacan em outro texto contemporâneo, “A agressividade em psicanálise”, inclusive pelo mesmo conceito de transitivismo, que em 1948, Lacan diz “[...], é em uma identificação ao outro que ela vive toda a gama de reações de imponência e ostentação, das quais suas condutas revelam com evidência a ambivalência estrutural: escravo identificado ao déspota, ator ao espectador, seduzido ao sedutor.” (1998, p. 114). Desse modo, tornar-se válido e imprescindível pesquisar tanto sobre o conceito que foi repetidamente ressaltado por Lacan, tanto quanto a autora o qual faz questão de enfatizar.

De acordo com Jalley (2009), a noção de transitivismo foi introduzida pelo neurologista e psiquiatra alemão Wernicke, num sentido mais restritivo de uma transferência para o exterior. Apesar do uso deste conceito depender do linguajar psiquiátrico, com o passar do tempo, pode-se discernir, dentro da literatura especializada de língua francesa, como por exemplo, no artigo *A consciência e a vida subconsciente* de Wallon em 1921, no qual evoca o transitivismo de

acordo com a acepção introduzida por Wernicke, porém sugere transpor o conceito do campo da psiquiatria para o da psicologia. Em síntese, a autora comenta que a interpretação de Wallon sobre o transitivismo é como um processo inverso de comportamentos do registro da participação emotiva, numa simpatia invertida que faz o sujeito substituir o si por outrem, ao invés de se instituir no lugar deste. Essas reviravoltas entre atitudes se explicam pela indivisão relativa ao tipo primitivo de relação entre o sujeito e o outro, constituído por duas funções antagônicas: afetividade e imagem, dos quais seriam, um componente proprioceptivo e outro exteroceptivo.

Assim, é possível observar certas semelhanças em alguns pontos citados acima referido às concepções lacanianas, no entanto, ao realizar um exame mais metódico, Jalley ainda destaca vários outros pontos do transitivismo que estariam em consonância com a obra de Wallon, como por exemplo, a respeito da “sugestão mimética” de Lacan que corresponderia com a concepção do “contágio mimético” ou “mimetismo afetivo” de Wallon, Também haveriam, segundo a autora, outras constatações a respeito da manifestação do ciúme e simpatia, cuja referência seria mais provável atribuir a Elsa Köhler, discípula de Charlotte Bühler.

De qualquer maneira, ainda assim, a insistência de Lacan em apresentar a autora Charlotte Bühler como uma fonte importante para suas elaborações, demonstra que seu papel na teoria do estágio do espelho é fundamental. Segundo Billig (2006), a psicóloga estudou filosofia e psicologia, mas é reconhecida principalmente pelas áreas da psicologia infantil e educacional. Por volta de 1920, realizou uma série de pesquisas psicológicas no Instituto de Viena, por meio de técnicas de observação e experimentação. Durante um longo período Bühler manteve um contato intenso com área psicológica, tanto em termos da importância dada ao estudo do comportamento global da criança, quanto ao estudo das metas em sua análise do curso da vida. No entanto, sua produção teórica possui registros sob a égide das premissas metodológicas gerais de *Gestalttheorie* e fenomenologia. Nos anos seguintes, em Viena, ganhou prestígio internacional com suas pesquisas e publicações que conduziram ao desenvolvimento da Escola Vienense da Psicologia da Criança, estimado ainda hoje como o instituto de Charlotte Bühler.

Durante a condução de suas observações sistemáticas sobre o comportamento social da criança durante o primeiro ano de vida, Bühler publica dois textos⁸ que marcam o eixo central de suas investigações. São eles: O desenvolvimento psicológico da criança de 1927 e Infância e juventude de 1931. Como apresenta a própria autora, sua questão inicial tem como premissa

⁸ Na apresentação que se segue foram utilizadas suas obras publicadas na Argentina sob o título de *El desarrollo psicológico del niño* no ano de 1934 e *Infancia y Juventud* de 1959. As publicações originais não foram encontradas nas referências nem em outras investigações.

a pergunta: “Como se pode determinar exatamente a reação inicial do recém-nascido aos outros seres humanos?” (BUHLER, 1934, p. 59).

A autora aborda alguns tipos de reações que, segundo a sua pesquisa o sorriso é o primeiro comportamento social dirigido aos adultos. Os indícios dessas interações aparecem, por exemplo, com repostas como o sorriso, o contato com o olhar, os barulhos e os gestos (tentativas de tocar ou agarrar) e quanto aos pequenos semelhantes ela afirma que há, já no primeiro ano, a partir dos cinco meses, reações sociais bem delimitadas, incidindo tanto no componente positivo como no negativo:

A diferenciação dessas respostas sociais positivas começa muito cedo. Com cinco meses, a criança torna-se socialmente ativa, ou seja, procura espontaneamente contato com aqueles que, produzem sons (balbuciando) e pelos contatos físicos próximos (segurando e tocando) [...] gestos são observados ao companheiro, o mais tardar, no quinto mês, e no oitavo e já se percebe uma capacidade sombria para interpretá-lo e compreendê-lo. Tem sido observado em crianças desta idade tentando consolar uma criança assustada e chorando. Ao lado de outra, também vimos situações em que uma criança fez todos os esforços para excluir e evita seu companheiro, e aos dez meses tal conduta foi acompanhada por um sorriso de triunfo (BUHLER, 1934, p. 60-61).

Aparecem também as condutas negativas são aquelas de fuga /evitação, já a defesa e o ataque são consideradas secundárias. A autora estabelece fatores que condicionam estas condutas, como a intervenção e o estranho/desconhecido. Bühler (1934) afirma que um bebê de seis meses é capaz de rivalizar com outro se ele estiver interessado num brinquedo, porém, a agressividade posta em movimento seria apenas incidentalmente dirigida à outra pessoa. Neste período ele não prestaria atenção ao companheiro de jogo, mas estaria dominado pelo desejo de obter um brinquedo específico. O último terço do primeiro ano seria o período em que o bebê expressaria satisfação e prazer por triunfar sobre um rival, considerado como o sentimento de afeto que se produz pelo domínio de uma situação. Bühler (1943) afirma que:

As diferenças individuais em situações de jogo deste tipo são muito acentuadas. Há crianças tão agressivos que estão interessados em qualquer coisa que outra criança pode ter em suas mãos, e tenta agarrá-lo imediatamente. Depois, há outras crianças que ficam definitivamente na defensiva nunca, se envolvem por iniciativa própria com outras crianças. (BUHLER, 1943, p. 62).

A intervenção diz respeito à limitação de um terceiro, pequeno semelhante, sobre os movimentos dos bebês, e também quanto a eles estarem em posse ou não de algo desejado.

Nestes casos o bebê, é posto em movimento para se libertar e para alcançar o objeto. O outro fator, o estranho, em virtude da não familiaridade com a outra pessoa, é, também, um fator responsável pelas reações de fuga e defesa. Até um ano de idade a resposta do bebê aos estranhos é sempre negativa, e segundo a autora isto permanece até os três anos (1934).

O comportamento social do primeiro ano difere radicalmente do segundo ano. Com exceção dos membros da família, com quem há uma convivência próxima e frequente, o bebê não faz diferença entre os indivíduos. Ele sorri, balbucia e estabelece contato físico com todos, sendo que a fuga e a defesa são causadas pelo comportamento de intervenção que incidem sobre a liberdade de movimentos do bebê. Ele não demonstra nem simpatia, nem antipatia. Portanto, haveria um valor objetivo no fato de as reações sociais serem diferentes no primeiro e no segundo ano. As reações emotivas pessoais constituem outro fator condicionante do comportamento social negativo ou positivo. O bebê demonstra suas preferências com relação às pessoas. (Bühler, 1934),

As observações de socialização precoce de Bühler (1934) mostram que há interações entre bebês já aos seis meses: estes trocam olhares, carícias, brinquedos e mesmo agressões. A criança quer tomar o brinquedo para ela, e para isso toma-o das mãos do outro. A criança quer se locomover, então ela se rebela para conseguir isto. Com este enfoque, ela demonstra que muitas das interações que poderiam ser descritas pela psicologia do desenvolvimento foram negligenciadas.

Em seu outro texto, Bühler (1959) expõe um quadro cronológico produzido a partir da pesquisa realizada desde 1924, com algumas observações comportamentais dos bebês. Considera que de 0 a 5 meses o bebê é socialmente reativo e gera resposta ao olhar e ao sorriso. A busca pelo contato com o outro começa aos seis meses através de atividades lúdicas. A partir dessa idade aparecem também comportamentos agressivos, como, por exemplo, a rivalidade com outros bebês. A formação de grupos surge por volta do décimo quinto mês, com atividades simples como, por exemplo, a interação em torno de um mesmo objeto – ela cita como ilustração um tambor ao redor do qual mais de uma criança pratica a brincadeira de tocar. E só a partir dos três anos essa interação é ampliada.

Essas constatações foram observadas por Bühler, onde acompanhou 114 crianças que estavam numa clínica de enfermagem. Elas foram observadas por cerca de dez minutos, em dias alternados. No geral, as numerosas manifestações das crianças aparecem como: gesticulando mimeticamente, brincando juntas, lutando por um objeto, etc. A faixa etária das crianças é limitada entre três meses e ano. Nesta obra Bühler apresenta os seguintes dados:

Respostas de crianças ao socializar com o outro. (60% dos casos) – idade (meses)

Observa – 4 a 5

Sorri – 4 a 5

Grita e presta atenção – 8 a 9

Oferece um brinquedo – 8 a 9

Responde “balbuciando” – 8 a 9

Imita movimentos – 9 a 10

Se opõe a emprestar/retirar um brinquedo – 9 a 10

Atividade lúdica organizada – 10 a 11

Procura “balbuciando” atrair atenção – 10 a 11

Se irrita quando outra criança se afasta – 10 a 11

Se distancia do brinquedo e volta-se para outra criança – 11 a 12

(BUHLER, 1959, p. 48).

Esses dados mostram os resultados da pesquisa realizada em 1924 com a finalidade de estudar o comportamento social recíproco de crianças pequenas. As crianças foram colocadas em situações variando em sua quantidade (pares, trios, ou mais) e também em sua idade, que poderia ser a mesma ou diferente. Foram utilizados brinquedos para estimulação, que eram dispostos um para cada criança, ou apenas um entre as crianças, ou mesmo sem brinquedos. Em sua maioria, a faixa etária inicial era de 5 meses. No entanto, alguns casos de 3 e 4 meses foram utilizados com o bebê permanecendo no colo da mãe, com a visão voltada para os outros bebês (Bühler, 1959).

A pesquisadora elegeu quatro graus de contato. O primeiro denominado de contato de olhar – olham-se, mas não se movem em direção ao outro; o segundo, contato de toque – move as mãos até o companheiro mesmo sem ter a intenção de tocá-lo; e o terceiro com sorriso e balbucio – depois de trocar olhares. Por último, estaria o grau de oferecer e mostrar algo ao companheiro, que seria o grau mais ativo. Dos 0 a 5 meses ela considera que o bebê é socialmente reativo, responde ao olhar e ao sorriso, mas não faz nada que o coloque em contato com o semelhante de modo ativo. (1959).

A partir dos seis meses, segundo Bühler (1959), há uma busca ativa pelo contato com o outro, e isto pode ocorrer mesmo quando estão fazendo atividades lúdicas completamente separadas. Se cada bebê brinca em paralelo, também é verdade que de vez em quando eles trocam olhares, sorriem e mostram algo um ou outro; os outros bebês participam do contexto.

A autora afirma que a companhia lúdica começa com uma troca, oferecimento e apresentação mútua de coisas para jogar e brincar, e isso pode configurar um verdadeiro jogo entre os dois. Nesse período que se inicia aos 6 meses outra característica é fundamental, a qual parece ter inspirado fortemente Lacan em sua concepção do complexo do intruso. Pelas palavras da autora:

Uma criança dos 6 a 11 meses empurra o outro ou arranca da mão o brinquedo, então sorri triunfante; o outro fica, ainda, inibido e não se atreve a defender-se. Os rebeldes, saltam sobre o adversário e arrebatam de volta o mesmo brinquedo. Isso significa que, no segundo semestre verifica-se acentuada as relações de rivalidade, despotismo e submissão hierárquicas. Nesta situação é aplicada, muito em breve, na consciência das crianças de oito a dez meses. Em qualquer situação lúdica entre crianças de oito meses, prolongada por mais de alguns minutos, os dois acabam igualmente como parceiros, superior e inferior, respectivamente (BÜHLER 1959, p. 52).

Bühler (1959) observa que quando um outro semelhante entra no campo subjetivo da criança, as atitudes de despotismo ou subordinação aparecem principalmente para aos seis meses e estará presente na maior parte das crianças estudadas a partir dessa idade. Bühler chamou a "entrada na ordem de classificação" (p. 53) que corresponde na entrada no mundo da rivalidade ou despotismo. Sobre esses dois tipos de atitudes fundamentais, ela distingue por "período de pressão (p.53). No caso de rivalidade, pode-se encontrar golpes mútuos entre as crianças ou disputa sobre um objeto. No campo das atitudes do despótico, Bühler o integra à subordinação, na medida que um depende do outro, mas em papel oposto. Essas formas podem variar, por exemplo: despotismo no sentido de arrebatam brutalmente o outro por causa de um objeto; o despotismo de zombaria, ao oferecer e remover um objeto ao outro subordinado.

Buhler (1959) faz uma comparação destas formas de interação do despotismo nas crianças, em estudos sobre o comportamento animal, para mostrar maior variedade e riqueza em suas formas humanas. No entanto, argumenta que essas características da relação (o despotismo, a rivalidade ou indiferença) vão encontrar-se determinado pela diferença idade entre as crianças, de tal modo que não exceda os dois e um meses e meio. Nessas relações o despotismo aparece de modo mais marcado. Bühler conclui que apesar de haver exceções - o tipo de relação depende da diferença de idade e, portanto, a maturação em relação a cada um dos parceiros.

Esta intrusão na esfera vital de outra criança, vista de fora, pela atividade de capturar com as mãos, começa aos seis meses. Mas, como é o brinquedo na mão do outro para onde a criança chega para pegar, a apreensão se converte

de repente numa usurpação, num movimento das mãos no ato social (BÜHLER, 1959, p. 53).

Desse modo, enfatiza-se que aos seis meses a interação com outra criança torna-se fundamental ao eixo da socialização. Em outro estudo, Bühler (1959) observa que os mais velhos subjagam os mais novos: isto aconteceu em 21 dos 24 casos analisados por ela. Ela cita outro autor, Maudry-Nekula, que teria encontrado dados similares apontando que dos 9 aos 13 meses haveria um pico de luta por brinquedos e jogos, e que dos 14 aos 25 meses os bebês chegaram inclusive à cooperação, isto é, a trocar brinquedos e a brincar entre si com um mesmo brinquedo. Aos quinze meses, Bühler (1959) acredita que as crianças podem formar grupos. Ela relata que três crianças nessa idade, ao serem colocadas juntas e com um tambor no meio delas, podem tocar o tambor juntas e olharem-se mútua e alternativamente. Comenta que há pouca cooperação nesses grupos, chegando a ser insignificante, em que o número de integrantes normalmente é reduzido. Nas observações de formações grupais antes dos cinco anos, em creches, escolas ou em pátios abertos, é mais comum unirem-se aos pares ou trios. A partir dos três anos de idade, Bühler (1959) faz a seguinte consideração:

Desde o fim do segundo ano, vemos um tipo de resposta para os outros que podem ser melhor descritos como "intenso". Isso inclui não apenas a preferência de violência, mas também a aversão violenta de certos indivíduos. A criança expressa seu carinho com carícias, e oferecendo indiretamente ajuda e dar presentes. Eles também são sinais de uma forte resposta positiva que procuram contato frequente, agarrando um favorito quando há indicio de separação, corre até ele em caso de perigo, e há reações de ciúme quando outra pessoa se aproxima. Em casos de intensas respostas negativas, observamos: bater e empurrar. Tais expressões antagônicas mostram a rejeição dos movimentos amigáveis, mas auxilia o contato físico com um determinado indivíduo (BÜHLER, 1959, p. 64-65).

Desse modo, entre os aspectos das atitudes identificados por Bühler (1959), destaca-se que a partir dos três anos, nota-se uma interação maior entre as crianças. Conforme uma determinada situação, pode surgir momentos de manifestações de afeto ou de raiva, porém numa forma mais aumentada, classificada por intensa. Observa tais interações podem chegar a atos agressivos ou de ciúmes, mas, ainda assim, aponta que de qualquer forma é um momento importante no que tange a socialização e as formas de expressão o social.

Em vista dessas considerações e observações de Charlotte Bühler, como já foi ressaltado anteriormente, nota-se alguns pontos que se convergem ao pensamento lacaniano. Dentre esses, principalmente sobre as manifestações agressivas derivadas da interação com um outro

semelhante, cuja diferença da faixa etária entre eles não ultrapasse alguns meses, de tal modo que as reações ambivalentes são comuns de aparecem aos meses de idade da criança.

JAMES MARCK BALDWIN

Outro trabalho que Lacan evoca é do psicólogo e naturalista norte-americano James Mark Baldwin, cuja referência aparece no quarto parágrafo do texto de 1949. A ideia lacaniana ao citar Baldwin é apresentada numa síntese das operações inerentes à teoria do estágio do espelho, especialmente ao tema da identificação, pela transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem. Esse acontecimento implica num determinado tempo, por volta dos seis meses, das primeiras descrições para a aquisição ou movimento intencional da criança em resgatar um aspecto instantâneo da imagem no qual ela se reconhece. Lacan recorre a Baldwin, como o autor que tenha se referido a esta experiência:

Esse acontecimento pode produzir-se, como sabemos, desde Baldwin, a partir da idade de seis meses, e sua repetição muitas vezes deteve nossa meditação ante o espetáculo cativante de um bebê que, diante do espelho, ainda sem ter o controle da marcha ou sequer da postura ereta, mas totalmente estreitado por algum suporte humano ou artificial, supera, numa azáfama jubilatório, os entraves desse apoio, para sustentar sua postura numa posição mais ou menos inclinada e resgatar, para fixá-lo, um aspecto instantâneo da imagem (LACAN, 1949/1998, p. 97).

Essa referência, segundo Billig (2006) se torna um tanto quanto curiosa, pois tal indicação é a única citação para este autor na obra de Lacan e novamente não é mencionado nenhum livro ou artigo específico de Baldwin. Olgivie (1991) interpreta tal esquecimento como um lapso malicioso, na medida em que é atribuído a Baldwin uma periodização aproximativa que pertence, de fato, a Darwin. Enquanto Wallon cita repetidamente a obra de Darwin, Lacan não o faz. Apesar dessa controversa referência, Baldwin provavelmente merece o crédito por ser o primeiro psicólogo a usar o termo *estágio* para descrever em sequência o desenvolvimento da criança. Este é um conceito que Lacan assume em seu artigo "Estágio do Espelho", mas sem atribuir essa ideia a Baldwin.

Todavia, outros teóricos do desenvolvimento já haviam notado que as crianças são capazes de reconhecer sua própria imagem de cerca de seis meses em diante. Dentre esses, uma referência marcante que influenciou decisivamente os psicólogos da época, foi Darwin (1809-1882). As observações do autor foram publicadas pela revista *Mind* em 1877, onde estão

detalhadas as descrições sobre o comportamento de seus filhos, inclusive sobre um deles que já conseguia reconhecer sua imagem espelhada em cerca de seis meses, enquanto outro ainda estava perplexo em um ano. Desse modo, em virtude dessas e outras contribuições, Darwin tem um papel crucial para a consolidação da psicologia científica do desenvolvimento infantil, sobretudo no que diz respeito às implicações de sua teoria da evolução e de seus estudos naturalistas para a compreensão dos fenômenos psíquicos. Billig (2006),

No entanto, a maioria dos psicólogos do desenvolvimento baseou-se nos estudos observacionais de Wilhelm Preyer (1842-1897), sendo um dos primeiros a se apropriar dos princípios da teoria de Darwin, aplicando-os a amplas esferas da vida humana. Preyer estabeleceu um programa abrangente para explicar o desenvolvimento físico e mental na infância, que culminou na publicação, em 1882, de sua obra principal *The Mind of the Child*. Preyer ainda escreveu relatos detalhados de seus próprios filhos e registrou o início do reconhecimento do espelho em torno de seis meses, embora suas descrições não sugerem uma compreensão imediata. (Billig, 2006).

Diante dessas constatações, nota-se que a atribuição de Lacan ao que se refere sobre o comportamento da criança, aos seis meses de idade, já capacitada de reconhecer sua imagem no espelho, não se inicia em Baldwin. Porém, as contribuições teóricas desse autor, provavelmente não passaram de modo despercebido as elaborações lacanianas acerca do estágio do espelho, principalmente, sobre sua análise da influência das interações sociais na formação da personalidade, no qual constatou o processo da imitação como fundamental no desenvolvimento infantil.

De fato, segundo Billig (2006), Baldwin teve um papel central na sistematização da psicologia do desenvolvimento, sobretudo nos EUA, onde atuou como presidente na *American Psychological Association* (APA) e colaborou na fundação da revista: *Psychological Review*, considerada até hoje a mais prestigiada revista de psicologia experimental. Comprometido com os métodos observacionais e empíricos, ele foi um dos primeiros psicólogos a estabelecer um laboratório de psicologia experimental em solo britânico. Entre outras contribuições, Baldwin defendeu o uso do método genético nas investigações psicológicas e propôs uma teoria geral do desenvolvimento cognitivo baseada na gênese das operações lógicas, que teve uma influência decisiva no pensamento de Jean Piaget (1896-1980). Infelizmente, porém, o pensamento de Baldwin permanece em grande parte ignorado na psicologia contemporânea.

Segundo Scarfe (2009) o trabalho intelectual de Baldwin teve início na virada do século XX. Antes de receber seu doutorado em Princeton em 1888, Baldwin estudou brevemente na

Alemanha com Wilhelm Wundt. Ao longo de sua carreira, ensinou psicologia e filosofia em Lake Forest, Toronto, Princeton e Johns Hopkins. Em 1889, publicou o primeiro volume de sua *Handbook of Psychology*, em que articulou os pressupostos básicos da sua filosofia mental, numa visão integrativa fisiopsicológica que ele tinha desenvolvido em seus estudos anteriores. O segundo volume da *Handbook*, (1891), estendeu a filosofia da mente para os problemas da sensação, emoção e ação voluntária. Nele, também estabeleceu a base conceitual para seus escritos posteriores, com foco sobre o significado das noções de hábito, acomodação, a importância da imitação e do exercício da escolha no desenvolvimento cognitivo das crianças

De fato, as marcas desse pensamento tiveram influências históricas na teoria do desenvolvimento e podem ser notadas na obra de 1894, *In Mental Development in the individual and race*; sendo reeditada em 1968. Neste trabalho, Baldwin concebe o desenvolvimento infantil dentro de quadro teórico multifacetado, uma vez que, abrange os aspectos biológicos evolutivos do organismo⁹, bem como os traços mentais e psicológicos desenvolvidos a partir do ambiente social. No geral, sua reflexão tem como premissa a noção de que “ todos os estágios de acomodação e desenvolvimento mental podem ser interpretados pelos mesmos princípios da adaptação biológica” (p. 202). Em seguida, postula que uma das principais maneiras pelas quais o organismo assimila e adquire a capacidade de adaptação ao meio é através da imitação. Para ele, a capacidade de imitar constitui a principal característica da mentalidade.

Baldwin (1968) descreve a imitação como um processo de "reação circular "no qual, as reproduções internalizadas ou cópias das ações de outro organismo são selecionadas e modificadas. No curso da tentativa e da repetição de tais reproduções, ocorrem algumas variações acidentais e que podem induzir aos processos criativos. Pois que nenhuma ação similar é sempre exatamente a mesma e aprender pela imitação não envolve uma reprodução estrita de um para um. Em vez disso, aprender pela imitação depende de novas variações feitas por parte do organismo. Nesse sentido, a imitação é um meio principal que permite ao organismo adquirir novos movimentos e repeti-los. As ações reintegradas pelo ato de imitação são resultado das modificações realizadas por parte do organismo.

Baldwin (1968) denomina o processo do organismo de aprender novos movimentos de "seleção funcional". Ele usa esse termo para designar a seleção de ações repetidas, que em grande parte, mas não inteiramente, são baseadas nas sensações do prazer e dor que experimentaram em ocasiões anteriores. Os organismos geralmente reagem com aceitação ao

⁹ Em 1896, no texto: *A New Factor in Evolution*, Baldwin descreve detalhadamente os processos biológicos evolucionistas a partir do princípio de Darwin sobre “Seleção natural” e apresenta sua teoria a “Seleção Orgânica”.

prazer e com aversão à dor, mas o desenvolvimento de novos comportamentos não é considerado de modo completamente redutível ao contraste da dor e do prazer. Por exemplo, os organismos superiores exibem "força de vontade" que os capacita a não serem totalmente determinados em seus comportamentos pelos sentimentos imediatos de prazer e dor, às vezes assumindo dor de curto prazo por causa de um prazer ou fim mais elevado.

Em suma, para Baldwin (1968), o desenvolvimento de variações comportamentais depende em grande parte do contraste entre sentimentos de prazer e dor, que, em geral, atua como um guia para os organismos no que diz respeito a selecionar e repetir uma determinada ação e transformando-o em um hábito. Considerando que, em sua maior parte, os movimentos que causam dor não tendem a ser repetidos e os movimentos que causam prazer são repetidos pelo organismo. Como ele escreve, o hábito "expressa a tendência de um organismo para repetir seus próprios movimentos de novo e de novo; e assim para obter e conservar os seus estímulos vitais." (p.203). Na análise de Baldwin, a novidade em termos do comportamento dos organismos é devida à interação do hábito e acomodação, que são funções ativas da mentalidade. Como explica:

A mentalidade de um organismo está sujeita, em qualquer estágio, aos dois princípios: Hábito e Acomodação ... O hábito representa o que é congênito, o que tende mais naturalmente a fazer, sob a orientação de experiências atualizadas. A acomodação representa um grau de abertura ou adaptabilidade, ao realizar novas reações, novos estímulos ou arranjos de estímulos são solicitados (BALDWIN, 1968, p. 266).

Para Baldwin (1968), a lembrança de sentimentos de experiências prazerosas e dolorosas nos organismos superiores é um fator vital no reconhecimento e na seleção dos movimentos a serem repetidos e dos quais se dissolver e formar novos hábitos. A memória permite que os organismos superiores antecipem o futuro provável com base no passado, e é, portanto, uma característica que aumenta o valor de sobrevivência. Baldwin, seguindo Darwin, levanta a hipótese de que as emoções nos animais são exibidas através de contração muscular e surgem em grande parte, mas não inteiramente, como resultado do contraste de prazer e dor. As emoções, para ele, também são adquiridas por organismos por meio da imitação de outros membros de seu grupo, de uma maneira consistente com as teorias de Darwin.

Ao enfatizar a importância da imitação, Baldwin (1968) postula que alguns instintos nos animais são inatos, dependendo da espécie e / ou de traços geralmente fixos que são transmitidos de geração em geração através da hereditariedade biológica; e outros que são adquiridos através de hereditariedade social e tradição. O organismo geralmente se conforma

pela imitação de seus pares e anciãos formando um conjunto de hábitos de uma espécie ou grupo de organismos em questão. No entanto, os organismos não são nem completamente determinados pelo seu ambiente para se comportar de formas fixas, nem são totalmente incondicionados. Baldwin assinala a hipótese de que "é provável que um dos poderes inatos dos animais, são aperfeiçoados, e constantemente mantidos de modo eficiente, através da imitação dentro do grupo ou espécie." (p.282). Assim, a imitação é o principal meio pelo qual os organismos desenvolvem mutuamente o comportamento uns dos outros, e quando se trata de sobrevivência no mundo natural, a capacidade de imitar é, para ele, crucial.

A principal atividade para a aprendizagem dos animais, e para o complemento de seus instintos, é a imitação. A visão de certos movimentos por parte dos animais adultos, ou a audição de seus gritos, chamadas, etc., levam os jovens a cair em uma imitação desses movimentos ou performances vocais. O dom que um animal tão jovem tem na direção de fazer movimentos e gritos semelhantes aos de sua espécie o ajuda, naturalmente, a imitá-los de preferência a outros. Assim, a tendência para imitar ajuda-os mutuamente em todas essas funções, e apressam a pequena criatura em sua aquisição dos hábitos de sua espécie. Encontramos jovens animais que se aglomeram em suas imitações bem próximas de seus próprios pais e mães. Há toda razão para pensar, além disso, que a tendência para imitar é por si mesma instintiva. Os animais jovens, notavelmente o macaco e a criança, caem espontaneamente a imitar quando atingem uma determinada idade. Imitação mostra-se instintiva no caso de o pássaro zombeteiro, o papagaio, etc. (BALDWIN, 1894, p. 36).

Em vista dessas considerações, pode-se perceber que as investigações de Baldwin (1894) estiveram no domínio da psicologia comparada, uma vez que, tais conceptualizações formam os alicerces de suas ideias e com as quais submerge uma grande importância da imitação em sua teoria do desenvolvimento infantil. E o faz a partir de inferências que abarcam os fenômenos da imitação na infância, no desenvolvimento da consciência descrita como o surgimento do eu.

Baldwin (1894) aponta que, os bebês são imitativos desde o nascimento, embora o caráter da imitação se desenvolva consideravelmente ao longo da infância. Inicialmente, a imitação é automaticamente eliciada (sugerida) pela experiência do bebê de seu próprio comportamento ou pela percepção de estímulos no ambiente, como expressões faciais. O primeiro caso corresponde ao que Baldwin chama de reação circular - a repetição auto imitativa de uma resposta prazerosa. O último caso, o mimetismo instintivo, que inclui "aquelas reações que reproduzem estimulações subconscientes, vagamente presentes: por exemplo, a aquisição da expressão facial, o contágio da emoção" (p. 48). Em ambos os casos, há uma resposta que restabelece (até certo ponto) as circunstâncias que a desencadearam (ao que ele se refere como

a cópia), mas também há oportunidades de aprendizagem. Primeiro, porque o mimetismo instintivo é bastante indiscriminado, o bebê imita respostas dolorosas e prazerosas, e na maioria dos casos, as últimas serão selecionadas para repetição. Em segundo lugar, os esforços de repetição estão sujeitos a variações acidentais, o que permite que variações fortuitas e úteis sejam mantidas. Ainda neste período, Baldwin observa que há uma generalização dos primeiros sons assimilados e que ocorrem em paralelo na aquisição da fala:

A criança começa com o que parece ser uma generalidade. Suas primeiras experiências, transferidas para a memória, se tornam cópias gerais que se erguem como redes de assimilação para cada novo evento ou objeto. Todos os homens são "papa", todas as cores são "wed", todos os alimentos "mik" (BALDWIN, 1894, p. 37).

A respeito das reações motoras, por exemplo, um gesto é interpretado por Baldwin de ação-alvo, na medida em que é visto e representado no sistema visual. Esta informação desencadeia uma tentativa imitativa através de um caminho que corre para o sistema motor e, em seguida, para os músculos movidos. A reação do bebê é então vista e logo inicia uma tentativa imitativa. No entanto, quando uma informação já está representada, flui através da mesma via e a reação é repetida, mas sob um modo ainda bastante estereotipada. É dentro do alcance desses comportamentos mal compreendidos, prefigurados, que a imitação é indiscriminada. Baldwin (1894) descreve que, de início, a criança "imita tudo, sendo uma verdadeira máquina copiadora" (p. 27).

Eventualmente, a imitação torna-se menos automática e mais deliberada. De fato, Baldwin sugere que a própria origem da volição pode ser vista em mudanças na imitação que ocorrem no final do primeiro ano de vida. Neste momento, a maturação do centro coordenador começa a ser comparada a uma ação alvo consciente a ser imitada e uma resposta já estabelecida no repertório comportamental da criança. Desse modo, ao mesmo tempo, ocorrem mudanças sob referência entre o padrão de dor e prazer.

Nenhum novo ajustamento ou adaptação poderia ser efetuado sem risco de dor e danos. Se a criança nunca reagiu de outra maneira, mas de maneiras prazerosas garantidas por sua herança ou por sua experiência, como poderia crescer? Então, se buscássemos apenas o que já experimentamos, como poderiam adquirir novos apetites? Há outra esfera da operação de imitação na qual devemos entrar brevemente - a esfera social e moral. O crescimento da noção de si é um fator genético tão importante na vida social e moral, que pode ser suficiente considerar a influência da imitação na consciência do eu - uma influência não reconhecida em geral (BALDWIN, 1894, p. 40).

Este é um ponto importante a considerar quando Baldwin (1894) argumenta que com o passar do tempo, a experiência da criança com objetos e com as pessoas vão se diferenciando. Outras pessoas têm personalidades e, conseqüentemente, se comportam de várias maneiras. A criança "aprende métodos característicos de segurar, de tomar e adapta-se a estas variações pessoais. É completamente diferente o comportamento da criança em relação a coisas que não são pessoas" (p. 40). Esta distinção entre pessoas e coisas é a primeira que a criança realiza e ainda, enfatiza que "uma das tendências mais notáveis da criança muito jovem em suas respostas ao seu ambiente é a sua tendência a reconhecer as diferenças de personalidade" (p. 40) A partir dessa distinção, Baldwin construiu uma dialética do crescimento pessoal empregando os mesmos conceitos de acomodação e assimilação discutidos anteriormente, porém enfatiza como eles ocorrem no domínio social. Esse processo permite que a criança reconheça as diferenças dos outros e através da imitação começa a existir uma noção do eu, que inevitavelmente se desenvolvem juntos através da dialética do crescimento pessoal.

Assim, o primeiro estágio é referido como projetivo e consiste de imitação "pura", ou seja, a incorporação de aspectos dos outros dentro do eu. É o estágio em que a criança recebe sugestões de personalidade. É simplesmente a maneira do bebê de obter mais cópias de um tipo peculiar de seu ambiente, ainda aparentemente objetivo. Embora sejam conscientes em algum sentido mínimo, as crianças não estão conscientes de quaisquer distinções que possam estar implícitas na estrutura da experiência, por exemplo, interior versus exterior, sujeito versus objeto (BALDWIN, 1894).

No curso do desenvolvimento, as crianças passam por uma série de diferenciações progressivas. Além de apropriar-se parcialmente de novos comportamentos através da imitação, as crianças também aprendem sobre si mesmas e outras pessoas, refletindo sobre os momentos da dialética do crescimento pessoal e abstraindo esses momentos do processo circular contínuo. O sentimento de si começa a surgir como resultado dessas imitações, e esse eu, por sua vez, começa a influenciar como o outro é percebido. Mudanças na percepção dos outros influenciam as imitações subsequentes deles, e, portanto, são, nesse sentido, não mais "puras". Este estágio é chamado de fase subjetiva, e é alcançado quando a criança cria um senso de si, garantida pela imitação. A criança reproduz a cópia assim obtida, constituída pelos sinais físicos e, por meio deles, estão os acompanhamentos mentais. Pois, por essa reprodução, interpreta seus projetos (do primeiro estágio) como subjetivas em si, e então os reenvia para a outra pessoa novamente. Nesse estágio, a percepção do corpo de outras pessoas apresenta-se como fundamental e Baldwin (1894) afirma que esse processo ocorre até o sétimo mês de vida da criança:

A observação adicional das crianças mostra que o instrumento de transição de um tal "projetivo" para um senso subjetivo de personalidade é o eu corporal ativo da criança, e o método dele é o princípio da imitação. De fato, a acomodação pela imitação muscular real não surge na maioria das crianças até o sétimo mês - tão inteiramente orgânica é a criança antes disso, e tão grande é o ímpeto de seus instintos e tendências herdadas. Mas quando o organismo está maduro, em razão do desenvolvimento cerebral, para o alargamento de sua área ativa por novas acomodações, então ele começa a imitar. E é claro que imita pessoas. As pessoas se tornaram seus objetos interessantes, a fonte de seu bem-estar ou de sua aflição, seus fatores incertos. Além disso, as pessoas são corpos que se movem. Entre esses corpos que se movem, que têm certos atributos projetivos como descrito, um muito peculiar e interessante é seu próprio corpo. Ele tem conectado com ele certas características íntimas que todos os outros faltam. Além da inspeção da mão e do pé, pelo tato e pela visão, ele tem experiências em sua consciência que estão em todos os casos ligadas a este corpo: tensões, resistências, dores (BALDWIN, 1894, p. 42).

Baldwin (1894) ainda atribui que neste estágio o sentido do eu é caracterizado como atuador. Através das associações de outros corpos, os atributos que os tornaram diferentes das coisas, estão agora ligados ao próprio corpo da criança com a particularidade adicional de atuação. Denominado de fase subjetiva do crescimento da auto noção. Ao assimilar "para si todos os outros elementos pelos quais o próprio corpo da criança difere em sua experiência de outros corpos ativos: a série interna passiva de dores, prazeres, tensões, etc. O eu sofre tanto quanto age" (BALDWIN, 1894, p. 42). Nesse sentido percebe-se que as imitações da criança não são cópias das atividades ou características dos outros, mas são imbuídas de intenções. Através da imitação, as qualidades dos outros são transformadas, combinadas de significado, onde o valor subjetivo está nas interpretações. Baldwin (1894), lembra que quando a criança imita o pai, é uma representação do pai, "o pai-pensamento" (p. 42), e não o próprio pai, que está sendo imitado. Portanto, as imitações são o veículo da invenção pessoal. A originalidade surge de novas combinações de atividade (mental ou física) inicialmente aprendidas através da imitação. A criança, por imitação, descobre que "é ele quem varia a cópia tentando reproduzi-la; que aponta combinações interessantes que são sua propriedade peculiar" (p. 42).

O último estágio é o ejetor, em que a criança ejeta aspectos de sua personalidade para os outros. No geral, as crianças aprendem apropriando-se de novos comportamentos de pessoas próximas (por exemplo, os pais) e subsequentemente pratica e ejeta esses comportamentos com os outros (por exemplo, irmãos mais novos). Porém, o outro age de maneiras novas, há um sentido difuso do outro. As qualidades ejetadas em outros nunca são um ajuste perfeito, e assim, o outro continua a ser visto como novo e, portanto, imitado. Nesta fase, as imitações representam os esforços assimilativos e acomodativos da criança. De tal modo, que esse

processo altera o ego (o senso de si) e o alter (o senso de outro), que Baldwin vê como (ideal), chamado de eu social, que inevitavelmente se desenvolvem juntos através da dialética do crescimento pessoal.

O ego e o alter são, assim, nasceram juntos. Ambos são cruéis e irrefletidos, em grande parte orgânicos, um agregado de sensações primárias entre os quais são esforços, empurrões, tensões, prazeres físicos e dores. E os dois são purificados e esclarecidos, juntos por essa dupla reação entre projeto e sujeito, e entre sujeito e ejetar. Meu sentimento de mim cresce pela imitação de você, e meu senso de si mesmo cresce em termos do meu senso de mim mesmo. Ambos, ego e alter são, portanto, essencialmente criações sociais (BALDWIN, 1894, p. 43).

Desta forma, o ambiente social é o lugar onde ocorrem as imitações, exercendo uma influência na forma e conteúdo do pensamento à medida que a criança evolui. Além disso, essas invenções pessoais, quando comunicadas à sociedade, têm uma chance de serem aceitas e generalizadas pela organização social de que fazem parte (Baldwin, 1894). Ou seja, essas acomodações pessoais podem vir a ter um valor mais generalizado de "verdade" para a sociedade. Se a sociedade se acomoda a essas novas ideias, essas acomodações (feitas primeiro no nível pessoal) virão a fazer parte da herança social e exercerão uma influência diretiva na evolução do pensamento. De fato, a criança terá sido introduzida ao comportamento no âmbito de sua auto compreensão social, ampliando o alcance do comportamento humano com o qual ela pode se identificar. Baldwin (1894) capta o caráter cada vez mais crescente da identificação quando escreve: "Não sou eu, mas sim tornar-me" (p. 46).

É agora essa forma de hábito que é a dialética pessoal entrando em conflito com essa forma de sugestão que também é pessoal para mim como representando meu eu social. Seu exemplo é poderoso para mim intrinsecamente; não porque seja abstratamente bom ou mau, mas porque representa uma parte de mim mesmo, porque eu me tornei o que eu sou em parte por minha simpatia com você e imitação de você. [...] Aqui está o meu eu ideal, o meu padrão final, o meu "dever" colocado diante de mim. Somente na medida em que eu adquirir o hábito de ser e de fazer como ele, obter meu personagem moldado em conformidade com ele. E, como todas as outras funções imitativas, ensina sua lição apenas estimulando a ação. Devo ter sucesso em fazer mal, se eu entender. Mas à medida que progrido nesse sentido, encontro para sempre novos padrões estabelecidos para mim e, portanto, minha percepção ética deve sempre encontrar sua expressão mais profunda naquele anseio que antecipa, mas não ultrapassa o ideal (BALDWIN, 1894, p. 46).

Portanto, conclui-se que a imitação na teoria de Baldwin (1894) é caracterizada como um princípio explicativo que entrelaça esses dois aspectos: desenvolvimento mental e social. Ambos os desenvolvimentos resultam da tensão dialética entre hábito e acomodação, uma interação promovida pelos desafios e pela novidade do ambiente social e físico. Baldwin (1894) argumenta que o desenvolvimento mental implica no surgimento da consciência, que por sua vez implica num eu, bem como a consciência é o reconhecimento da separação entre sujeito e objeto. Esse reconhecimento da diferença surge da função imitativa, na qual a criança imita os que a rodeiam, incorporando e mudando as qualidades que são vistas.

Diante dessas considerações, nota-se a relevância das produções teóricas de Baldwin acerca das conceituações sobre a imitação. Principalmente pela época em que apresenta tais conceitos, demonstrando uma originalidade de seu pensamento, mas sobretudo, pelas influências que decorreram de seu trabalho, particularmente no campo das teorias do desenvolvimento infantil. Em virtude disso, provavelmente Lacan não estaria alheio a tal empreendimento teórico, dado que, o estágio do espelho foi uma produção subsequente às elaborações de Baldwin. Contudo, embora seja uma referência descontextualizada, como foi mencionado, pode-se inferir algumas semelhanças em certos pontos, tais como: a importância da percepção de um outro corpo para o desenvolvimento do eu; o mimetismo que acompanha esse processo; a referência aos dados da psicologia comparada; a maturação necessária do organismo. Enfim, no geral, facilmente encontra-se alguns detalhes, que são condizentes em ambas teorias, como foi minuciosamente apresentado. Contudo, as interpretações de Baldwin a respeito do desenvolvimento do eu, na percepção do outro não envolve a concepção de uma imagem.

Se dissermos então que a imitação envolve sempre uma apresentação ou imagem da situação ou do objeto imitado - uma posição muito próxima ao uso popular do termo -, então temos grande dificuldade em considerar as reações que reproduzem estimulações subconscientes e vagamente presentes. Por exemplo, a aquisição da expressão facial, o contágio da emoção, o crescimento do estilo no vestuário e nas instituições - pode ser chamado de influência da "atmosfera psíquica (BALDWIN, 1894, p. 48).

Neste ponto, Baldwin (1894) faz questão de desconsiderar e ainda de acréscimo diz: “não nos entreguemos as analogias fantasiosas e tensas que exerceram a fantasia de alguns dos escritores franceses sobre a imitação” (p.48)

CAPÍTULO 3

A Psicologia Comparada

A fim de complementar o quadro de subsídios teóricos que compõem a proposta investigativa deste trabalho, torna-se válido ressaltar que a construção teórica que Lacan propõe para o estágio do espelho, cruza com a concepção da prematuração biológica do ser humano ao nascer e com a abertura psíquica diante desta falta constitutiva, revelada por uma insuficiência orgânica. Esses são, portanto, os principais argumentos que subjazem a função da experiência especular, de modo tal que sua aparição permitiria conceber os efeitos imaginários daí decorrentes, na medida em que o estado de impotência motora e dependência absoluta em que a criança se encontra nos primeiros meses não a permitem o estabelecimento de relações fisiológicas suficientes com o meio, sendo essa a lacuna que a imagem tem por função preencher.

O destaque conferido pela insuficiência orgânica da realidade corporal do ser humano põe em relevo a configuração teórica que caracteriza as elaborações lacanianas, o que justificaria a ideia de que, caso haja uma natureza humana, ela estaria diretamente vinculada a uma falta constitutiva que se revela por uma deficiência biológica. Contudo, ainda falta demonstrar a gênese imaginária que resulta dessa experiência, centrada na articulação dos efeitos promovidos pela imagem especular, que, aliás, Lacan insiste muito no caráter excepcional dessa experiência. Os requisitos para fundamentar de modo concreto o esquema conceitual inicial proposto pelo estágio do espelho são encontrados nos dados experimentais da psicologia comparada, em conformidade com proposições retiradas da própria ciência biológica. São essas as referências engendradas na tese laciana por dois autores de tradições teóricas diferentes: Bolk e Köhler.

Na biologia, Lacan encontra uma causa para a condição orgânica deficitária que constitui o início da vida humana: “a noção objetiva do inacabamento anatômico do sistema piramidal, bem como de certos resíduos humorais do organismo materno, confirma a visão que formulamos como o dado de uma verdadeira prematuração específica no homem” (1949/1998, p. 100). Tal processo afetaria os aparelhos superiores do neuroeixo, relacionados às experiências sensoriais e à motricidade voluntária. No entanto, Lacan evoca esses argumentos constantemente, desde seus primeiros escritos, mas em outros termos. Será em 1946, no texto “*Formulação sobre a causalidade psíquica*”, que ele atribui, pela primeira vez a fonte utilizada:

O que chamei de prematuração do nascimento do homem, ou dito de outra maneira, a incompletude e o atraso do desenvolvimento do neuro-eixo durante os primeiros seis meses de vida. Fenômenos bem conhecidos pelos anatomistas e, aliás, manifestados desde que o homem existe, na descoordenação motora e equilibratória do lactante, e que provavelmente, não deixam de ter relação com o processo de fetalização em que Bolk vê a mola do desenvolvimento superior das vesículas encefálicas no homem (LACAN, 1946, p. 187).

Em 1951, Lacan reitera essa concepção em “*Algumas reflexões sobre o ego*”:

Pode-se considerar que o animal humano nasceu prematuramente. Uma prova suficiente para o histólogo é o fato que no nascimento o sistema piramidal não se encontra por completo mielinizado, enquanto que, para o neurólogo, basta uma série de relações & reflexos posturais. O embriólogo procura também na “fetalização” (termo cunhado por Bolk) do sistema nervoso a causa da superioridade humana sobre os animais, pela ductilidade & expansão do encéfalo. A carência de coordenação motora & sensorial não impede ao recém-nascido de fascinar-se com o rosto humano, assim que seus olhos se abrem à luz (LACAN, 1951).

Em ambos textos, Lacan aponta o autor que contribuiu para sustentar sua teoria, porém novamente nenhuma referência ou trabalho específico é registrado. Segundo Nobus (1999), esta notável teoria foi elaborada no início do século XX, pelo holandês anatomista Lodewijk Bolk e suas pesquisas forneceram um princípio de maturação orgânica que estaria relacionado a um retardamento das origens humanas, descritos como a nova chave para entender a evolução humana. Esse autor é conhecido, sobretudo, pela conferência “*O problema da antropogênese*”, proferida e publicada em Iena. Para Ogilvie (1991), em virtude dos trabalhos de Bolk publicados a partir de 1926, o homem é definido como um ser inacabado, sendo essa definição apoiada em dois fatores: a neotenia – grande demora no desenvolvimento com relação às outras espécies – e a fetalização – existência de traços anatômicos arcaicos; características que, nas outras espécies, pertencem apenas ao estágio fetal e permanecem presentes no homem durante toda a sua vida. Para Lacan é preciso, então, que a imagem venha suprir, no homem, as deficiências causadas pela neotenia e pela fetalização.

Ao analisar o processo de fetalização, Jalley (2009) aponta que no caso do homem há um desenvolvimento parcial, não completo, da mielinização do sistema nervoso central, incluindo áreas de controle e atividade motora, que só seriam finalizadas alguns meses após o nascimento. A etimologia da palavra fetalização que se refere ao estado fetal (embrionário), também estaria ligado a um processo que ocorre devido a uma regulação geral do ritmo do desenvolvimento ligado a influências inibidoras de origem endócrina, o que resulta numa

lentidão do curso da vida humana, tendo como corolários o surgimento tardio da consciência, a dependência prolongada em relação aos cuidados parentais e o acesso tardio à autonomia. Segundo a autora, Bolk vê nesse prolongamento da infância o fundamento biológico da família e da vida social. Pois mesmo outros animais da classe dos mamíferos, que também necessitam de cuidados parentais para garantir sua sobrevivência, não nascem como o homem, num estado ainda fetalizado, com grande atraso no desenvolvimento de uma série de funções e órgãos. E ainda destaca que tais aspectos são frequentemente citados por Lacan, como a noção da prematuração do homem ao nascer; a ausência de mielina no sistema piramidal que fundamenta a falta de coordenação motora do bebê.

Nobus (1999) atribui que Lacan qualificou esse estado primordial de desamparo como "uma verdadeira prematuridade específica do nascimento" (NOBUS, 1999, p. 107), reformulando a ideia central da teoria da fetalização. Em sua leitura da teoria da fetalização de Bolk, Lacan manteve sua ênfase no retardo somático, ou seja, no fato de que o ser humano desenvolve características adultas maduras (dentes, pelos do corpo etc.) numa fase posterior aos seus antepassados evolutivos, período prolongado de dependência infantil. Para Lacan, toda criança nasce prematuramente e ela é lançada ao mundo muito cedo, numa condição traída pelos sinais de desconforto e descoordenação motora dos meses neonatais. Essa prematuridade de nascimento explica o porquê da criança encontrar consolo em sua imagem no espelho. Pois a imagem espelhada dá à criança uma impressão de relativa maturidade física muito antes de ter atingido esse estágio. No espelho, a criança é capaz de se ver como uma unidade antes de ser realmente capaz de agir de forma independente. Por esta razão, a criança adota seu reflexo no espelho como uma imagem de si mesmo.

Essa imagem pode ser tanto o movimento expresso pelo corpo de um outro, quanto a imagem refletida num espelho do próprio corpo. A possibilidade de se projetar numa forma unificada, que no tempo cronológico do crescimento humano encontra-se em maturação fisiológica, pode ser compreendida como a tese estabelecida por Lacan para a síntese de uma das operações inerentes à teoria do estágio do espelho, o tema da identificação e do que se definiu pela transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem. Da percepção e discriminação de movimentos e de certas formas corporais na relação com o outro, as experiências da criança abrem a possibilidade de inscrições psíquicas pela imago do reconhecimento de si no estatuto da imagem do corpo. A antecipação é efeito da identificação com uma imagem, a partir do corpo do sujeito, mesmo quando a realidade de seu organismo é

marcada pela insuficiência vital e pelo inacabamento da mielinização do sistema nervoso central.

Em síntese, a formação do eu estaria vinculada à operação do reconhecimento na imagem, a partir da consideração de que há uma inscrição de um correlato psíquico que organiza uma unidade para um corpo coordenado e funcional, em detrimento de sua irrealidade orgânica em maturação. A antecipação imaginária consiste na discordância da conjugação da interpretação realizada através da imagem de si unificada, em contraste com a vivência de um corpo prematuro, em termos de referência da espécie humana. Nesse sentido, Lacan sustenta que a unidade da imagem especular se organiza através da percepção da forma total do corpo, numa antecipação pela qual o sujeito agrupa num conjunto – ou como Gestalt – elementos indispensáveis ao processo de maturação ou de controle proprioceptivo.

Não podemos deixar de apreciar o valor afetivo alcançado pela gestalt da visão do conjunto da imagem corporal, levando em conta que esta aparece contra um fundo de perturbações e discordâncias orgânicas: tudo indica que seria por aí que deveria ser buscada a origem do corpo fragmentado (*corps morcelé*) (LACAN, 1951).

Para corroborar esse entendimento Lacan encontra uma prova desse caráter indutor da imagem através da apropriação de certas considerações sobre os efeitos que a *Gestalt* tem sobre o corpo humano recorrendo a fenômenos também encontrados no reino animal. O poder evocativo da formação da imagem é lembrado por Lacan, em dois exemplos coletados da literatura da etologia que descreve tanto uma alteração fisiológica de maturação na pomba quanto o aspecto de formação de grupo em gafanhotos, quando estes animais são expostos a imagens de seus semelhantes, independente do sexo e da realidade do captado visualmente por eles.

Assim, por um lado, a solução da tese lacaniana dessa falta constitutiva se encontra fincada numa atividade psíquica do sujeito. Traduz os argumentos a fim de estabelecer uma teoria que comprovasse os efeitos constitutivos da imagem, cujo eixo explicativo será encontrado em Bolk, que provê a condição biológica exclusiva da espécie humana. Por outro lado, diante de tal insuficiência, centra-se na articulação dos efeitos do modo imaginário pelo processo do reconhecimento da imagem numa experiência especular, que parte dos resultados coletados da psicologia comparada de experimentos com chipanzés e macacos bem como da teoria estabelecida pela Gestalt, ambas de Wolfgang Köhler.

Lacan faz referência aos resultados da psicologia comparada com chimpanzés na relação com o espelho. Nestes estudos, o chimpanzé se volta para o espelho, mas nada garante que ele se reconheça na imagem do reflexo. A criança, por volta dos seis meses, ao ser chamada pelo próprio nome aponta para o espelho. A reação da criança diante do espelho, e a busca por algo detrás do espelho, fixa um resultado diferente do chimpanzé, e conota o reconhecimento de si numa imagem. Ainda mais, Lacan antecipa no texto de 1938 a noção de ato de inteligência envolvida na experiência de aquisição da instrumentalidade corporal, também vislumbrada em tais primatas, mas que no caso do filhote humano, há uma superação dessa operacionalidade dos objetos para uma abstração da ação.

A percepção da forma do semelhante como unidade mental está ligada ao ser vivo a um nível correlativo de inteligência e sociabilidade. A imitação, diante de um sinal, mostra-a, reduzida, no animal de rebanho: as estruturas ecomímicas e ecopráticas mostram sua infinita riqueza no macaco e no homem. Esse é o sentido primário do interesse que um e outro manifestam por sua imagem especular. Mas embora seus comportamentos diante dessa imagem, sob a forma de tentativas de apreensão manual, parecem assemelhar-se, essas brincadeiras só predominam momentaneamente no homem, ao fim do primeiro ano de vida, na idade em que Bühler denominou de 'idade do chimpanzé', porque nela o homem atravessa um nível semelhante de inteligência instrumental (LACAN, 1938/2003, p. 47).

Em 1938, Lacan denota observações de crianças realizadas aos moldes dos estudos de Charlotte Bühler. Contudo, em 1949, Lacan busca sustentar sua argumentação inicial e faz referência a Köhler, afirmando sobre aqueles que entre seu público se lembram do aspecto comportamental introduzido pela concepção do estágio do espelho e esclarecido por um fato da psicologia comparada. De tal modo que desenvolve uma comparação inversamente proporcional entre os resultados obtidos de pesquisas com animais primatas e sujeitos humanos, no que se refere às habilidades instrumentais ou atos de inteligência.

O filhote do homem, numa idade em que, por um curto espaço de tempo, mas ainda assim por algum tempo, é superado em inteligência instrumental pelo chimpanzé, já reconhece, não obstante como tal sua imagem no espelho. Reconhecimento que é assinalado pela inspiradora mímica do *Aha-Erlebnis*, onde se exprime para Köhler, a percepção situacional, tempo essencial do ato de inteligência (LACAN, 1949/1998, p. 96).

Billig (2006) comenta que essa descrição transmite uma postura sintética em direção à psicologia, uma vez que Lacan utiliza uma terminologia da psicologia empírica para sugerir que a psicologia comparativa produz “fatos”, assim como, ao valer-se do termo

comportamental, expressão *behaviour* utilizada pelos behavioristas franceses da época. A respeito do reconhecimento sinalizado pelo mimetismo iluminativo do *Aha- Erlebnis*, Lacan não faz referência a nenhum trabalho específico ou citação de Köhler. Segundo o autor, a gênese da expressão *Aha-Erlebnis* vem de Karl Bühler, no ano de 1907, definido como o ato de reconhecimento imediato, expresso pela mímica do Aha! E seria somente em 1925, que W. Köhler coletou experimentalmente evidências deste constructo. Na justificção de Köhler, a mímica denominada *Aha-Erlebnis* é conhecida pela noção de *insight* e revela um ato de inteligência ou raciocínio entre um problema posto e a espacialidade dos objetos diante desta situação. As condições que compõem o *insight* como bases da capacidade de raciocínio são a percepção situacional, o tempo essencial do ato de inteligência e o discernimento.

O psicólogo alemão Wolfgang Köhler é conhecido como um dos principais investigadores da teoria da Gestalt – juntamente com Max Wertheimer e Kurt Koffka, reconhecidos como os fundadores e principais autores da Psicologia da Gestalt ou Psicologia da Forma – movimento importante da psicologia alemã na primeira metade do século XX. Em seu livro *Gestalt Psychology*, de 1929, Köhler observou que a palavra é usada em alemão de duas maneiras. Um emprego denota a forma enquanto propriedade dos objetos; nessa acepção, Gestalt refere-se às propriedades gerais que podem ser expressas por termos como angular ou simétrico, descrevendo características como a triangularidade nas figuras geométricas. O segundo uso denota um todo ou entidade concreta que tem como um de seus atributos uma forma ou configuração específica. Nesse sentido, a palavra Gestalt pode referir-se, por exemplo, aos triângulos, e não à noção de triangularidade, o que desse modo, poderia servir tanto a objetos como às formas características dos objetos. A psicologia da Gestalt foi um campo experimental, que se ocupou em trazer questionamentos que foram contrários à visão mecanicista e à visão atomística. É um campo de pesquisa que trouxe uma série de novas perspectivas para entender a maneira com a qual o homem percebe o mundo.

Outro trabalho de Köhler que provavelmente Lacan utiliza sua noção de Gestalt e de *insight* foi *The mentality of Apes*, de 1925, de onde talvez tenha extraído os conceitos de ato de inteligência e planejamento antecipado. Sobre isso, Billig (2006) assinala que há boas razões para questionar o “fato” da psicologia comparada a partir do qual Lacan afirma começar, uma vez que ele dá a impressão de a criança humana é a única capaz de reconhecer a imagem do seu próprio corpo no espelho e em ser cativado por tal percepção de Gestalt. Lacan afirma que os chimpanzés, ao contrário, logo se cansam com uma imagem que parece ter pouco significado. Assim, segundo o autor, as descrições de Lacan estariam em desacordo com o relato de Köhler,

posto que ele descreve que alguns chimpanzés ficam extremamente interessados em suas imagens refletidas quando apresentadas com mão-espelhos e que esse interesse não se extingue, como Lacan indica. Ao contrário, para Köhler eles continuam absorvidos pelo reflexo da imagem. Para ilustrar este ponto:

Rana [chimpanzé] olhou atentamente para o espelho, olhou para cima e depois para baixo, colocou-o no rosto e lambeu uma vez, começou a fazê-lo novamente, e de repente sua mão livre levantou-se e agarrou - como se estivesse em um corpo atrás do espelho. Mas quando ela agarrou o vazio, deixou cair o espelho em seu assombro. Em seguida, levantou-a de novo, olhou fixamente para o outro macaco, e novamente foi enganada para agarrar-se a um espaço vazio. Ela ficou impaciente e golpeou violentamente atrás do espelho. Segurou o espelho em uma das mãos, afastou o outro braço o mais possível atrás das costas, olhou com um ar de indiferença para o outro animal, e de repente fez um salto com a mão livre. No entanto, logo ela se acostumou e concentrou todo o seu interesse na imagem; esse interesse não diminuiu...Mas permaneceu tão forte que o jogo com as superfícies refletoras se tornou um dos mais populares e permanentes de suas "modas" (KÖHLER apud ENGELMANN, 1978, p. 52).

LODEWIJK BOLK

Em 1896, Lodewijk, mais comumente conhecido por Louis Bolk formou em Medicina na Universidade Amsterdam e logo começou a trabalhar como assistente num laboratório que ensinava sobre a anatomia humana. Em 1900, fundou uma revista onde publicou alguns dos seus estudos sobre o cerebelo e após um ano, suas publicações lhe permitiram a criação do Comitê Acadêmico Internacional para Pesquisa do Cérebro. Em seguida, suas investigações sobre o sistema nervoso renderam um doutorado honorário da Universidade de Leiden. Trabalhou na primeira instituição criada especificamente para o departamento de Anatomia e Embriologia da Universidade de Amsterdam. Em 1918, concederam-lhe o título de Magnífico Reitor na mesma cerimônia em que apresentou pela primeira vez em público sua teoria da fetalização, que será objeto de vários trabalhos. Alguns anos mais tarde foi premiado com o título de Comendador da Ordem de Orange-Nassau (uma ordem honorífica holandês). Em 1927, recebeu a medalha Retzius sueca por seu trabalho sobre o cerebelo. Ao longo de sua carreira, Bolk permaneceu como investigador e professor (no final de sua vida, todos professores holandeses de anatomia havia sido seus alunos). Ele era um cientista da mais alta ordem e levou mais de trinta anos de pesquisa científica ao mais alto nível. Sua bibliografia consiste de cerca de duas centenas de artigos, escritos entre 1894 e 1929, nos principais idiomas europeus (além do Holandês, Inglês, Alemão e Francês), uma média de oito comunicações por ano.

No entanto, desde 1918, sua teoria da fetalização multiplicou-se rapidamente em comunicações realizadas em congressos e continuou seus estudos e publicações. O próximo passo seria a conclusão de sua teoria, sobretudo pela conferência O problema da Antropogênese, proferida e publicada em Iena, em 1926. O artigo foi nomeado de *Le problème de la genèse humaine*. A proposta do anatomista foi desenvolver um estudo acerca da gênese humana no que diz respeito, principalmente, a organização estrutural da forma do corpo humano, no qual destaca a importância desse princípio para uma forma de compreensão do homem. Neste trabalho especifica que este entendimento não é característica somente do humano, mas seu valor também é estabelecido em outros primatas. Para este caso, seu significado é realmente tão predominante na gênese do homem que quase adquire o valor de um fator de evolução específica.

Proponho-me a fazer a gênese do homem inteligível à base de um princípio de evolução que, até agora não encontrou nenhuma aplicação na biologia. Nesta conferência, queremos limitar com nitidez para destacar a importância deste princípio para a compreensão do homem. Na verdade, temos a oportunidade assim para mostrar que este princípio não é mais especificamente humano, mas o seu valor também é estabelecido em outros primatas; mas seu significado é realmente tão predominante na gênese do homem, que adquire, para este caso, o valor de um fator de desenvolvimento específico (BOLK, 1926, p. 244).

Em seguida, justifica que a essência de sua teoria está apoiada nos princípios biológicos e na pesquisa anatômica, descritas a partir de observações realizadas por vários autores, principalmente sobre estudos da forma do corpo humano. Sobre esse aspecto, Bolk (1926) enfatiza que as pesquisas da anatomia comparativa, eram quase sempre vistas como uma ciência anexada a genealogia, sendo questionável a premissa de que a semelhança morfológica seria uma medida do grau de afiliação, considerado em seu desenvolvimento evolutivo. No entanto, essa aplicação exclusiva contém um perigo: a negligência do estudo das formas como fenômenos e a finalidade da anatomia comparada dos primatas. Seria preciso primeiro ter uma explicação sobre o desenvolvimento da forma humana antes de tentar reconstruir a árvore filogenética do homem.

No entanto, para Bolk (1926) um fato é inegável, que a forma do corpo humano, ao longo do tempo, surgiu gradualmente a partir do mundo animal e que as linhagens evolutivas de todos os primatas atuais, incluindo humanos, devem de alguma forma ou lugar se coincidirem. Não questiona, então sobre a origem filogenética comum a humanos e outros primatas, nem refuta a teoria da seleção natural, mas examina para o problema da forma do

corpo do homem e busca saber como ele veio a ser quem é. A fim de alcançar algum esclarecimento sobre isso, propõe as seguintes questões: qual é a essência do homem como uma organização? O que é a essência do homem como estrutura corporal? Ao propor a estudar a fisiologia da anatomia humana, Bolk quer mostrar que "a essência da nossa forma é o resultado de um fator orgânico devido ao desenvolvimento interno, que atua através de uma parte específica do corpo" (1926, p. 246). O aspecto morfológico retrata seu principal interesse e aponta que para a resolução do problema da antropogênese, deve-se abarcar tanto o aspecto fisiológico quanto o anatômico. Assim, os dois problemas estão ligados e a resposta para a primeira depende da resposta do segundo, pois a essência do homem como uma forma, representa a face anatômica e a essência do homem como corpo representa a face fisiológica. O que só pode ser conduzido a partir do estudo das semelhanças e diferenças anatômicas entre os seres humanos e outros primatas, fornecendo assim a resolução do problema das origens humanas.

Sobre o caráter das peculiaridades da estrutura humana, Bolk (1926) distingue dois grupos: os caracteres primários e os consecutivos. Estes últimos são definidos como fenômenos de adaptação, adquiridos para erigir locomoção, condicionados verticalmente segundo as necessidades ou devidos à regulação funcional sob a influência externa. Os caracteres primários, ao contrário, são aqueles que nascem da ação de fatores evolutivos que condicionaram a gênese da forma do corpo humano. Essa lógica de dois grupos de caracteres faz com que a sua posição seja crítica sobre o darwinismo, entendida como uma teoria da transformação das espécies sob a influência do meio ambiente. Bolk (1926) aceita que mudanças corporais ocorram devido à adaptação ao ambiente, sendo compreendidas pelos caracteres consecutivos. No entanto, ele postula que, acima de tudo, são os fatores internos que impulsionam as transformações da espécie. Assim, os caracteres primários incitam a realizar alterações no próprio organismo, permitindo uma transformação de origem interna. Neste grupo, particularmente, observa que:

Examinando profundamente os chamados caracteres primários do homem e ainda considerá-los à luz da ontogenia de primatas, é impressionante ver que todos eles têm em uma propriedade comum: são as condições ou estados fetais permanentes. Em outras palavras: propriedades estruturais que são passageiras em fetos de outros primatas são estabilizadas no homem (BOLK, 1926, p. 248).

Assim, o período do estado fetal corresponde ao aspecto semelhante do homem com os primatas e em seguida, distingue ambos no que diz respeito ao crescimento evolutivo,

qualificando o homem como conservador, enquanto ao primata seria propulsor. Essa diferença se apresenta tanto do ponto de vista morfológico quanto fisiológico, devido ao resultado do seu crescimento lento, sendo esta uma característica essencial no homem enquanto forma e organização. Esta constatação revela que o desenvolvimento do homem reteria caracteres correspondentes a um estágio transitório do desenvolvimento dos símios. Daí formula que o princípio do processo de fetalização está relacionado ao retardamento das origens humanas, caracterizando que “o homem é, do ponto de vista corporal, um feto primata que atingiu a maturidade sexual” (1926, p. 249). Disso resulta, necessariamente, que os todos os caracteres primários específicos da descendência humana existem apenas numa curta fase do crescimento individual. As qualidades humanas, portanto, não são adquiridas; elas já existiam na organização de seus antepassados, a título transitório. Uma adaptação funcional no que concerne aos caracteres consecutivos e uma estabilização em relação aos caracteres primários: estes são os dois fatores que criou o homem.

Durante o desenvolvimento da prole, a forma do recém-nascido adquiriu um caráter fetal, tornou-se, eu poderia dizer, foetalisé. A humanização da estrutura historicamente realizada era, na sua essência, o resultado da fetalização. Esta é a base do que eu poderia chamar de hipótese de fetalização (BOLK, 1926, p. 251).

A partir disso, Bolk (1926) conclui sobre uma possível resposta à questão fundamental colocada no início: qual é a essência da estrutura humana, que baseia o contraste visível entre a gestalt humana e os macacos? Esta resposta é a seguinte: a natureza fetal da sua estrutura. Essa permanente condição fetal tem como fator causal aquilo que ele chama de retardamento da evolução, na medida em que atrasa o desenvolvimento da forma humana, como um todo, até atingir o seu caráter típico. Ambos são fatores de evolução comum ao organismo, pois permanecem mais ou menos longe de seu propósito final, como resultado da interrupção da evolução geral. Nesse sentido, a evolução é vista por Bolk não como um resultado, mas um princípio; por sua natureza organizada, pensada como um todo e como uma unidade. O todo orgânico molda o corpo com suas próprias influências de modificação entre as partes isoladas, com suas próprias leis de crescimento e diferenciação.

Em seguida, apresenta uma série de caracteres físicos para a afirmação de que todos eles resultam de uma única causa interna, que determinam a forma e toda a existência do homem. Por exemplo, o recém-nascido humano demanda um longo tempo para substituição dos dentes permanentes e dos cabelos, bem como para o surgimento dos pelos e pigmentação, o movimento

de erguer o corpo até começar a andar, o peso do cérebro que não corresponde com as forças do bebê para sustentá-lo e etc. Esse conjunto de caracteres leva Bolk (1926) a sinalizar o fato de que o atraso afeta todo o curso da vida humana, visto que o período de crescimento humano excede o de qualquer outro mamífero, pois o feto humano necessita de um longo prazo de dependência dos pais para sobreviver. Nessa passagem, sintetiza que:

Se eu resumir o que foi dito, ficou estabelecido que o homem como uma forma e como uma organização, ou seja, pontos de vista morfológico e fisiológico, é caracterizado por uma propriedade muito especial: o que é essencial em forma é o resultado de um fetalização, que é essencial para a sua existência, o resultado de um atraso. Ambas as propriedades estão em estreita dependência de causalidade porque a fetalização da forma é uma consequência obrigatória que retarda a evolução estrutural (BOLK, 1962, p. 254).

Portanto, compreende-se que o curso da vida humana foi adiado (Bolk diz que este atraso começou em homínídeos, o que o colocaria como um princípio da evolução humana), e aquilo que nos primatas se desenvolve rapidamente, nos seres humanos o crescimento é lento possui como causa uma desaceleração generalizada em todas as funções, incluindo, mas não só, a morfogênese. Para explicar isso, traz a hipótese de uma alteração do sistema endócrino, com efeitos hormônios responsáveis em suprimir ou retardar o crescimento humano.

WOLFGANG KÖHLER

O psicólogo alemão Wolfgang Köhler é considerado um dos mais famosos teóricos da psicologia animal, sobretudo pela publicação de "*The mentality of Apes*"¹⁰, em 1917, sendo um marco relevante aos estudos empíricos com macacos e que serviu de base para vários estudos posteriores. Além disso, Köhler também é reconhecido como um dos três fundadores da psicologia da Gestalt, juntamente com Kurt Koffka e Max Wertheimer. De início, estudou nos campos da filosofia e das ciências naturais nas universidades de Tübingen, Bonn e Berlim. Após o fim do doutoramento em 1909, ele começou sua carreira de professor na Universidade de Berlim. Neste mesmo ano, atuou como colaborador em estudos experimentais que lhe permitiram explorar alguns aspectos da teoria da Gestalt, no Instituto de Psicologia de Frankfurt. Em 1913 foi nomeado diretor da Estação Antropoide, da Academia Prussiana de Ciências, inaugurada em Tenerife, onde permaneceu até 1921. Durante esse período, ele

¹⁰ A obra original de Köhler publicada em 1917 como *Intelligenzprüfungen an Anthropoiden*. A versão em inglês *The Mentality of Apes* foi publicada em 1925.

começou seus famosos experimentos sobre resolução de problemas com chimpanzés, tentando avaliá-los em termos de aprendizagem, percepção e inteligência. Estes experimentos foram realizados principalmente durante os primeiros seis meses da estadia em Tenerife.

A obra “*The mentality of Apes*” foi o resultado das pesquisas conduzidas por Köhler com primatas e na introdução ele apresenta a proposta geral do trabalho, com o objetivo de investigar a seguinte questão: "se os animais se comportam com inteligência e perspicácia sob condições que exigem tal comportamento" (1925, p. 1). Para tanto, Köhler desenhou uma série de experimentos com um aspecto em comum: um obstáculo tinha de ser superado (andar, usar uma ferramenta etc.) para alcançar um objetivo, normalmente um pedaço de fruta, que estivesse na visão do símio, mas fora de seu alcance. De acordo com o psicólogo:

Como a experiência mostra, não se fala de comportamento como sendo inteligente, quando seres humanos ou animais atingem seu objetivo por uma rota direta e inquestionável que sem dúvida surge naturalmente de sua organização. Mas o que nos parece "inteligente" tende a ser colocado em jogo quando as circunstâncias bloqueiam um curso que nos parece óbvio, deixando aberto um desvio pela via que o ser humano ou animal toma, de modo a cumprir a situação (Köhler, 1925, p. 3-4).

Kohler (1925) definiu operacionalmente a inteligência a partir da utilização de métodos qualificados como indiretos: desvios, caminhos indiretos, rotas indiretas para superar os obstáculos. Todos os seus experimentos foram montados desta maneira, o caminho direto para o objetivo – geralmente uma banana – ou um caminho indireto sendo bloqueado por algum obstáculo. Assim, ele teve o cuidado de conduzir os experimentos de modo a exigir que algo além da maneira rotineira que um chimpanzé poderia tomar em seu comportamento normal.

Como o acaso pode trazer os animais para lugares mais favoráveis, também ocasionalmente acontecerá que uma série de coincidências puras os conduzirão desde o seu ponto de partida até o objetivo, ou pelo menos aos pontos de onde um caminho direto conduz ao objetivo. Isto é válido em todos os testes de inteligência (pelo menos em princípio: quanto mais complexo o problema a ser resolvido, menos probabilidade existe de que ele será resolvido por acaso). E, portanto, não temos apenas de responder à questão de saber se um animal em um experimento vai encontrar a via indireta (no sentido mais amplo da palavra) em tudo, temos de acrescentar a condição limitativa, que os resultados do acaso devem ser excluídos (KÖHLER, 1925, p. 15).

Para separar o comportamento de resolução de problemas do comportamento normal ou casual, Kohler (1925) projetou uma série de experimentos que exigiam o uso de implementos como cordas, varas e caixas para obter o objetivo. Nesses experimentos, a banana não podia ser

alcançada fazendo apenas um desvio, ou pelo corpo do animal sendo adaptado à forma de seu ambiente, mas, em vez disso, exigia que o chimpanzé utilizasse os objetos disponíveis como intermediários. Por exemplo, em uma série de experimentos o alimento foi colocado fora do alcance do animal, mas uma corda foi presa a ele, o fim do qual foi colocado ao alcance. Nesse simples caso, nenhum dos animais hesitou em puxar a corda para atraí-los. Em uma variação mais complicada, várias cordas foram usadas, às vezes cruzando-se, com apenas uma das cordas anexadas.

Assim, Köhler começou seus experimentos determinando uma "zona de dificuldade dentro da qual os testes de chimpanzés terão alguma utilidade" (KÖHLER, 1925, p. 25). Um problema foi projetado com um cesto de fruta amarrado numa extremidade de uma corda, que passava através de um anel de dois metros do chão, enquanto a outra extremidade ficava pendurada no ramo da árvore com um nó. Sultan foi o chimpanzé escolhido para essa tarefa. Enquanto ele conseguia resolver puxando a corda de modo que a cesta batia no anel e a fruta conseqüentemente caía no chão, ele nunca chegou perto da melhor solução: remover o nó do ramo e deixar cair a cesta de frutas. Ele acreditava que as condições dessa experiência eram muito complicadas para determinar o que causou o comportamento observado, então ele passou a fazer situações mais simples. Em cada situação observada, Köhler (1925) definiu os experimentos de modo a distinguir entre o comportamento casual que coloca o sujeito em contato com o objetivo e realização genuína:

Há, em geral, uma diferença áspera entre a realização genuína e as imitações acidentais. A conquista genuína leva ao lugar com uma única ocorrência contínua, uma unidade, por assim dizer, tanto no espaço quanto no tempo, até o objetivo. Uma solução bem-sucedida, consiste em uma aglomeração de movimentos separados, que começam, terminam, recomeçam, permanecem independentes uns dos outros em direção e velocidade (KÖHLER, 1925, p. 16-17).

Além destas diferenças formais, Köhler também descreveu em detalhe alguns aspectos das soluções inteligentes:

Nessas [soluções genuínas], o curso suave e contínuo é bruscamente dividido por um comportamento abrupto em relação ao precedente, algo geralmente extremamente característico. Ao mesmo tempo, esse processo como um todo corresponde à estrutura da situação, à relação de suas partes entre si (KÖHLER, 1925, p. 198).

O último aspecto que Köhler (1925) ressalta é que o comportamento inteligente depende da estrutura da situação que a traz, isto é, do critério estabelecido para discriminar uma solução genuína de uma solução casual:

Podemos, a partir de nossa experiência, distinguir acentuadamente entre o tipo de conduta que, desde o início, surge de uma consideração das características de uma situação e outra que não. Só no primeiro caso falamos de insight, e somente esse comportamento de animais nos parece inteligente, o que leva em conta desde o início e depois passa a tratá-lo em um curso suave e contínuo. Daí segue esta característica: estabelecer como critério de insight, o aparecimento de uma solução completa com referência ao todo do layout do campo. O contraste com a teoria acima é absoluto: para que divisões naturais fossem coerentes com a estrutura da situação, então, uma coerência com a situação óptica é absolutamente necessário (KÖHLER, 1925, p. 198-199).

Dentre a gama de aspectos do comportamento inteligente que Köhler (1925) descreveu, outro foi acrescentado e considerado especialmente significativo: durante a pausa entre qualquer atividade que precede o início da solução genuína, "os chimpanzés mostram, de fato começarem com algo muito parecido com um inventário da situação. E esta pesquisa dá então origem ao comportamento necessário para a solução" (KÖHLER, 1925, p. 198). Outra vez, ele enfatizou a importância desse estágio perceptivo antes da solução genuína:

Depois de muitas falhas, ele [o chimpanzé] finalmente se senta silenciosamente. Mas seus olhos vagueiam e logo se fixam na pequena árvore que estava um pouco atrás dele, e de repente, quebra um ramo e imediatamente puxa o objeto para perto dele (KÖHLER, 1925, p. 111-112).

Essa estreita relação entre o comportamento inteligente e a estrutura visual de uma situação também poderia explicar casos em que uma solução genuína não surge e o chimpanzé responde com adivinhação. Tal é o caso quando a estrutura e a complexidade do campo excedem suas habilidades visuais. Köhler (1925) acreditava que uma teoria do comportamento inteligente deveria ser precedida por uma teoria das formas espaciais: "Gradualmente, torna-se óbvio que compreender as capacidades e os erros dos chimpanzés em situações visualmente dadas é totalmente impossível sem uma teoria das funções visuais, especialmente configuradas no espaço " (KÖHLER, 1925, p. 136).

De acordo com Arno (1978) no geral, as observações de Köhler faziam parte da descoberta de que os chimpanzés exibem uma forma de atividade genuinamente inteligente, dos quais são capazes de visualizar a conexão necessária que existe entre as partes do desempenho que observam e os fundamentos de uma situação. Essas soluções genuínas foram

descritas como inteligentes, usando para isso o termo *einsichtig*, a forma adjetiva de *einsicht*. Quando o livro foi traduzido para o inglês, o termo *insight* foi usado. Essa palavra inglesa foi importada por diversas línguas, inclusive para o português. O critério de *insight* se deve ao aparecimento de uma solução completa com relação à estrutura do campo. O chimpanzé, após o *insight*, realiza genuinamente o caminho que leva à solução do problema, inclusive utilizando utensílios para a nova função ou até inventando-o. Engelmann (1978) distingue que o termo *insight* era utilizado por Köhler para descrever uma solução momentânea, diferentemente da atribuição causal que alguns psicólogos supostamente alegam. Em outras palavras, a mudança de *einsicht* para *insight* muda o foco do comportamento para os processos hipotéticos que causam esse comportamento. Isso foi além do que Köhler originalmente propôs, pois, a solução de um problema requisita exclusivamente uma reorganização do campo para o sujeito. Procurar fatores que ocorreram no passado não lhe interessam.

Köhler (1925) afirmou em seu livro que o propósito de seus estudos não possuía um caráter teórico e que na verdade o objetivo era primariamente empírico. Ao abordar se os chimpanzés apresentam ou não um comportamento inteligente, dois objetivos empíricos coexistiram: em primeiro lugar, apontar as limitações da situação casual, aleatória, um elemento central para explicar e comparar do comportamento inteligente; e, segundo, "discutir os experimentos apenas a partir dos pontos de vista que surgem diretamente deles" (KÖHLER, 1925, p. 228). Assim, Engelmann (1978) aponta que o objetivo das experiências de Köhler foi determinar se os macacos se comportam com inteligência e percepção e para verificar o grau de relação entre os macacos antropoides e o homem, sobretudo crianças. Sua conclusão foi que os chimpanzés, de fato, "manifestam um comportamento inteligente do tipo geral conhecido em seres humanos", desde que o teste experimental seja cuidadosamente projetado para incluir os limites de dificuldade e funções dentro do qual "o chimpanzé pode, possivelmente, mostrar *insight*, 'e advertiu que' em geral, o experimentador deve reconhecer que todo teste de inteligência é um teste, não apenas da criatura examinada, mas também do próprio experimentador" (KÖHLER, 1925, p. 265).

CONCLUSÃO

A proposta inicial desta pesquisa foi elaborar um levantamento sobre os principais conceitos relacionados à teoria do estágio do espelho, em especial entre os anos de 1936 a 1951. Foram acompanhados histórica e conceitualmente tanto os textos lacanianos, quanto os

vestígios do pensamento de outros autores, de diferentes áreas, que de algum modo – às vezes até sem menção ou citação concreta – influenciaram a abordagem de Lacan sobre o tema.

A delimitação do período acima exposto tem como proposta analisar temas que aparecem no início do pensamento lacaniano e que desaparece – boa parte deles, ao menos – de textos posteriores, sem uma explicação mais minuciosa. Como exemplo podemos citar a importância que Lacan confere a família, no texto de 1938, a princípio comparecendo como uma perspectiva da realidade social. Ali, os membros do grupo familiar fornecem o modelo inicial das relações sociais que se estabelecem, haja visto que o complexo de intrusão, no qual aparece pela primeira vez a concepção do estágio do espelho, tem como central a figura do irmão, sendo esta expressão da primeira relação com o outro, onde Lacan descreve uma série de reações físicas e psíquicas daí oriundas. Essas dimensões tomam outros contornos em textos posteriores.

O arcabouço teórico utilizado nesses primeiros textos, distinto das abordagens subsequentes a década de 1950, famoso período reconhecido como retorno à Freud, também manifestam a diferença encontrada no pensamento lacaniano, quando analisado a partir de uma abordagem histórica e conceitual.

As referências que Lacan utiliza, o campo conceitual do qual ele se cercou, revelam o intuito de estabelecer a importância da função do imaginário na constituição do sujeito. Ele está preocupado em estabelecer uma explicação para os fatos psíquicos a partir de fundamentos científicos e, nesse sentido, a experiência especular surge como um possível modelo teórico sobre o qual ele sustentará suas proposições iniciais.

O caminho adotado por Lacan, de partida, está na condição prematura do homem ao nascer. A prematuração é um ponto que comparece em diversas exposições desse período e diz respeito a uma condição específica do ser humano ao nascer. Essa concepção, retirada das ciências biológicas (sendo uma das referências que Lacan fez menção ao autor), corrobora para o fato do infante estar inicialmente em dependência de um outro. Essa falta constitutiva, vinda do próprio corpo, comparece para demonstrar o valor da experiência especular ao ocupar uma função compensatória da prematuração. A constituição do imaginário se justifica a partir dessa concepção biológica.

Eis, então, o papel fundamental da teoria do desenvolvimento infantil, já que é necessário um desenvolvimento evolutivo corporal e cronológico da criança. Lacan se apoia nos teóricos da psicologia infantil, relacionando o trabalho destes sobre a maturação corporal que se dá nos seis primeiros meses de vida do infante até que se chegue a experiência especular.

Esse período não pode ultrapassar os seis anos. Durante esse tempo são observados uma série de manifestações geradas que envolve um outro – pequeno semelhante –, na medida em que esse outro também possui uma idade delimitada, entre os dois e três anos. Essa parceria infantil fornece o início da constituição de um “eu”, que se dá numa relação originariamente conflitiva com o outro, na qual se destaca a expressão das tendências agressivas.

As características advindas dessa relação de rivalidade permitem instituir a gênese imaginária do eu e do outro promovida pelo transitivismo infantil e ilustram o comportamento habitual de uma criança, no estágio em que ela se confunde com o outro e assume condutas e posturas com as quais se identifica. A identificação específica dessas condutas sociais fornece o modelo para a constituição da realidade, provido pela imagem espelhada ou pelo outro semelhante. Essa experiência originária propicia a antecipação imaginária de um corpo coordenado e funcional, protótipo do eu, em contraste com a vivência da prematuração da criança. Essa é a condição fundamental para a experiência especular, cuja gênese encontra-se condicionada sobre o domínio do corpo próprio, o que explica a prevalência compensatória imaginária do sujeito. Tais aspectos convergem para o fato da insuficiência orgânica móbil ser subjacente ao cenário da emergência do fenômeno da captação especular, constitutiva do modo imaginário, processo fundamental à origem dessa instância alienada que projeta na realidade as suas formações imaginárias, primeiro esboço do eu.

Lacan encontra essa precedência do imaginário ao admitir o princípio da prematuração, exclusivo da espécie humana, permitindo justificar, em conformidade com proposições retiradas da própria ciência biológica, a presença e a formulação de um campo imaginário, cuja lógica poderia ser irreduzível a mecanismos neurofisiológicos, e, portanto, seria concebível a constituição do sujeito.

A justificativa que Lacan encontra para corroborar com os efeitos formativos da imagem provém de um aproveitamento muito particular de Lacan dos experimentos da psicologia comparada. Seu intuito está em atestar o valor que a antecipação da percepção visual tem sobre o organismo, visto que o fascínio da criança diante de sua imagem do espelho, demonstra o poder do domínio imaginário, resultante da forma gestaltista da imagem. O apoio da psicologia animal seria para contrastar com o caso do filhote humano, que padece de um certo atraso no amadurecimento da inteligência instrumental em relação aos símios mais evoluídos. O caráter que Lacan quer apontar como fundamental é do interesse permanente da criança pela imagem e a expressão jubilatória de sua descoberta.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, P. (1992). *Hegel no espelho do Dr. Lacan*. Rev. Psicologia USP, v. 6, nº 22.
- ARANTES, P.; in SAFATLE, V. (2003). *Um limite tenso, J. Lacan entre a filosofia e a psicanálise*. São Paulo: Unesp.
- BALDWIN, J. M. (1894). *Imitation: A chapter in the natural history of consciousness*. Mind, 3, 2 6–55.
- BALDWIN, J. M. (1968). *Mental development in the child and the race*. New York: Augustus M. Kelley. (Obra originalmente publicada em 1894)
- BARZILAI, S. (1999) *Lacan and the Matter of Origins*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- BILLIG, M. (2006). *Lacan's misuse of psychology: evidence, rhetoric and the Mirror Stage*. Theory, Culture & Society
- BONI JÚNIOR, J. O. (2010). *O estádio do espelho de Jacques Lacan: gênese e teoria*. Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica pelo instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- BOLK, L. (1926). *Le problème de la genèse humaine*. French: in Arguments.
- BORCH-JACOBSEN, M. (1991). *Lacan, the absolute master*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- BÜHLER, C. (1959). *Infancia y juventude*. Buenos Aires: Espasa-calpe. (Obra originalmente publicada em 1931).
- BÜHLER, C. (1934). *El desarrollo psicológico del niño*. Buenos Aires: Losada. (Obra originalmente publicada em 1927).
- ENGELMANN, A. (1978). *Wolfgang Köhler*. São Paulo: Ática.
- FREUD, S. (2004). *Pulsões e destinos da pulsão*. Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Rio de Janeiro: Imago Ed. (Obra originalmente publicada em 1915)
- GALLOP, J. (1992) *Lendo Lacan*. Rio de Janeiro: Imago Ed.
- GALVÃO, I. (1998). *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Rio de Janeiro: 2. ed. Vozes.

- GRATIOT-ALFANDÉRY, H. (2010). *Henri Wallon*. Recife: Massangana.
- JALLEY, E. (2009). *A criança no espelho*. Rio de Janeiro: Cia. De Freud.
- JULIEN, P. (1993) *O Retorno a Freud de Jacques Lacan: aplicação ao espelho*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- KÖHLER, W. (1925) *The Mentality of Apes*. London: Routledge and Kegan Paul.
- LACAN, J. (1932). *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Obra originalmente publicada em 1987)
- LACAN, J. (1938). *Os complexos familiares na formação do indivíduo – ensaio de análise de uma função em psicologia*. In LACAN, J. *Outros escritos*, pp.23 – 90. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra originalmente publicada em 2003).
- LACAN, J. (1946). *Formulações sobre a causalidade psíquica*. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 152-194. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra originalmente publicada em 1998).
- LACAN, J. (1948). *A agressividade em psicanálise*. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 104 – 126. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra originalmente publicada em 1998).
- LACAN, J. (1949). *O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos revela a experiência psicanalítica*. In LACAN, J. *Escritos*, pp. 96 – 103. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra originalmente publicada em 1998).
- LACAN, J. (1951). *Some reflections on the ego*. Disponível em: <<http://www.ecole-lacanienne.net/bibliotheque>>. Acesso em: 2015.
- OLGIVIE, B. (1991). *Lacan: a formação do conceito de sujeito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- ROUDINESCO, E. (1988). *História da psicanálise na França*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- ROUDINESCO, E. (1994). *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Companhia das letras.
- ROUDINESCO, E. & PLON, M. (1998) *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- ROUDINESCO, E. (2003). *The mirror stage: an obliterated archive*. In *The Cambridge companion to Lacan*. Cambridge, UK: Syndicate of the University of Cambridge.

SAFATLE, V. (2005). *A paixão do negativo*. São Paulo: Unesp.

SCARFE, A. C. (2009). *James Mark Baldwin with Alfred North Whitehead on Organic Selectivity: The "Novel" Factor in Evolution*. *Cosmos and History: The Journal of Natural and Social Philosophy*, vol. 5, no. 2.

SIMANKE, R. T. (2002). *Metapsicologia lacaniana: os anos de formação*. Curitiba: Editora UFPR.

WALLON, H. (1955). *A evolução psicológica da criança*. São Paulo: Martins Fontes (Obra originalmente publicada em 1941)

WALLON, H. (1971). *As origens do caráter na criança*. São Paulo: Difusão Européia do Livro. (Obra originalmente publicada em 1934)